

O CRISTIANISMO DE JESUS CRISTO

AS CARTAS DE PAULO NÃO SÃO O
EVANGELHO DE JESUS CRISTO



AFONSO MENESES

O CRISTIANISMO DE JESUS CRISTO

As Cartas de Paulo não são o Evangelho de Jesus Cristo

Afonso Meneses

Copyright © 2024 Afonso Irene de Meneses Todos os direitos reservados

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência e não é intencional do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem permissão expressa por escrito do editor.

Dedico este livro a todas as pessoas, que antes tomar suas decisões, consideram que não podem tomar decisões como lhes convenha porque, antes de tudo, consideram que têm uma alma para Deus.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	8
A lógica da Bíblia para o ser humano	9
A lei de Deus e os setenta primeiros capítulos da Bíblia	10
O livro foi editado	11
As cartas de Paulo não são o Evangelho	11
O ESPÍRITO DE JESUS CRISTO E O ESPÍRITO DO SER HUMANO	13
O Credo Niceno norteou a minha teologia	13
O Espírito Santo como a essência de Deus, e o Espírito de Jesus.....	14
O Espírito Santo como Dom.....	16
O espírito do ser humano é um anjo ainda não glorificado	17
CAPÍTULO 1	22
A LÓGICA DA BÍBLIA PARA O SER HUMANO	22
No Evangelho de Jesus Cristo	25
No livro de Apocalipse.....	27
CAPÍTULO 2.....	30
A LEI DE DEUS E OS SETENTA PRIMEIROS CAPÍTULOS DA BÍBLIA	30
A TEOLOGIA TODA AUTORIDADE A JESUS CRISTO.....	30
Mito sagrado, profecia e história	35
Como foram criados os anjos	38
O Seio de Abraão e o Céu	40
O isolamento religioso do cristianismo	45
O PROCESSO CIVILIZATÓRIO DA HUMANIDADE	47
Deus ensina a todas as pessoas	47
O Abraão pré-histórico e o ancestral dos judeus.....	48
A falta que o altar faz à família.....	53
Ismael e Israel, os representantes de todos os seres humanos	57
O protoevangelho se harmoniza com o livro de Apocalipse	61
A lei de Deus é muito antiga.....	65
A verdade do dia a dia, a oração e a compaixão	67
José, um “tipo próprio do Cristo”?.....	77
Judá era um príncipe autoritário, mas era sensível à verdade	80
José não aprendeu a sabedoria dos anjos	82
Em vez de verdade e compaixão, mentira vingança.....	83
VOCÊS VIRAM POR SI MESMOS.....	89
Os judeus modernos e a lei de Moisés.....	89

O temor a Deus, nos torna irmãos.....	90
O universo espiritual é formado por Deus e pelos anjos	92
Os sinais eram para os israelitas	95
O mito fundador e a natureza de Deus.....	98
Deus é muito poderoso	98
A verdadeira liberdade dos cristãos.....	100
Não foi Moisés que deu a vocês o pão do Céu	102
Qual era a religião de Jetro?	103
O povo de Deus.....	104
CAPÍTULO 3.....	107
O LIVRO FOI EDITADO	107
O Reino de Deus	110
A volta de Jesus, o último dia e o juízo final.....	112
Filho se submeteu ao Pai	113
João pregava somente o testemunho de Jesus Cristo.....	114
O Céu povoado por seres humanos já era uma realidade	114
A advertência contra os impostores	116
Os cavaleiros do Apocalipse não são profecias	118
A grande tribulação ocorrerá uma só vez	120
Uma revelação para interpretar a profecia do fim do mundo	121
Contando as profecias do livro de Apocalipse	123
A única profecia contida no livro de Apocalipse	123
Interpretação da única profecia do livro de Apocalipse	124
Apocalipse desvendado: ainda há esperança	126
A única menção à ira do Cordeiro e o fim do Mal.....	127
O fechamento do livro de Apocalipse	130
CAPÍTULO 4.....	132
AS CARTAS DE PAULO NÃO SÃO O EVANGELHO	132
O direito à liberdade religiosa.....	132
O APÓSTOLO PAULO DESCRITO NO LIVRO DE ATOS DOS APÓSTOLOS ATÉ (ATOS 15:35)	132
O caminho de Damasco	132
Paulo inicia seu ministério de pregador itinerante.....	134
A CARTA AOS ROMANOS.....	137
A revelação que me foi dada sobre o abominável da desolação	140
Newton me levou ao profeta Daniel.....	141

A justificação antecipada, somente pela graça, mediante a fé	146
O Senhor já fez a sua parte, e você o que vai fazer?	147
Textos que revelam a arrogância do abominável da desolação	149
A CARTA I AOS COTÍNTIOS	160
Estranhas sãs doutrinas	160
A CARTA II AOS CORÍNTIOS	164
A lei de Deus que trouxe a morte	164
As intrigas entre os apóstolos	165
Vitimização imprópria aos discípulos de Jesus	166
A CARTA AOS GÁLATAS	166
A anomia segundo aos Gálatas	166
O partidarismo religioso do impostor	168
A maldição da lei e o antissemitismo	169
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173

PRÓLOGO

O homem realmente necessita de ideias gerais e convicções que lhe deem um sentido à vida e lhe permitam encontrar seu próprio lugar no mundo. Pode suportar as mais incríveis provações se estiver convencido de que elas têm um sentido. Mas sente-se aniquilado se, além dos seus infortúnios, ainda tiver de admitir que está envolvido numa “história contada por um idiota”. O papel dos símbolos religiosos é dar significação à vida do homem

(Jung)

Os meus livros de teologia tratam o assunto de uma forma muito diferente de tudo o que você já viu. Eles tratam do efeito devastador das adulterações feitas pelo Império Romano, nas cartas do apóstolo Paulo e nos livros de Apocalipse e Atos dos Apóstolos. As adulterações foram iniciadas por Nero no ano 64 da era cristã, ano em que ocorreu o grande incêndio em Roma. O imperador romano acusou os cristãos de haverem ateadado fogo em Roma, algo que não aconteceu, mas Nero tinha muita certeza de que sim.

Ao desvendar o livro do profeta Daniel, eu percebi que todo o mal causado aos cristãos, pelo Império Romano era profético, por isso, o mal que Nero não fizesse outro imperador romano faria. As adulterações feitas nas cartas do apóstolo Paulo, no livro de Apocalipse e de Atos dos Apóstolos foram feitas com o objetivo de transformar o Deus cristão em um monstro e os cristãos em criminosos. As adulterações introduzidas nas cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas incluem ensinamentos contra o ser humano, contra a lei de Deus, contra Deus, contra os judeus, partidarismo, vitimização, maldição a qualquer outro Evangelho, além de sentença de morte para pecadores.

Toda a minha teologia está relacionada com a adulteração dos livros de Apocalipse e de Atos dos Apóstolos, com a adulteração das cartas do apóstolo Paulo, e com o desvendamento do livro do profeta Daniel. Como eu já disse, as adulterações são o cumprimento de uma profecia; por isso não se pode atribuir culpa ao apóstolo Paulo pelos ensinamentos absurdos que há nas suas cartas, nem aos autores dos livros de Apocalipse, e pelas loucuras que foram postas nos livros. O que a profecia de Daniel ensina é que não devemos viver despreocupadamente para não sermos enganados pelos ensinamentos que têm por objetivo transformar Deus em um monstro e os cristãos em criminosos:

Grande é o seu poder, mas não por sua própria força; causará estupendas destruições, prosperará e fará o que lhe aprouver; destruirá os poderosos e o povo santo. Por sua astúcia nos seus empreendimentos, **fará prosperar o engano, no seu coração se engrandecerá e destruirá a muitos que vivem despreocupadamente**; levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrado sem esforço de mãos humanas. (Dn 8:24-25 – grifo do autor)

A lógica da Bíblia para o ser humano

O presente livro mostra a lógica bíblica que se inicia no livro de Gênesis e vai até o livro de Apocalipse. De acordo com essa lógica, não há ressurreição da carne e sim do espírito. E os seres humanos são criados semelhantes a Deus e aos anjos; se não somos Deus, então, quanto ao espírito, na eternidade seremos anjos, conforme se vê no livro de Apocalipse.

Deus criou o ser humanos com a ajuda dos anjos de luz: “Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais grandes de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão". (Gn 1:26)

Sem um corpo físico que o diferenciasse dos anjos de luz, o ser humano não teria o privilégio de usufruir das suas decisões ou escolhas, então, Deus formou um corpo para ele a partir do pó da terra: “Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente”. (Gn 2:7)

Devido à queda, o poder de decisão ou de fazer escolhas do ser humano ficou limitado ao período de vida terrena. Como parte da pena aplicada por Deus, o ser humano foi expulso do Paraíso e enviado à Terra e somente poderia voltar ao Paraíso no estado espiritual: “Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó e ao pó voltará”. (Gn 3:19)

Ao sair dos setenta primeiros capítulos da Bíblia, o ser humano já não levava mais o corpo físico, portanto, não há o que se falar em ressurreição do corpo físico. Por isso, na eternidade seremos anjos e não corpos físicos, como nos ensinam pregadores, teólogos e escritores cristãos. O livro de Apocalipse prova isso:

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!" (Ap 5:11-12)

Portanto, precisamos nos acostumar com um privilégio que por dois milênios nos foi oculto, porque pregadores, teólogos e escritores cristãos somente se preocuparam em ensinar aos cristãos o que pudessem ensinar a partir da parte editada dos livros de Apocalipse e Atos dos Apóstolos, e das cartas do apóstolo Paulo, distorcidas por Nero e seus assessores e sucessores.

A lei de Deus e os setenta primeiros capítulos da Bíblia

Neste livro eu chamo a atenção do leitor para a importância dos setenta primeiros capítulos da Bíblia, pelo fato de eles darem muita ênfase à lei de Deus que são os Dez Mandamentos e ao sacrifício redentor, presente nas religiões, desde Abel, até o Calvário. Infelizmente, a teologia paulina toma personagens dessa parte da Bíblia para distorcer o significado que eles têm para a humanidade.

Mas, com o iluminismo veio a premissa de que tudo deve ser questionado. Foi com esse espírito que o teólogo alemão Ferdinand Christian Baur fez uma releitura da Bíblia. A mais importante conclusão do teólogo alemão foi o fato de que durante o segundo século da era cristã, o cristianismo podia ser expresso pela síntese entre duas ideias contrárias: o cristianismo paulino e o cristianismo petrino.

Por isso, o cristianismo paulino foi reduzido a uma seita libertina que logo chegou ao fim. Desde então, pregadores, teólogos e escritores paulinos têm investido na tese de que as cartas do apóstolo Paulo são o Evangelho de Jesus Cristo e que o Evangelho de Jesus Cristo não é o Evangelho de Jesus Cristo.

Os meus argumentos em favor dos setenta primeiros capítulos da Bíblia procuram ressaltar a importância que eles têm na formação do processo civilizatório da humanidade. Seus personagens são tratados como tendo sido esculpidos pelo dedo de Deus para nos ensinar o que é certo.

O livro foi editado

O livro de Apocalipse sempre foi um livro pavoroso, porque ele foi editado pelo Império Romano, com o objetivo de transformar o Deus cristão em um monstro. Tomando muitos textos da Bíblia, o autor da edição criou um cenário de horror, praticado por um Deus vingativo, além de tomar elementos do livro do profeta Daniel que fez com que ambas as interpretações se tornem impossíveis, a não ser por revelação divina.

Mas o autor da edição não sabia que com revelação de Deus não se brinca e interferiu na apresentação do livro adulterando os versículos a seguir:

“Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos o que em breve há de acontecer. Ele enviou o seu anjo para torná-la conhecida ao seu servo João, que dá testemunho de tudo o que viu, isto é, a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo”. (Ap 1:1-2)

A adulteração foi feita para incluir “a palavra de Deus e” juntamente com o testemunho de Jesus Cristo. Em “a palavra de Deus e”, o autor da edição se refere ao que ele trouxe do Antigo Testamento para fazer com que o livro ficasse pavoroso e amedrontasse os seus leitores.

Mas o que o autor da edição não percebeu foi que Jesus disse: “Eu, Jesus, enviei o meu anjo para dar a vocês **este testemunho concernente às igrejas**. Eu sou a Raiz e o Descendente de Davi, e a resplandecente Estrela da Manhã”. (Ap 22:16 – grifo do autor). Com isso, tudo o que o autor da edição acrescentou vai para o lixo. Ele e ainda cometeu outro erro grave ao ignorar a ordem dada pelo anjo: "Não sele as palavras da profecia deste livro, pois o tempo está próximo (Ap 22:10). Por isso ele fechou o livro com ameaças, que pregadores, teólogos e escritores cristãos reconhecem como legítimas.

As cartas de Paulo não são o Evangelho

Como já disse, as adulterações introduzidas no livro de Apocalipse e nas cartas do apóstolo Paulo, e o desvendamento do livro do profeta Daniel são os assuntos da minha teologia, por isso tais assuntos se entrelaçam ao longo de quase todos os meus livros de teologia; é o que acontece neste livro.

As cartas do apóstolo Paulo, tanto as distorcidas como as apócrifas, o apresentam como sendo o personagem mais importante de toda a Bíblia. Daniel afirma que a insurreição do abominável da desolação é contra o Príncipe dos príncipes, por isso, a importância dada ao apóstolo Paulo por pregadores, teólogos e escritores cristãos é uma insurreição contra a autoridade de Jesus Cristo. O abominável da desolação é um personagem inventado por Nero, com o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

Certa vez um pregador cristão apresentava o apóstolo Paulo como tendo sido, antes da conversão, alguém de grande notoriedade: em Tarso, cidade onde nasceu: ele teria pertencido a uma elite de políticos tradicionais, relacionada com a fundação da cidade; em Jerusalém ele seria um grande chefe militar, poder que ele usava para perseguir os cristãos.

Mas, o que Lucas relata em Atos dos Apóstolos é que ao se apresentar aos demais discípulos de Jesus Cristo, em Jerusalém, o apóstolo Paulo encontrou resistência, por parte dos demais discípulos: “Quando chegou a Jerusalém, tentou reunir-se aos discípulos, mas todos estavam com medo dele, não acreditando que fosse realmente um discípulo” (Atos 9:26). Isso evidencia que Saulo não era conhecido de ninguém, três anos após sua conversão, morando em Damasco, cerca de trezentos quilômetros de Jerusalém. Em outras palavras: Saulo era um ilustre desconhecido e não aquela figura destacada, descrita nas cartas atribuídas a ele, nem é o herói construído no livro de Atos dos Apóstolos a partir do versículo (At 15:36).

Assim, ele somente teve acesso aos apóstolos por intermédio de Barnabé que, certamente, se interessou pela história dele e procurou dissipar a atmosfera de terror que pairava sobre a presença do recém-convertido: “Então Barnabé o levou aos apóstolos e lhes contou como, no caminho, Saulo vira o Senhor, que lhe falara, e como em Damasco ele havia pregado corajosamente em nome de Jesus”. (Atos 9:27)

Na parte final do livro são apontadas as principais doutrinas paulinas que provam que as cartas do apóstolo Paulo não são o Evangelho de Jesus Cristo. Para que você possa aceitar que a lei de Deus que são os Dez Mandamentos não é a fonte e a força do pecado eu recomendo que você adote a prática ética religiosa de falar somente a verdade a todas

as pessoas, leve seus problemas a Deus em oração e estenda a mão ao seu próximo em compaixão; esta é a forma de todos os seres humanos se aproximarem de Deus.

O ESPÍRITO DE JESUS CRISTO E O ESPÍRITO DO SER HUMANO

Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz.

(Is 9:6)

O Credo Niceno norteou a minha teologia

Em meados da década de 1980 eu iniciei os meus estudos bíblicos em uma igreja tradicional da reforma, com uma professora da classe de catecúmenos; aquela que prepara os alunos para o batismo. Ela ensinou à turma que o Credo Niceno, é o símbolo da fé cristã, e tem esta redação:

Creemos em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai; Deus de Deus, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai”.

Durante décadas, eu ouvi o credo cristãos ser recitado, com as mais diversas redações. Uma das redações chamou à minha atenção, pela declaração de crença na ressurreição da carne: “Creio em Deus Pai Todo-poderoso, e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor. E no Espírito Santo, na santa Igreja, na ressurreição da carne”, o que não condiz com o Credo Niceno.

Também tenho ouvido pregadores cristãos exaltarem a materialidade de Deus. Eles ensinam assim porque creem que Jesus ressuscitou em carne e osso e subiu ao Céu nesta mesma condição. Mas Jesus Cristo não ressuscitou em carne e osso; o corpo dele foi transformado em uma teofania, por um anjo, para que Ele pudesse se tornar perceptível aos nossos sentidos, conforme testemunharam Maria Madalena e a outra Maria:

Depois do sábado, tendo começado o primeiro dia da semana, “Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro”. E eis que sobreveio um grande terremoto, pois um anjo do Senhor desceu do céu e, chegando ao sepulcro, rolou a pedra da entrada

e assentou-se sobre ela. Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve. Os guardas tremeram de medo e ficaram como mortos. O anjo disse às mulheres: "Não tenham medo! Sei que vocês estão procurando Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Venham ver o lugar onde ele jazia. (Mt 28:1-6)

Jesus ressuscitou, subiu ao Céu e vive no universo espiritual, que é composto por Deus e pelos anjos. É disso que devem cuidar as religiões. Nada de ressurreição da carne, nada de material no universo espiritual. Na Bíblia a palavra espírito aparece com muita frequência e pode ter um de três significados distintos.

O Espírito Santo como a essência de Deus, e o Espírito de Jesus

O primeiro significado da palavra espírito se refere ao Espírito Santo, a essência de Deus, que é o Criador. A palavra espírito, para significar o Espírito Santo, a essência de Deus, aparece pela primeira vez na Bíblia, já no seu segundo versículo: “No princípio, Deus criou os céus e a terra. Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (Gn 1:1-2). Esta referência ao Espírito de Deus é ao Espírito Santo, a essência de Deus, o Criador de todo o universo.

Eu peço que você considere que o Espírito Santo é a essência de Deus e que sua ação sobre os espíritos humanos, atribuindo-lhes sua sabedoria e o seu poder, é o dom do Espírito Santo. Por não terem sido ensinados que o Espírito Santo é a essência de Deus e que o dom do Espírito Santo é sabedoria e poder de Deus, muitos cristãos pensam que o Espírito Santo é algo pequeno, por isto eles somente se referem ao Espírito Santo como o dom.

O segundo significado para a palavra espírito é para se referir ao espírito humano. Jesus ensina, conforme mostraremos mais à frente, que o espírito humano é um anjo que, como o primeiro ser humano a ser criado, foi criado santo. A justificativa para tal afirmação é dada por Jesus. Jesus estava ensinando a seus discípulos sobre a importância da pureza e sobre perigo dos tropeços quando chamou para junto de si uma criança e disse: “... Eu lhes asseguro, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças, jamais entrareis no Reino dos céus”. (Mt 18:3)

Então, usemos a seguinte proposição lógicas: Se Jesus Cristo afirma que Deus é Espírito, e o Espírito Santo é Deus, então, o Espírito Santo é a essência de Deus porque, no monoteísmo, não pode haver mais do que um Deus. E ainda; se o Espírito Santo é a essência de Deus, então, Deus, o Pai, Deus Poderoso, Pai Eterno e Jesus glorificado são a mesma pessoa de Deus porque, no monoteísmo, não pode haver mais do que um Deus.

As profecias messiânicas não deixam dúvidas de que o Messias é: "... Deus Poderoso, Pai Eterno..." (Is 9:6): Essa profecia é uma verdade essencial do cristianismo. É com base nela que podemos crer na história mais contada de todas: "Foi assim o nascimento e Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, mas, antes que se unissem, achou-se grávida pelo Espírito Santo". (Mt 1:18)

Esse episódio é chamado encarnação do Espírito Santo, a essência de Deus; ou concepção de Jesus. Jesus declara, em todo o Evangelho que Ele não tinha vida autônoma em relação ao Pai ou o Espírito Santo. O fato de Jesus não ter tido vida autônoma em relação ao Espírito Santo, a essência de Deus ou o Pai, nos garante que Ele é: "... Deus Poderoso, Pai Eterno..." (Is 9:6); por isto é que Ele afirma: "Eu e o Pai somos um". (Jo 10:30)

Se Jesus não teve vida autônoma em relação ao Pai ou o Espírito Santo então ao "... Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt:16:16), foi atribuída uma porção do Espírito Santo, para que Ele pudesse nos trazer a graça, a verdade e confirmar a lei. O Espírito de Jesus Cristo foi uma porção atribuída, por isto, não foi removida, senão haveria autonomia em relação ao Pai ou o Espírito Santo.

Quando Jesus foi morto, foram consumadas no Calvário, a graça e a verdade, "... o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt:16:16) entregou a porção do Espírito Santo que lhe havia sido atribuída pelo próprio Espírito Santo, durante a concepção, para que Ele continuasse sendo Um, com o Pai ou o Espírito Santo: "Então Jesus clamou em alta voz: "Pai, em tuas mãos entrego meu espírito!". E, com essas palavras, deu o último suspiro". (Lc 23:46)

Eu costumo usar uma figura que chamo de parábola do Rio da Vida para ilustrar a relação existente entre "... o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt:16:16), e o Espírito Santo, a essência de Deus, ou o Pai: imagine um rio de águas muito puras que chamaremos Rio

da Vida; se for tomada uma porção de água do rio e usada para determinado propósito, e cumprido o propósito, a água permanecer pura, posta de volta no rio, ela se tornará indistinguível em relação a todo o rio e não será mais uma porção de águas puras, mas o próprio Rio da Vida.

Perceba que estamos tratando do Espírito de Jesus Cristo, que já O comparamos até com uma porção de água tomada de um rio. Para confirmar a metáfora, veja o que Jesus afirma: “Vocês me ouviram dizer: Vou, mas volto para vocês. Se vocês me amassem, ficariam contentes porque vou para o Pai, pois o Pai é maior do que eu” (Jo 14:28). Então vejamos: se na concepção, o Espírito de Jesus Cristo foi uma porção do Espírito Santo, a essência de Deus, atribuído a um Ser Humano, então o Espírito Santo, a essência de Deus, somente foi à cruz representado por Jesus.

O Espírito Santo como Dom

O Espírito Santo como dom é uma das definições mais importantes para o cristianismo. O Espírito Santo como essência de Deus, bem como o Espírito de Jesus, já O definimos. Então vejamos: se o dom do Espírito Santo é dado por Deus, então ele não pode ser a essência de Deus, sendo dada a uma única pessoa. O dom do Espírito Santo é a ação de Deus, atribuindo sabedoria e poder aos seres humanos que guardam os mandamentos de Jesus:

Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade. O mundo não pode recebê-lo, porque não o vê nem o conhece. Mas vocês o conhecem, pois ele vive com vocês e estará em vocês. (Jo 14:15-17)

Eu chamo a sua atenção para o fato de que, na Bíblia, a grafia usada para significar o dom do Espírito Santo é a mesma para significar o Espírito Santo, a essência de Deus; e isto pode trazer alguma confusão. Mas você só precisa pensar que Deus é o Espírito Santo e que o dom do Espírito Santo também é tratado na Bíblia como o Espírito Santo, mas o dom é a ação do Espírito Santo sobre o espírito humano.

Em toda a Bíblia, o Espírito Santo como dom aparece sempre no contexto da ação de Deus sobre a alma ou espírito humano. Para que ninguém tenha dúvidas sobre o que seja o Espírito Santo, a essência de Deus e o que seja o dom do Espírito Santo, eu costumo

usar uma figura que chamo de parábola da lamparina: imaginemos uma montanha do porte do Monte Sinai, que é uma rocha, com a altura de mais de dois mil metros; agora imaginemos essa montanha coberta por uma chama, da base até o topo. Para efeito de comparação, imaginemos uma lamparina caseira, com óleo e pavio bem ajustado, sendo acesa nesta chama, que cobre a montanha, o que vai resultar é uma minúscula chama.

O que essas duas chamas têm em comum é que a menor procede da maior e que ambas são chamas. A chama maior pode ser comparada ao Espírito Santo, a essência de Deus, Deus Poderoso, Pai Eterno ou Jesus glorificado e a chama menor pode ser comparada ao dom do Espírito Santo, que nos é atribuído se guardarmos os mandamentos de Jesus, conforme já foi explicado.

Eu peço que você considere que essa definição sobre o Espírito de Jesus Cristo vá lhe ajudar a compreender a razão pela qual as pessoas estão certas em afirmarem que Jesus é Deus. Creio que com essa explicação ficou claro que Deus, o Pai, Deus Poderoso, o Pai Eterno, o Espírito Santo e Jesus Glorificado são a mesma pessoa de Deus; e que a ação de Deus, sobre a alma ou espírito de um ser humano, para a realização de uma ação sobrenatural como: pregar o Evangelho com poder, ministrar cura a enfermos ou expulsar demônios é o dom do Espírito Santo, embora todos os atos da vida cristã devam ser influenciados pela sabedoria de Deus, que também é dom do Espírito Santo.

Finalmente, vejamos o terceiro e último significado da palavra espírito no texto bíblico. A Bíblia afirma que faraó estava perturbado por um sonho que nenhum sábio do Egito conseguia decifrar: “Pela manhã, perturbado, mandou chamar todos os magos e sábios do Egito e lhes contou os sonhos, mas ninguém foi capaz de interpretá-los” (Gn 41:8). Não demorou muito para que faraó encontrasse o homem que procurava: “Por isso o faraó lhes perguntou: “Será que vamos achar alguém como este homem, em quem está o espírito divino?” (Gn 41:38). Faraó estava se referindo a José, que havia interpretado o sonho dele, de uma forma tão sábia, que não restavam dúvidas de que se tratava de alguém que tinha o Espírito de Deus. O Espírito de Deus, a que faraó se referia, era o dom do Espírito Santo.

O espírito do ser humano é um anjo ainda não glorificado

Durante os primeiros séculos da era cristã, os ensinamentos da igreja eram tão centrados em Jesus Cristo, que ninguém ousava questionar o que Ele havia dito; por que

ser cristão significava haver recebido Jesus Cristo como Deus. Semelhantemente, eu vou definir o ser humano cristão usando os conceitos ensinados por Jesus Cristo e com o espírito de quem um dia O recebeu como Deus.

Eu somente vou recorrer a Jesus, como fonte de autoridade, para definir o ser humano cristão. Certa vez, Jesus ensinava sobre a santidade requerida aos cristãos e chamou para junto de si uma criança e declarou que as crianças são modelos de santidade para os adultos; eis porque eu creio que todas as crianças nascem santas. Portanto, não herdam os pecados dos seus pais, mas cometem seus próprios pecados, ao longo das suas vidas, no entanto, herdam a pecaminosidade, que é o potencial ofensivo do pecado, cuja única exceção entre os nascidos de mulher foi Jesus.

Após tomar uma criança como padrão de santidade para os adultos, Jesus definiu o ser humano cristão, no sentido de ser ele um cristão que se santifica a tal ponto que atinja o padrão de santidade de uma criança, e afirmou: “Cuidado para não desprezarem um só destes pequeninos! Pois eu lhes digo que **os anjos deles nos céus estão sempre vendo a face de meu Pai celeste**” (Mt 18:10 - grifo do autor). Eu peço que você considere a parte grifada neste texto e confie nos ensinamentos de Jesus, porque somente essa referência de Jesus já seria suficiente para provar que somos anjos ainda não glorificados.

Em outra oportunidade, os judeus faziam um cerco para prender Jesus, acusando-o de blasfêmia; até os saduceus, que não criam na ressurreição, entraram no assunto e fizeram a seguinte pergunta:

Entre nós havia sete irmãos. O primeiro casou-se e morreu. Como não teve filhos, deixou a mulher para seu irmão. A mesma coisa aconteceu com o segundo, com o terceiro, até o sétimo. Finalmente, depois de todos, morreu a mulher. Pois bem, na ressurreição, de qual dos sete ela será esposa, visto que todos foram casados com ela?
(Mt 22:25-28)

Os saduceus eram totalmente incrédulos; eles não criam que houvesse anjos nem que houvesse ressurreição, eles parecem ter entrado no assunto de modo providencial, para elucidar uma questão tão importante: “Jesus respondeu: “Vocês estão enganados porque não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus! Na ressurreição, as pessoas não se casam nem são dadas em casamento; mas **são como os anjos no céu**” (Mt 22:29-30 – grifo do autor).

O que é como anjo, mas não é anjo? Algumas pessoas fazem essa pergunta. A minha resposta é que somente Deus é semelhante aos anjos, mas não é anjo; certamente, na eternidade, não seremos Deus. O evangelista Lucas responde à objeção dos saduceus do seguinte modo:

“Jesus respondeu: "Os filhos desta era casam-se e são dados em casamento, mas os que forem considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição dos mortos não se casarão nem serão dados em casamento, e não podem mais morrer, pois **são como os anjos**. São filhos de Deus, visto que são filhos da ressurreição”.

(Lc 20:34-36 – grifo do autor)

Perceba que ser como os anjos, e não ser anjo, só pode é ser Deus; o que é uma hipótese absurda. Ser filho da ressurreição e ser como os anjos, só pode é ser filho da ressurreição do espírito e não da carne. Eu penso que os pregadores, teólogos e escritores cristãos se ocuparam tanto com a parte editada dos livros de Apocalipse e de Atos dos Apóstolos e com as cartas distorcidas do apóstolo Paulo que não tiveram tempo para pensar sobre o ensino de Jesus.

Uma referência bem conhecida a João Batista se encontra no Evangelho segundo Mateus; é uma referência profética, confirmada por Jesus Cristo. Nessa passagem João Batista é referido como um anjo, certamente, ainda não glorificado: “Porque é este de quem está escrito: Eis que diante da tua face **envio o meu anjo**, que preparará diante de ti o teu caminho”. (Mt 11:10 – grifo do autor)

Pedro foi um discípulo muito próximo a Jesus; vejamos, então o seu testemunho sobre o que aconteceu imediatamente após Jesus ter sido morto e entregue o seu Espírito ao Pai ou Espírito Santo: “Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão” (1 Pe 3:18-19). Jesus glorificado desceu ao Seio de Abraão e resgatou todos os espíritos dos mortos que, em vida, aprenderam no momento em que Deus lhes ensinou. São espíritos de seres humanos que foram considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição”.

Esse episódio é muito importante para que possamos compreender o universo espiritual, principalmente, no que concerne aos seres humanos. Mesmo com tais registros, e fazendo parte da lógica de Deus, muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos não

dão a menor importância a esse episódio, como não dão importância ao Evangelho, que é a verdade de Deus; eles se esquecem de que a verdade de Deus foi consumada no Calvário, do mesmo modo que a graça.

Agora vamos analisar esta proposição: haveria algum ser humano no Céu, antes da descida de Jesus ao Seio de Abraão? Se o caminho para árvore da vida esteve fechado por um anjo, para todos os seres humanos, até que Jesus consumasse a graça, então, a resposta é não: “Depois de expulsar o homem, colocou a leste do jardim do Éden querubins e uma espada flamejante que se movia, guardando o caminho para a árvore da vida”. (Gn 3:24)

Vejamos, então como o Céu ficou povoado depois que Jesus glorificado desceu ao Seio de Abraão e libertou os espíritos dos mortos que, em vida, escolheram aprender o que Deus lhes ensinou e “foram considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição”

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!" (Ap 5:11-12)

Sobre essa cena ser uma visão do Céu povoada por almas ou espíritos dos seres humanos, creio que não restam dúvidas. “Os seres vivos e os anciãos”, certamente, também eram anjos, porque o universo espiritual é formado por Deus e pelos anjos. Eram anjos, a serviço de Deus, apresentados de tal maneira que pudessem servir a Ele, da melhor forma possível.

Os anciãos, ninguém tem dúvidas, são seres humanos, que transpuseram o caminho para a árvore da vida. Como? Em vida, eles aprenderam com Deus e, “foram considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição”, por isto, eles ouviram a voz de Jesus. Isso lhe parece algo novo? Certamente não é algo novo, apenas estava encoberto até que os livros de Apocalipse e do profeta Daniel fossem desvendados por revelação divina.

Para provar que o ser humano cristão é um anjo ainda não glorificado, eu tomo como exemplo o trecho em que o autor do livro afirma: “Então caí aos seus pés para adorá-lo, mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e como os seus irmãos

que se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus. Adore a Deus! O testemunho de Jesus é o espírito de profecia" (Ap 19.10). Você já percebeu que os anjos que apareciam a Abraão, por exemplo, aceitavam que seres humanos se encurvassem diante deles? Por que, então, este anjo não aceitou?

No mesmo contexto, e em seguida o autor testifica: "Eu, João, sou aquele que ouviu e viu estas coisas. Tendo-as ouvido e visto, caí aos pés do anjo que me mostrou tudo aquilo para mim, para adorá-lo. Mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e seus irmãos, os profetas, e como os que guardam as palavras deste livro. Adore a Deus!" (Ap 22:8-9). Certamente, era o mesmo anjo, e se tratava de um anjo que se identificava com os seres humanos, bem diferentes dos anjos descritos no restante da Bíblia.

Neste ponto, eu creio que já seja possível definir o ser humano cristão: a partir do instante em que ele buscar a santidade comparável à santidade de uma criança, "... o anjo dele nos céus está sempre vendo a face de meu Pai celeste" (Mt 18:10); ele é um cidadão do Céu. Um cidadão muito rico, por isso não precisa de muito, porque o seu Senhor é dono de todo o "... poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!" (Ap 5:12). Ele é um anjo ainda não glorificado.

CAPÍTULO 1

A LÓGICA DA BÍBLIA PARA O SER HUMANO

Nos setenta primeiros capítulos da Bíblia O livro de Gênesis é um livro escrito para dar suporte à lei de Deus, que viria em seguida, no capítulo vinte do livro de Êxodo. O livro de Gênesis e os vinte primeiros capítulos do livro de Êxodo, formam os setenta primeiros capítulos da Bíblia. A narrativa dos setenta primeiros capítulos da Bíblia é muito antiga, ela se baseia em mitos sagrado sumérios, que chegaram até nós pela cidade de Ur dos caldeus.

Mitos sagrados não são mentiras; são dicas, vestígios e pegadas deixadas por Deus para os seres humanos há centenas de milhares de anos. São considerados mitos sagrados porque surgiram na pré-história, embora os pregadores, teólogos e escritores cristãos insistam em afirmar que os relatos bíblicos são todos históricos, como se tivessem à mão a certidão de nascimento de Adão.

Não devemos confundir o mito da criação, presente nos onze primeiros capítulos do livro de Gênesis com os relatos sobre os deuses da mitologia grega ou romana. Os deuses da mitologia grega ou romana foram inventados por poetas, muitas vezes tomando um personagem da Bíblia judaica, acrescentando pecados e transformando-o em um herói ou mesmo em um deus.

Para que possamos aceitar a lógica contida na Bíblia, quanto ao ser humano, temos que ter como certo que o universo foi criado por Deus através de anjos. A única coisa que Deus criou sem o auxílio dos anjos foi a luz e os próprios anjos de luz. Os anjos desempenham, entre outros, o papel de construtores do universo, por isso, eles foram criados juntamente com a luz, matéria prima para a criação de tudo o que foi criado.

Com base em tal evento: “Disse Deus: "Haja luz", e houve luz.” (Gê 1:3), é possível construir uma angeologia cristã que faça sentido. Cremos que anjos não têm poder, não tomam decisões, nem façam escolhas, porque todo o poder emana de Deus, que é livre para tomar decisões ou para fazer escolhas. Os anjos podem ser classificados quanto à origem, como anjos de luz, e anjos resultantes dos espíritos humanos.

De acordo com a Bíblia, dentre todos os anjos de luz, somente um deles se rebelou contra Deus, por haver criado os seres humanos à sua imagem e semelhança, com privilégios não cabíveis aos anjos de luz, que é possuir um corpo físico para que possa se deleitar com tudo o que lhe foi entregue no jardim do Éden. Por pertencer à categoria dos anjos de luz o anjo rebelde recebeu o nome de Lúcifer.

Deus criou o ser humanos com a ajuda dos anjos de luz: “Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais grandes de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão". (Gn 1:26)

Sem um corpo físico que o diferenciasse dos anjos de luz, o ser humano não teria o privilégio de usufruir das suas decisões ou escolhas, então, Deus formou um corpo para ele a partir do pó da terra: “Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente”. (Gn 2:7)

Com poder para decidir ou fazer escolhas, o ser humano não poderia viver sem leis, então Deus impôs uma restrição ao poder de decisão ou de fazer escolhas dos seres humanos: “E o Senhor Deus ordenou ao homem: "Coma livremente de qualquer árvore do jardim, mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá". (Gn 2:16-17)

A lei de Deus contida no versículo anterior é a mais genérica de todas as leis. Ela cobre todos os tipos de pecados, e foi por causa do descumprimento desta lei, pelos seres humanos, que Jesus foi morto. Mas por se inspirar nas cartas do apóstolo Paulo, distorcidas pelo abominável da desolação ou pseudônimas, os pregadores, teólogos e escritores cristãos ensinam que se Jesus Cristo cumpriu a lei de Deus, então nós estamos desobrigados de cumpri-la. Eles ainda ensinam que a lei de Deus, que Jesus cumpriu são os Dez Mandamentos, por isso não somos obrigados a guardá-los.

Como o ser humano tem o poder de decidir ou fazer escolhas muito limitado; que chamo de arbítrio, muito facilmente ele foi enganado por Lúcifer, representado, no mito da criação, por uma serpente: “Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu marido, que comeu também”. (Gn 3:6)

Mas Deus julgou e condenou a serpente e a mulher. Assim, a serpente que não tinha descendência passou a tê-la, e a mulher perdeu o privilégio de ser a única a possuir descendência: “Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar”. (Gn 3:15)

Com isso se estabeleceu inimizade entre a serpente e a mulher, de tal forma que um descendente da mulher viesse a esmagar a cabeça da serpente e a serpente viesse a ferir o calcanhar dos descendentes da mulher. Considerando que tal inimizade é real, não é possível encontrar-se descendentes da mulher, cujo calcanhar não esteja sangrando, por causa do pecado.

Com base nos ensinamentos contidos nas cartas do apóstolo Paulo, mas distorcidas pelo abominável da desolação ou pseudônimas, pregadores, teólogos e escritores cristãos ensinam que os cristãos são perfeitamente santificados, na medida em que creem em Jesus Cristo, são sepultados e ressuscitados com Ele, para que o pecado não mais os domine. Mais absurdo ainda, se estiverem livres da lei de Deus, também estarão livres do pecado.

Devido à queda, o poder de decisão ou de fazer escolhas do ser humano ficou limitado ao período de vida terrena. Como parte da pena aplicada por Deus, o ser humano foi expulso do Paraíso e enviado à Terra e somente poderia voltar ao Paraíso no estado espiritual: “Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó e ao pó voltará”. (Gn 3:19)

Expulso do Paraíso, o ser humano não poderia voltar sem a ajuda de Deus, mas Deus se comprometeu a ensiná-lo: ‘Todos serão ensinados por Deus’. Todos os que ouvem o Pai e dele aprendem vêm a mim” (Jo 6:45) ... “Depois de expulsar o homem, colocou a leste do jardim do Éden querubins e uma espada flamejante que se movia, guardando o caminho para a árvore da vida”. (Gn 3:24)

Para que todos os seres humanos, que aprendessem com Deus, voltassem ao Paraíso, Deus criou uma linhagem justa iniciada por Abraão. Assim, todos os espíritos dos seres humanos, que, em vida, aprendessem com Deus, e que “fossem considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição” iriam para o Seio de Abraão,

onde ficariam aguardando até o momento em que o descendente da mulher esmagasse a cabeça da serpente, e os introduzisse de volta no Paraíso.

Eu espero que os leitores não leiam os onze primeiros capítulos da Bíblia, ou até mesmo os primeiros setenta, como quem lê um artigo científico. Mas lembrem-se de que de todos os mitos sagrados, os mais fáceis de se entender são os mitos sagrados sumérios, tomados como mito fundador da nação de Israel. Jesus manda que tenhamos humildade nas nossas relações com Deus: "Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado". (Mt 11:25-26)

No Evangelho de Jesus Cristo

O personagem João Batista, tem a sua identificação um tanto enigmática, mas ele está na profecia, como anjo ou mensageiro, dependendo da tradução da Bíblia: "Este é aquele a respeito de quem está escrito: 'Enviarei o meu mensageiro à tua frente; ele preparará o teu caminho diante de ti'. (Mt 11:10)

Eu dei um salto do capítulo três do livro de Gênesis até o livro de Mateus, deixando o restante da Bíblia hebraica sem analisar as relações entre seres humanos e anjos, porque o que eu pretendo é abordar o assunto do ponto de vista cristão. A lógica bíblica que eu pretendo apresentar tem por base a seguinte preposição: se o ser humano foi criado à semelhança de Deus e dos anjos, então, o espírito humano é um anjo ainda não glorificado, visto que ele não é Deus.

O principal prejuízo que as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo causam ao cristianismo é o fato de elas serem também atribuídas a Jesus Cristo e consideradas doutrinárias. Sendo elas doutrinárias e o Evangelho de Jesus Cristo não sendo doutrinário, os cristãos são ensinados a passarem pelos ensinamentos de Jesus como se eles não existissem. Então, vejamos esta referência de Jesus Cristo ao espírito humano, como sendo anjo: "Cuidado para não desprezarem um só destes pequeninos! Pois eu lhes digo que os anjos deles nos céus estão sempre vendo a face de meu Pai celeste". (Mt 18:10)

Os cristãos somente são ensinados a não levar os ensinamentos de Jesus Cristo a sério, porque o abominável da desolação distorceu as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, com o objetivo de tentar destruir a lei de

Moisés, que são os Dez Mandamentos, e destruir a graça e a verdade. Ele afirma que aprendeu todas as loucuras que ensina, diretamente de Jesus Cristo. Mas nós precisamos levar em conta que na Bíblia existem três Paulos diferentes: o Paulo descrito no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35), o Paulo autor das cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, que foram distorcidas pelo abominável da desolação e o Paulo a quem se atribui as outras dez cartas, de aos Efésios até aos Hebreus.

Perceba que são três pessoas diferentes: o Paulo descrito no livro de Atos dos , até (Atos 15:35), que é um verdadeiro servo de Deus, deve permanecer na Bíblia; o Paulo que aparece nas cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, que é o abominável da desolação, que distorceu tais cartas; e o Paulo a quem se atribui as outras dez cartas, de aos Efésios a aos Hebreus, que é um pseudônimo, tentando se passar pelo apóstolo Paulo, devem sair da Bíblia, porque foram escritas no segundo século da era cristã, com o objetivo de consolidar a autoridade do apóstolo Paulo como o apóstolo dos gentios.

A autoridade do abominável da desolação, que se faz passar por Paulo, é tamanha, que mesmo passagens muito repetidas nos Evangelhos de Jesus Cristo não são notadas por pregadores, teólogos e escritores cristãos, por isso não são ensinadas aos cristãos, como a seguinte: “Na ressurreição, as pessoas não se casam nem são dadas em casamento; mas são como os anjos no céu”. (Mt 22:30)

O mesmo ensino é repetido no Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos: “Quando os mortos ressuscitam, não se casam nem são dados em casamento, mas são como os anjos nos céus” (Mc 12:25). Perceba que Jesus afirma que “são como os anjos nos céus”. Veja que quando Jesus ensina sobre este assunto, o Seio de Abraão ainda era uma realidade. Caso as almas ou espírito dos mortos já estivessem no Céu, como ocorre em nossos dias, Ele teria dito: “são anjos nos céus”.

O Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas registra o mesmo ensino da seguinte forma: “Jesus respondeu:

"Os filhos desta era casam-se e são dados em casamento, mas os que forem considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição dos mortos não se casarão nem serão dados em casamento, e não podem mais morrer, pois são como os anjos. São filhos de Deus, visto que são filhos da ressurreição”. (Lc 20:34-36)

Os pregadores, teólogos e escritores cristãos foram ensinados pelo abominável da desolação a ignorarem os ensinamentos de Jesus Cristo, porque Ele faz referência a mérito como em: “os que forem considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição”. O abominável da desolação, definitivamente, proíbe qualquer referência a mérito humano.

A referência a seguir se encontra entre o Evangelho de Jesus Cristo e o livro de Apocalipse. Ela se refere ao momento em que Jesus glorificado, em teofania, visitou o Seio de Abraão, e de lá resgatou todas as almas ou espíritos dos seres humanos, que, em vida, aprenderam o que Deus lhes ensinou: “Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão” (1 Pe 3:18-19). Jesus Cristo levou para o céu todos “os que forem considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição”.

Influenciados pelo abominável da desolação, que distorceu as cartas do apóstolo Paulo, pregadores, teólogos e escritores cristãos não fazem qualquer referência a este importante ensino dado pelo apóstolo Pedro, a mais próxima testemunha ocular do ministério terreno de Jesus Cristo. É preciso que nos lembremos de que foi ao apóstolo Pedro que Jesus Cristo comissionou a apascentar os seus cordeiros, no Mar de Tiberíades.

No livro de Apocalipse

O anjo de cada uma das sete igrejas são representantes de cada ser humano a quem Jesus Cristo se dirigia. Não são os pastores, como pregadores, teólogos e escritores cristãos ensinam. Eles ensinam assim porque não creem que os espíritos dos seres humanos sejam anjos: “Ao anjo da igreja em Éfeso escreva: Estas são as palavras daquele que tem as sete estrelas em sua mão direita e anda entre os sete candelabros de ouro”. (Ap 2:1). Jesus Cristo se dirige igualmente a todos os crentes de cada igreja.

Jesus Cristo mostrou, ao autor do livro de Apocalipse, através do anjo que trouxe a revelação, o Céu povoado pelos anjos resultantes das almas ou espíritos humanos: os que vieram do Seio de Abraão e as almas ou espíritos dos seres humanos que em vida aprenderam com Deus e morreram entre o momento em que Jesus disse “está consumado” e aquele momento da revelação:

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!" (Ap 5:11-12)

Os versículos anteriores e os seguintes, no livro de Apocalipse fecham a cosmovisão lógica e bíblica para o ser humano. Eles atestam que os anjos aqui mostrados são anjo resultante das almas ou espíritos dos "que forem considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição": "Então caí aos seus pés para adorá-lo, mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e como os seus irmãos que se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus. Adore a Deus! O testemunho de Jesus é o espírito de profecia". (Ap 19:10)

O anjo adverte que é servo como o autor e afirma que "o testemunho de Jesus é o espírito de profecia", não cabendo na revelação, para os últimos tempos, incluir a interpretação da pessoa que editou o livro de Apocalipse sobre o texto bíblico, que ele chama de palavra de Deus. Também o anjo afirma, "sou servo como você e como os seus irmãos", o que prova que na eternidade seremos anjos, a serviço de Deus.

Novamente, o autor caiu aos pés do anjo para adorá-lo, mas o anjo foi ainda mais contundente em sua advertência para que o autor não o adorasse:

João, sou aquele que ouviu e viu estas coisas. Tendo-as ouvido e visto, caí aos pés do anjo que me mostrou tudo aquilo para mim, para adorá-lo. Mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e seus irmãos, os profetas, e como os que guardam as palavras deste livro. Adore a Deus!" (Ap 22:8-9)

O anjo disse: "sou servo como você e seus irmãos, os profetas, e como os que guardam as palavras deste livro". Mas as palavras deste livro somente se referiam ao testemunho de Jesus Cristo, conforme está escrito em:

"Eu, Jesus, enviei o meu anjo para dar a vocês **este testemunho concernente às igrejas**. Eu sou a Raiz e o Descendente de Davi, e a resplandecente Estrela da Manhã". O Espírito e a noiva dizem: "Vem! " E todo aquele que ouvir diga: "Vem! " Quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida" (Ap 22:16-17 – grifo do autor)

que vêm a ser os dois últimos versículos da Bíblia.

CAPÍTULO 2

A LEI DE DEUS E OS SETENTA PRIMEIROS CAPÍTULOS DA BÍBLIA

A TEOLOGIA TODA AUTORIDADE A JESUS CRISTO

A teologia paulina e a teologia petrina Os pregadores, teólogos e escritores cristãos afirmam que a Bíblia é a inspirada, infalível e inerrante palavra de Deus. Eles afirmam que para que o ser humano fale com Deus, basta que leia a Bíblia, é nisto que consiste a ortodoxia bíblica deles. Tais pregadores, teólogos e escritores cristãos não aceitam questionar tal princípio, há quase dois mil anos, desde quando o Império Romano distorceu as cartas do apóstolo Paulo.

Ao ensinar sua ortodoxia, pregadores, teólogos e escritores cristãos ignoram que o problema mais crucial da humanidade seja o fato de o ser humano não poder ver a Deus face a face, conforme se evidencia em oração individual de Moisés a Deus: ... "Você não poderá ver a minha face, porque ninguém poderá ver-me e continuar vivo". E prosseguiu o Senhor:

"Há aqui um lugar perto de mim, onde você ficará, em cima de uma rocha. Quando a minha glória passar, eu o colocarei numa fenda da rocha e o cobrirei com a minha mão até que eu tenha acabado de passar. Então tirarei a minha mão e você verá as minhas costas; mas a minha face ninguém poderá ver". (Êx 33:20-23)

Um dos problemas de uma ortodoxia cristã assim concebida, é o modelo teológico paulino. O termo paulino diz respeito ao apóstolo Paulo presente nas cartas atribuídas a ele. Contrariamente, o apóstolo Paulo apresentado no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35) é indistinguível em relação aos demais pregadores do Evangelho de Jesus Cristo. Ele não elaborou doutrinas que destruam ao ser humano, a lei de Deus, a Deus e aos judeus. Ele não fez partidarismo, não se vitimizou nem se apresentou como herói e superior aos apóstolos que foram testemunhas oculares do ministério terreno de Jesus Cristo.

O modelo teológico paulino faz um recorte do universo, no tempo e no espaço, em que se tem cerca de quatro mil anos para que ocorram a criação, a queda, a peregrinação do ser humano sobre a Terra e a consumação dos séculos. De acordo com o modelo teológico paulino, somente os judeus foram povo de Deus, até o dia em que muitos judeus

não aceitaram a pregação do apóstolo Paulo sobre Jesus Cristo ser o Messias. A partir de então, os judeus tiveram cortado o privilégio de ser povo de Deus e tal privilégio foi dado aos gentios convertidos.

A teologia paulina deriva de um partido religioso criado com o objetivo de destruir a lei de Deus que são os Dez Mandamentos, destruir a graça e a verdade. O plano paulino de destruir o cristianismo é tanto mais eficiente quanto mais puro for o ensino paulino dado aos cristãos. Assim, durante as primeiras décadas do segundo século da era cristã, o cristianismo gentílico, onde prevalecia o ensino do apóstolo Paulo, chegou ao fim, conforme testifica uma das obras mais conhecidas pelos cristãos, “Pais Apostólicos”, de vários autores, cuja introdução foi escrita pelo reverendo Alderi Souza de Matos (2013, pg. 7):

... a tendência para o declínio dos padrões éticos na vida de muitos cristãos e o perigo sempre presente da apostasia fazem com que muitos desses escritos, em especial O Pastor de Hermas, adotem uma postura rigorosa com respeito à moralidade e à disciplina. Em contraste com a ênfase paulina na graça e na fé, a salvação passa a ser entendida em termos de obediência a uma nova lei. Ela não mais é vista como uma dádiva graciosa de Deus, mas como fruto do esforço e da obediência dos cristãos, refletindo um entendimento legalista ou moralista da vida cristã.

O modelo teológico paulino funciona como uma espécie de bomba que ao explodir destrói a si mesma e o seu alvo. Como se pode ver, não deveria existir modelo teológico paulino, o que deveria existir seria um modelo teológico cristãos aberto às descobertas históricas e científicas, quanto ao recorte feito no universo, no tempo e no espaço. No entanto, o abominável da desolação que distorceu as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, o fez de forma muito sutil, daí à conclusão de que o cristianismo paulino que nos é ensinado por pregadores, teólogos e escritores cristãos, nos é ensinado por pessoas que foram enganadas.

Pode ser que o cristianismo paulino fosse fácil de ser ensinado às pessoas durante a idade média com a inspiração, a infalibilidade e com a inerrância da espada da igreja romana, mas durante a idade contemporânea, o modelo teológico cristão passou a ser questionado por historiadores e teólogos iluministas. Foi quando surgiu o entendimento de que revelação divina e a Bíblia são coisas distintas.

O trabalho dos historiadores e teólogos iluministas produziu os teólogos liberais e acirrou a luta dos teólogos cristãos no sentido de reconduzir o cristianismo de volta à idade média. Os teólogos liberais não levaram em conta a importância dos mitos sagrados e passaram a fazer uma releitura do Evangelho de Jesus Cristo, tendo em conta que todos os relatos lá contidos são apenas fruto da imaginação de um povo pobre e ignorante, o que uma grande loucura ensinada por discípulos do apóstolo Paulo.

A reação dos pregadores, teólogos e escritores cristãos ortodoxos foi uma marcha decadente rumo a idade média. Eles continuaram a ignorar os mitos sagrados e acirraram o ensino contidos nas cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, como a sã doutrina ou o retorno às Escrituras. Eles não se dão conta de que estão tentando enxugar gelo, em um clima quente.

Com a distorção das cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios, e aos Gálatas, desde o final do primeiro século da era cristã, duas ideias contrárias passaram a existir dentro do cristianismo, tendo como consequência o abandono da fé cristã pela igreja gentílica. E mais recentemente, desde o início do século XX, na Europa, nos Estados Unidos e onde mais o cristianismo tenha sido forte e as pessoas educadas; nesses locais as igrejas estão quase todas fechadas. O liberalismo teológico foi diluído em movimentos sociais que precisavam de um rótulo cristão e os pregadores, teólogos e escritores cristãos continuam esperando o fim do cristianismo no resto do mundo, como é próprio do partidarismo paulino, extraído das cartas atribuídas ao apóstolo Paulo.

Como alternativa para a teologia liberal e para o partidarismo paulino que é a teologia ortodoxa cristã que ensina o cristianismo como um conjunto de doutrinas que se extrai das cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, eu apresento a teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo, bem como a sua aplicação no cristianismo de Jesus Cristo.

Este livro trata de três assuntos básicos que são: uma releitura dos setenta primeiros capítulos da Bíblia, para restaurar a importância da lei de Deus, destruída pelo abominável da desolação que distorceu as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas; separar o apóstolo Paulo apresentado no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35) do apóstolo Paulo apresentado nas quatorze cartas atribuídas

a ele; e provar que cerca da metade do conteúdo dos livros de Apocalipse e de Atos dos Apóstolos foi editado.

A teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo faz um recorte do universo no tempo e no espaço considerando que a idade do universo é compatível com as descobertas científicas e que existiu um Abraão mítico que surgiu imediatamente após os nossos pais Adão e Eva terem sido expulsos do Paraíso. Ela também considera que os setenta primeiros capítulos da Bíblia são mitos sagrados de origem suméria, tendo como origem geográfica a cidade de Ur dos caldeus.

O ensino paulino é especialmente danoso para o cristianismo de Jesus Cristo, porque ele apresenta um apóstolo Paulo que atrai para si toda a autoridade divina, de tal maneira que os discípulos atraídos por ele só conseguem aceitar o cristianismo tal como ele é definido pelo abominável da desolação, que distorceu as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas. Do mesmo modo como o apóstolo Paulo temia que suas cartas fossem distorcidas, o apóstolo Pedro verificou que elas foram realmente distorcidas:

Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles". (2 Pe 3:16)

Eu diria que o principal objetivo da carta de Tiago era se insurgir contra as distorções introduzidas nas cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas:

Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta. Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé. Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios creem e tremem. Queres, pois, ficar certo, ó homem insensato, de que a fé sem as obras é inoperante? Não foi por obras que Abraão, o nosso pai, foi

justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque? Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou, e se cumpriu a Escritura, a qual diz: Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça; e: Foi chamado amigo de Deus. Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente. De igual modo, não foi também justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho? Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta. (Tg 2:14-26)

A teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo considera que o livro de Apocalipse foi editado, conforme provam os versículos a seguir:

“Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos o que em breve há de acontecer. Ele enviou o seu anjo para torná-la conhecida ao seu servo João, que dá testemunho de tudo o que viu, isto é, a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo”. (Ap 1:1-2)

Consideremos que o autor do livro de Apocalipse somente registrou a revelação do testemunho de Jesus Cristo; alguém tomou as profecias contidas na Bíblia hebraica, a que ele chamou de “palavra de Deus”, as agravou com a ira de Deus e acrescentou ao texto de João. Para confirmar que não caberia a interpretação, no final do livro, Jesus afirma: “Eu, Jesus, enviei o meu anjo para dar a vocês **este testemunho** concernente às igrejas. Eu sou a Raiz e o Descendente de Davi, e a resplandecente Estrela da Manhã”. (Ap 22:16 – grifo do autor)

A teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo considera que o livro de Atos dos Apóstolos foi completamente adulterado a partir do versículo (Atos 15:36). Uma das evidências mais absurdas de adulteração do livro de Atos dos Apóstolo se encontra em: "Então ele chamou dois de seus centuriões e ordenou-lhes: "Preparem um destacamento de duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos lanceiros a fim de irem para Cesareia esta noite, às nove horas. Providenciem montaria para Paulo, e levem-no em segurança ao governador Félix". (Atos 23:23-24)

A partir de (Atos 15:36), Nero, com a ajuda dos filósofos sofistas, começaram a construir um perfil do herói que tomaria o lugar de Jesus, como o abominável da desolação, conforme profetizado pelo profeta Daniel. O abominável da desolação é um

personagem inventado por Nero, com o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

Assim, tendo em vistas a reconstrução do cristianismo de Jesus Cristo, a teologia que atribui toda autoridade divina a Ele sugere que os cristãos se abstenham do conteúdo das cartas atribuídas ao apóstolo Paulo e que leiam os livros de Apocalipse e de Atos dos Apóstolos, tendo em conta que eles foram adulterados.

Por considerar fidedignas as conclusões do teólogo alemão Ferdinand Christian Baur, que afirma: “o cristianismo do segundo século representava a síntese de duas teses opostas: o cristianismo judaico, ou petrino e o cristianismo gentio, ou cristianismo paulino”. A teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo demonstra que a teologia contida nos treze livros restantes no Novo Testamento é suficiente para que se tenha uma sociedade naturalmente igualitária, nos termos das pregações de João Batista e de Jesus Cristo.

Como o próprio nome sugere, a teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristos considera que de todos os personagens da Bíblia, somente Jesus Cristo tem autoridade divina. Também considera que o Evangelho de Jesus Cristo é a verdade de Deus consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei; o que resolve o problema decorrente da atribuição de autoridade divina ao apóstolo Paulo, para que ele transforme a graça de Deus em libertinagem e a lei de Deus, que são os Dez Mandamentos, em fonte e força do pecado, além de fundamento que conduz à morte.

Mito sagrado, profecia e história

Os mitos sagrados são relatos muito antigos que se fazem necessários para que possamos entender o Ser de Deus, o ser humano e as relações entre Deus e o ser humano. Assim, os setenta primeiros capítulos da Bíblia são considerados mitos sagrados de origem suméria. Os setenta primeiros capítulos da Bíblia contam a história de Abraão, Isaque, Jacó, José e Moisés. Porque então, os setenta primeiros capítulos da Bíblia não tecem maiores considerações sobre Agar, Ismael e Esaú? Porque eles são personagens míticos muito antigos, cujos equivalentes, considerados históricos por pregadores, teólogos e escritores cristãos, não foram tomados pela nação de Israel para a formação do seu mito fundador, por isso nem Agar, nem Ismael, nem Esaú fazem parte da história da nação de Israel.

O mito fundador descreve a origem de algo que não existia e passa a existir. Assim, a nação de Israel, acertadamente, tomou emprestados os mitos sagrados sumérios que deram origem à nação. Infelizmente, muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos apresentam todo o conteúdo bíblico como histórico, como se tivessem à mão a certidão de nascimento de Adão.

Por ignorar a importância dos mitos sagrados contidos na Bíblia, os pregadores, teólogos e escritores cristãos acabam vendendo a ideia de historicidade de toda a Bíblia, inclusive do mito da criação, registrado nos onze primeiros capítulos do livro de Gênesis. Mas o mito da criação se refere às relações de Deus com os seres humanos, e precisa ser tratado com honestidade, o que infelizmente não acontece.

Eu considero as relações dos seres humanos com Deus como sendo um assunto da maior importância, é por isso que eu recomendo que todos adoremos a Deus em espírito e em verdade, como Jesus ensina: “Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:24). Também recomendo que as pessoas falem somente a verdade a todas as pessoas, em todos os contextos e levem Deus a sério de acordo com o Evangelho de Jesus Cristo.

Quando pregadores, teólogos e escritores cristãos consideram que a simples leitura dirigida da Bíblia é suficiente para que os seres humanos estabeleçam um contato com Deus, sem nenhuma intervenção humana, eles desprezam o poder da oração pessoal a ser dirigida a Deus por qualquer ser humano.

É fato que a Bíblia não impede ninguém de adorar a Deus em espírito e em verdade, mas muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos ensinam como verdade absolutas o conteúdo das cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, além das demais cartas atribuídas ao apóstolo Paulo. Eles sabem que as cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, foram distorcidas, para destruir a lei de Deus que são os Dez Mandamentos, destruir a graça e a verdade, o que acabou atingindo a todos os seres humanos.

Para que se tenha uma ideia da importância do mito sagrado cristão, contido na Bíblia hebraica, ele é a mais autoritativa de todas as dicas, vestígios ou pegadas de Deus deixadas aos seres humanos, em forma de revelação. Então vejamos a importância do

Abraão mítico, quanto à sua antiguidade, sobre quem Jesus afirma “Antes que Abraão existisse, eu sou” (Jo 8:58). A importância de Abraão é muito grande porque ele está no mito sagrado. Do ponto de vista da revelação divina, o personagem mítico cristão é mais autoritativo do que o personagem cristão que está apenas na profecia e ou na história.

Consideremos agora Jesus Cristo, Ele está no mito sagrado, no livro de Gênesis: “O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de comando de seus descendentes, até que venha aquele a quem ele pertence, e a ele as nações obedecerão” (Gn 49:10). Ele está na profecia do profeta Isaías, por exemplo: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o governo estará sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz” (Is 9:6), e, está, obviamente, na história.

Considerando que o Evangelho de Jesus Cristo não representa uma biografia dele, mas O apresenta como a mais confiável dica que Deus nos deixou em forma de revelação. Jesus Cristo é também o mais esperançoso vestígio e a mais profunda pegada que Deus imprimiu sobre a Terra, que nos dá informação sobre a sua existência e seu amor pela humanidade.

Agora consideremos o personagem Maria que aparece na profecia e na história: na profecia é bem óbvia a referência a Maria no livro do profeta Isaías: “Por isso o Senhor mesmo lhes dará um sinal: a virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel” (Is 7:14). Na história, obviamente, Maria aparece, embora não ensine, ela apenas dá uma instrução, que se tornou muito importante para a tradição mariana, da igreja católica romana.

Outro personagem que aparece na profecia e na história é João Batista, na profecia, vejamos como o profeta Isaías o apresenta: “Uma voz clama: “No deserto preparem o caminho para o Senhor; façam no deserto um caminho reto para o nosso Deus” (Is 40:3). Na história, João Batista aparece e ensina muito, infelizmente o ensino dele não é levado a sério por pregadores, teólogos e escritores cristãos: Como está escrito no livro das palavras de Isaías, o profeta:

"Voz do que clama no deserto: 'Preparem o caminho para o Senhor, façam veredas retas para ele. Todo vale será aterrado e todas as montanhas e colinas, niveladas. As estradas tortuosas serão endireitadas e os caminhos acidentados, aplanados. E toda a

humanidade verá a salvação de Deus'". João dizia às multidões que saíam para serem batizadas por ele: "Raça de víboras! Quem lhes deu a ideia de fugir da ira que se aproxima? Deem frutos que mostrem o arrependimento. E não comecem a dizer a si mesmos: 'Abraão é nosso pai'. Pois eu lhes digo que destas pedras Deus pode fazer surgir filhos a Abraão. O machado já está posto à raiz das árvores, e toda árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo". "O que devemos fazer então? ", perguntavam as multidões. João respondia: "Quem tem duas túnicas reparta-as com quem não tem nenhuma; e quem tem comida faça o mesmo". Alguns publicanos também vieram para serem batizados. Eles perguntaram: "Mestre, o que devemos fazer? " Ele respondeu: "Não cobrem nada além do que lhes foi estipulado". Então alguns soldados lhe perguntaram: "E nós, o que devemos fazer? " Ele respondeu: "Não pratiquem extorsão nem acusem ninguém falsamente; contentem-se com o seu salário". O povo estava em grande expectativa, questionando em seus corações se acaso João não seria o Cristo. João respondeu a todos: "Eu os batizo com água. Mas virá alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de curvar-me e desamarrar as correias das suas sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo. Ele traz a pá em sua mão, a fim de limpar sua eira e juntar o trigo em seu celeiro; mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga" (Lc 3:4-17)

Perceba que o evangelista que registrou este ensino de João Batista é Lucas. Não se sabe sequer se era homem ou mulher, mas ele deveria ter sua origem em uma classe social abastada. Não dá para pensar que o ensino de João Batista visasse atrair as pessoas para si, como um revolucionário, porque ele preparava o caminho para o surgimento de uma sociedade cristã, justa em que as pessoas levassem Deus a sério. Uma sociedade em que todos pudessem dizer de Jesus Cristo: "É necessário que ele cresça e que eu diminua". (Jo 3:30)

Como foram criados os anjos

Os anjos são bem pouco conhecidos dos pregadores teólogos e escritores cristãos. Isso acontece porque pregadores, teólogos e escritores cristãos só dão crédito ao que está escrito nas cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, sem considerar que as cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, foram distorcidas, tendo como principal objetivo tornar dispensáveis os ensinamentos de Jesus Cristo. Se dermos crédito aos três primeiros capítulos da Bíblia, veremos que os anjos são seres espirituais, por isso, semelhantes a Deus.

A Bíblia é um livro muito antigo. Nela se inspiram, principalmente, o judaísmo e o cristianismo. No entanto, a angeologia, que é o ramo da teologia que estuda os anjos, em tais religiões ainda é pouco desenvolvida. Para que possamos compreender a Bíblia, do ponto de vista cristão, porque o livro de Apocalipse é um livro cristão, temos que assumir que os anjos foram criados quando: “Disse Deus: "Haja luz", e houve luz”. (Gn 1:3)

Este argumento é importante porque a luz é energia, e energia é matéria prima para fazer tudo o que contém massa e os anjos são os construtores celestiais do universo. Infelizmente, pregadores, teólogos e escritores cristãos consideram que os anjos são apenas mensageiros de Deus. É verdade que as mensagens de Deus nos chegam através de anjos, mas também é verdade que todo o trabalho sobrenatural é feito pelos anjos.

O motivo pelo qual nos ensinam tão pouco sobre os anjos é porque pregadores, teólogos e escritores cristãos entendem que Jesus Cristo ressuscitou em carne e osso e em carne e osso também ressuscitaremos, por isso, o espírito tem pouca relevância. Os pregadores, teólogos e escritores cristãos não levam a sério o ensino de Jesus Cristo, porque, em pontos muito importantes o ensino de Jesus Cristo e o ensino contido nas cartas atribuídas ao apóstolo Paulo representam teses opostas.

Eu não creio que o apóstolo Paulo tenha ensinado alguma coisa errada, ou em desacordo com o ensinamento de Jesus Cristo, mas creio que suas cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, foram distorcidas pelo abominável da desolação que desejava destruir a lei de Moisés, que são os Dez Mandamentos, destruir a graça e a verdade. O abominável da desolação as tornou de difícil entendimento e com sentido contrário ao ensino de Jesus Cristo. Assim, por quase dois mil anos, os cristãos têm crido nas cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, como se cada palavra tivesse saído da santa boca de Deus, e qualquer ensino contrário é considerado amaldiçoado.

A teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo é o principal objeto do meu ensino sobre teologia. Com essa teologia eu procuro identificar no ensino de Jesus Cristo uma cosmovisão para Deus, bem presente no Evangelho segundo João, e uma cosmovisão para o ser humano, centrada no livro de Apocalipse. Vamos analisar as implicações imediatas de Deus e os anjos serem espíritos:

Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais grandes de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão". Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (Gn 1:26-27)

Se Deus é Espírito, de acordo com os versículos acima, os anjos são espíritos e os seres humanos também são espíritos. Mas os pregadores, teólogos e escritores cristãos que defendem a tese de que na eternidade o ser humano será carne e osso podem argumentar que: "Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente" (Gn 2:7). Mas na sentença proferida por Deus, antes de expulsar nossos pais do jardim do Éden: "Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó e ao pó voltará" (Gn 3:19), Ele nos ensina que todo ser humano deixa sua parte material na terra, de modo definitivo.

Expulsos do Paraíso, nossos pais teriam que aprender com Deus, para encontrar o caminho de volta para a árvore da vida: "Depois de expulsar o homem, colocou a leste do jardim do Éden querubins e uma espada flamejante que se movia, guardando o caminho para a árvore da vida" (Gn 3:24). E tal caminho de volta ao Paraíso somente poderia ser trilhado espiritualmente, dado que o pó retorna ao pó, como sentença proferida por Deus.

A falta de lógica contida nas doutrinas ditas cristãs que depreendem das cartas atribuídas ao apóstolo Paulo é tão grande que, enquanto mais o pregador, teólogo ou escritor cristão as tiver estudado tanto mais ilógico será o seu discurso. É por isso que eu sugiro que os admiradores do apóstolo Paulo somente considerem o apóstolo Paulo descrito por Lucas no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35).

O Seio de Abraão e o Céu

Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou

(Jo 8:58)

Um dos pontos mais importantes da teologia, como da natureza, é a lógica. Então vejamos um exemplo de lógica presente no universo criado por Deus. Suponha que um cientista tenha o objetivo de criar um detergente, tendo como principal componente o

átomo de carbono. Ele dá como certo que o átomo do carbono tem a massa de doze unidades, mas ao fazer seus experimentos verifica que a cada tentativa encontra um valor diferente para a massa do carbono. Você já imaginou se isso fosse possível?

Portanto, temos que considerar que a Bíblia, nos seus setenta primeiros capítulos, e no Novo Testamento precisa se apresentar como um livro lógico. Quanto à Bíblia hebraica, somente podemos contar como lógicas as profecias relativas a Jesus Cristo, não cabendo aos cristãos aferir a logicidade do conteúdo de interesse exclusivo dos judeus. Assim, o conceito de ser humano que sai dos três primeiros capítulos do livro de Gênesis precisa chegar ao livro de Apocalipse intocado, quanto à lógica.

É preciso que se considere que um modelo teológico não é ciência exata. Um modelo teológico com base na Bíblia deve ser construído tomando-se um recorte do tempo e do espaço que seja o maior possível. Assim, o Seio de Abraão é considerado um lugar espiritual para onde iam os espíritos dos mortos, que em vida, aceitaram aprender com Deus e se colocaram do lado da verdade. As pessoas, que em vida, aceitaram aprender com Deus e se colocaram do lado da verdade têm que ouvir a voz de Jesus. “... Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz”. (Jo 18:37)

Para que um modelo teológico cristão se sustente, ele precisa estar de acordo com os setenta primeiros capítulos da Bíblia, com as profecias messiânicas, com o Evangelho de Jesus Cristo e com a revelação de Jesus Cristo, contida no livro de Apocalipse. Assim, o Seio de Abraão abrigou os espíritos dos mortos, que durante a vida aprenderam com Deus, desde Adão até o último ser humano a morrer no momento em que Jesus afirma “está consumado”. Daquele momento em diante os espíritos das pessoas que, em vida, aprenderam com Deus, passaram a ter um encontro com Jesus, através dos seus anjos, para ouvir a sua voz, no último dia de suas vidas.

O último dia é o dia em que o ser humano morre. Não é apenas um dia de julgamento, que ninguém tem ideia de quando irá ocorrer. O entendimento de que o último dia é o dia do juízo de Deus não está errado, desde que se entenda que este dia também é o último dia da vida do ser humano: “E esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não perca nenhum dos que ele me deu, mas os ressuscite no último dia. Porque a vontade de meu Pai é que todo o que olhar para o Filho e nele crer tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia”. (Jo 6:39-40)

Certa vez eu assistia a um vídeo do reverendo R. C. Sproul (1939 - 2017), sobre a crise na escatologia, a seus alunos de um seminário nos Estados Unidos, quando fui surpreendido pela honesta preocupação dele. Sproul dizia: “... provavelmente haja mais discordância entre os cristãos, sobre escatologia, do que todas as outras doutrinas que tendem a nos dividir. E por causa disto há uma crise em nosso tempo, em termos de entender o ensino das Escrituras, com respeito às profecias futuras. ... Eu vou lhes falar a minha opinião sobre escatologia, que representa uma minoria que você talvez esteja ouvindo pela primeira vez, ... talvez isto vá lhe chocar, ... escatologia é um assunto muito difícil ... eu vou dar uma atenção especial, não somente hoje, mas ao longo desta série. A outra crise, a crise da escatologia que às vezes é vista com pouco interesse ou ignorada dentro dos círculos evangélicos da igreja cristã. Eu acredito que esta seja a mais séria crise com relação ao nosso entendimento das profecias para o futuro. E a crise tem a ver com a questão da credibilidade e isto tem a ver com a credibilidade de dois assuntos distintos: a credibilidade da Bíblia em si, como eu vou lhes mostrar, e a credibilidade de Jesus.”

Estamos falando sobre o Seio de Abraão, um assunto que muito tem a ver com escatologia. Eu quero salientar que a “ortodoxia” bíblica, que considera cada palavra escrita na Bíblia como sendo Deus falando ao ouvido do autor, não tem solução para o problema da crise na escatologia, apontada pelo senhor Sproul. Para resolver o problema da crise na escatologia é preciso que adotemos uma posição racional, com base nos versículos a seguir: “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos o que em breve há de acontecer. Ele enviou o seu anjo para torná-la conhecida ao seu servo João, que dá testemunho de tudo o que viu, isto é, **a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo**”. (Ap 1:1-2 – grifo do autor)

A todos os meus leitores, eu quero dizer que eu não sou melhor intérprete da Bíblia do que o senhor Sproul e que o entendimento de que o livro de Apocalipse foi editado me foi dado por Deus. Vamos admitir que o livro de Apocalipse foi escrito até o capítulo sete, com base no que o autor viu e ouviu do anjo do Senhor, que lhe trouxe a revelação, exceto pelo cento e quarenta e quatro mil que se referem somente às tribos de Israel, ou seja, aos descendentes de Israel, filho de Isaque. Do capítulo oito ao capítulo dezoito somente encontramos a ira de Deus sendo aplicada a uma Terra, cuja população já havia sido

extinta e os espíritos dos mortos, que em vida aceitaram aprender com Deus, já tenham se encontrado com Jesus Cristo.

Não podemos dizer que a edição do livro de Apocalipse tenha sido ocultada. Perceba que no segundo versículo do livro a pessoa que o editou avisa que registrou tudo o que viu sobre “a palavra de Deus”. Considere que o papel do autor era somente registrar o testemunho de Jesus Cristo e não registrar os fatos de acordo com a sua interpretação da Bíblia hebraica.

Agora vejamos como o Seio de Abraão foi desativado, a partir do momento em que Jesus Cristo levou sua voz aos espíritos que lá se encontravam, conforme atesta o apóstolo Pedro, principal testemunho ocular do ministério terreno de Jesus: “Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão”. (1 Pe 3:18-19)

A partir do instante em que Jesus Cristo foi levar sua voz aos espíritos dos mortos, no Seio de Abraão, o Céu começou a ser povoado com as almas ou espíritos dos seres humanos, “considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição dos mortos”, conforme descrito no livro de Apocalipse:

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres viventes e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!" (Ap 5:11-12)

O que temos agora é que a partir do instante em que Jesus Cristo foi morto, até o final da grande tribulação, que é a consumação dos séculos, todas as vezes que morre um ser humano que, em vida, aprendeu com Deus, Jesus Cristo manda anjos ao seu encontro. Ou seja, Ele volta para aquela pessoa, representado pelos seus anjos. Após ter sido morto, Jesus Cristo não aparece a ninguém a não ser como teofania, representado por anjos. Portanto, afirmações do tipo: "Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos, assentar-se-á em seu trono na glória celestial" (Mt 25:31), descrevem uma vinda de Jesus Cristo, que somente pode ser entendida como Ele sendo alguém não distinto do Espírito Santo, a essência de Deus.

Assim, todas as referências bíblicas, à volta de Jesus Cristo, ainda estando vivas as pessoas a quem Ele se dirige, não há nada errado com a afirmação, desde que se entenda que Ele se encontrará com cada ser humano, no último dia da sua vida, representado pelos seus anjos. Este encontro será o verdadeiro estabelecimento do Reino de Deus, em que cada ser humano será confrontado com o ensino de Deus necessário ao arrependimento.

Quem em vida, tiver recebido Jesus Cristo como Deus, terá se alimentado com o pão da vida. Mas quem, em vida, não tiver recebido Jesus Cristo como Deus, não terá se alimentado do pão da vida, mas, ainda assim, seu espírito poderá ser conduzido ao Céu a não ser que a pessoa rejeite a vida eterna de modo consciente, livre e definitivo. É por isto que Jesus Cristo não permite que julgemos as pessoas, quanto ao estado final das suas almas; então vejamos este fundamento:

"O que acham? Havia um homem que tinha dois filhos. Chegando ao primeiro, disse: 'Filho, vá trabalhar hoje na vinha'. "E este respondeu: 'Não quero!' Mas depois mudou de ideia e foi. "O pai chegou ao outro filho e disse a mesma coisa. Ele respondeu: 'Sim, senhor! 'Mas não foi. "Qual dos dois fez a vontade do pai? " "O primeiro", responderam eles. Jesus lhes disse: "Digo-lhes a verdade: Os publicanos e as prostitutas estão entrando antes de vocês no Reino de Deus. (Mt 21:28-31)

Assim é o Evangelho de Jesus Cristo. E a grande verdade, da qual ninguém consegue escapar, é que todos os seres humanos se encontrarão com Deus, no último dia das suas vidas. Isto se deve ao fato de que todos fomos criados à imagem e à semelhança de Deus. Jesus Cristo ensina sobre o seu encontro com todos os seres humanos, em teofania, representado pelos anjos, no último dia de vida de cada ser humano, porque Ele é o representante da descendência da mulher, com poder para esmagar a cabeça da serpente: "Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar". (Gn 3:15)

Após o julgamento de Deus e aplicação de penas à serpente e à mulher, nossos pais perderam a condição de viver eternamente em carne e osso: "Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó e ao pó voltará" (Gn 3:19). Eu não sei de onde pregadores, teólogos e escritores cristãos tiraram a ideia de que Jesus Cristo ressuscitou em carne e osso e assim também os seres humanos ressuscitaremos.

Ao ofender a Deus com seu pecado, nossos pais ouviam a voz das suas consciências e concluíram que deveriam se apresentar diante dele vestidos: “Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueira para cobrir-se” (Gn 3:7). Atendendo a essa necessidade humana, que surgiu após a queda, “O Senhor Deus fez roupas de pele e com elas vestiu Adão e sua mulher” (Gn 3:21). Portanto, o que faz o ser humano diferente do restante de criação é que ele tem uma consciência. Ele tem uma alma semelhante a Deus e aos anjos, por isso ele terá um encontro com Deus no seu último dia, esta é a grande pregação cristã.

A salvação da alma humana é o seu retorno ao Paraíso. Um retorno que somente é possível às pessoas que aprendem com Deus, no momento em que Ele as ensina: “... o Senhor Deus o mandou embora do jardim do Éden para cultivar o solo do qual fora tirado. Depois de expulsar o homem, colocou a leste do jardim do Éden querubins e uma espada flamejante que se movia, guardando o caminho para a árvore da vida” (Gn 3:23-24). É preciso considerar que o espírito humano é muito frágil, se comparado com Deus, por isso Deus não tem um plano para condenar o espírito humano à separação e à destruição, como ensinam pregadores teólogos e escritores cristãos.

O isolamento religioso do cristianismo

O que temos aprendido como cristianismo é um conjunto de doutrinas inventadas pelo cristianismo paulino, que faz com que o nosso discurso seja ridículo. O cristianismo paulino é tão cruel que não permite que os cristãos sequer saibam quem é Deus, ainda assim, devem se dar por satisfeitos ao ouvirem dizer que Deus são três pessoas distintas ou iguais, embora Jesus afirme que o Pai é maior do que Ele: “Vocês me ouviram dizer: Vou, mas volto para vocês. Se vocês me amassem, ficariam contentes porque vou para o Pai, pois o Pai é maior do que eu” (Jo 14:28). É isso que faz do cristianismo paulino uma religião tão eficiente para tentar destruir a lei de Moisés, que são os Dez Mandamentos, e destruir a graça e a verdade.

Eu não posso fazer críticas muito severas a pregadores, teólogos e escritores cristãos por não enxergarem um manual de ateísmo e de anomia nos onze primeiros capítulos da carta aos Romanos, conforme será demonstrado, mais à frente. Afinal de contas, eles se consideram ortodoxos. E ser ortodoxos para eles, significa crer e ensinar que cada palavra contida na Bíblia foi soprada por Deus no ouvido do autor, ainda que

saibam que sobre o texto atribuído ao apóstolo Paulo pairam fundadas suspeitas de haver sido distorcido pelo abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

Eu não faço críticas a quem quer que não considere que o livro de Apocalipse tenha sido editado, porque eu também não o considerava até o dia em que concluí o meu livro intitulado “Toda Autoridade a Jesus Cristo” e apresentei a Deus em oração a minha incapacidade de compreender o restante do livro, exceto pela sua parte final. Como resposta o Senhor enviou um anjo para me dizer que o livro foi editado.

Com o espírito de quem está dispensado de crer nos dogmas da ortodoxia cristã, eu fiz uma releitura do livro de Apocalipse e no seu segundo versículo eu encontrei a prova que buscava: “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos o que em breve há de acontecer. Ele enviou o seu anjo para torná-la conhecida ao seu servo João, que dá testemunho de tudo o que viu, isto é, **a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo**”. (Ap 1:1-2 – grifo do autor)

Com tal resposta de Deus á minha oração eu passei a considerar as minhas conclusões expressas no livro intitulado “Toda Autoridade a Jesus Cristo” como sendo aceitáveis diante de Deus; por isso eu considero que ele representa a teologia cristã para os seres humanos a partir do início do século XXI.

Como cristão eu considero muito importante que leiamos a Bíblia do modo como Jesus Cristo nos ensina que a leiamos. Os cristãos precisamos ler Bíblia sem o exclusivismo religioso que transforma o cristianismo em uma religião intolerante, como tem sido nos últimos dezesseis séculos. Para quem não sabe, exclusivismo religioso é pensar que Deus somente ensina e se relaciona com um grupo de eleitos que eram os judeus e os gentios convertidos ao cristianismo pelo evangelho segundo as cartas do apóstolo Paulo, distorcidas pelo abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

Os líderes judeus consideravam que quando o Messias viesse Ele viria somente para eles. Assim, Caifás ao apresentar sua oração a Deus, com sua justificativa de condenar Jesus Cristo por blasfêmia, ouviu a seguinte resposta da parte de Deus: que Jesus seria morto “... não somente por aquela nação, mas também pelos filhos de Deus

que estão espalhados, para reuni-los num povo” (Jo 11:52). Portanto, a teologia paulina, que considera que o inferno é o lugar certo para os seres humanos, por serem culpados pelo pecado de Adão, não se sustenta, é fruto da astúcia do abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

Com a resposta de Deus à minha oração, sobre o livro de Apocalipse, a “ortodoxia” bíblica que considera cada palavra contida na Bíblia como tendo sido soprada por Deus no ouvido do autor não se sustenta. E para confirmar o que a pessoa que o editou escreveu sobre haver interpretado a Bíblia e posto no livro a sua interpretação, vejamos como o livro chega ao que eu considero o seu penúltimo versículo, e o penúltimo versículo da Bíblia:

"Eu, Jesus, enviei o meu anjo para dar a vocês **este testemunho concernente às igrejas**. Eu sou a Raiz e o Descendente de Davi, e a resplandecente Estrela da Manhã". O Espírito e a noiva dizem: "Vem! " E todo aquele que ouvir diga: "Vem! " Quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida." (Ap 22:16-17 – grifo do autor)

Após a remoção da parte editada, o livro de Apocalipse se torna o fechamento da cosmovisão cristã para o ser humano, conforme proposto no meu livro intitulado “Toda Autoridade a Jesus Cristo”. Infelizmente, o cristianismo paulino provoca o isolamento religioso do cristianismo de Jesus Cristo, uma vez que, uma doutrina ensinada nas cartas do apóstolo Paulo, é atribuída a Jesus Cristo, e considerada superior a qualquer ensino dele, contido no seu Evangelho. Assim, os pregadores, teólogos e escritores cristãos consideram que Jesus Cristo ensina contra o ser humano, contra a lei de Deus, contra Deus e contra os judeus; porque é isso que Paulo ensina.

O PROCESSO CIVILIZATÓRIO DA HUMANIDADE

Deus ensina a todas as pessoas

Os primeiros setenta capítulos da Bíblia vão de (Gn 1:1) a (Ex 20:26). Esta parte da Bíblia é considerada a lei de Deus para toda a humanidade. Ela contém características judaicas e cristãs, e é o suporte para as religiões abraâmicas, posto haver sido desenvolvida, tendo como personagens principais Abraão, Isaque, Jacó, José e Moisés. Os setenta primeiros capítulos da Bíblia foram atribuídos a Moisés, um personagem mítico a quem se atribui o mito fundador da nação de Israel.

A lei de Deus evidencia que Ele não ensina somente aos cristãos, Ele ensina a todos os seres humanos: "... 'Todos serão ensinados por Deus'. Todos os que ouvem o Pai e dele aprendem vêm a mim" (Jo 6:45). Os cristãos não estão acostumados a se deterem no ensinamento de Jesus porque os pregadores, teólogos e escritores cristãos são ensinados a passar bem longe de qualquer ensino bíblico que não venha das cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, é o que se chama de teologia paulina, sistematizada por Agostinho de Hipona; que pode ser considerada a segunda queda.

Eu ensino os meus leitores a considerarem que, de todos os personagens da Bíblia somente Jesus Cristo tem autoridade divina. A justificativa para tal afirmação está no fato de que Jesus Cristo teve um corpo humano e um Espírito divino. Na introdução deste livro você leu o que a Bíblia afirma sobre o Espírito de Jesus Cristo e sobre o espírito do ser humano. Foi com base nesses dois conceitos que eu escrevi a teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo.

A teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo não traz nada novo, tudo o que eu ensino já foi ensinado antes, principalmente durante os primeiros três séculos da era cristã. O princípio norteador da forma de pensar livre, presente no meu ensino decorre da certeza de que o livro de Apocalipse foi editado, o que acaba derrubando muitos dogmas, principalmente o de que a Bíblia está fechada.

Mas muitos cristãos já estão acostumados a crer na Bíblia como se ela fosse a palavra de Deus, por tudo o que ela afirma. Eles pensam assim por que consideram muito cômodo crer em tudo sem desconfiar de nada. A minha fé é que somente a parte da Bíblia que se refere a Jesus Cristo pode ser considerada palavra de Deus. E que temos que considerar que Jesus Cristo afirma: "Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; (Jo 5:39). Portanto, a Bíblia, somente se justifica se ela estiver submissa à autoridade de Jesus Cristo.

O Abraão pré-histórico e o ancestral dos judeus

O personagem Abraão é didático, por isto, todos os seres humanos que foram ensinados por Deus e aprenderam, se colocaram do lado da verdade, ao morrerem, até o momento em que Jesus Cristo foi morto foram para o Seio da Abraão, onde ficaram esperando para ouvirem a voz de Jesus Cristo, e a ouviram. Por isto, conclui-se que a

grande maioria dos seres humanos, desde Adão até o último ser humano a morrer, no momento em que Jesus Cristo disse “está consumado”, foram para o Seio de Abraão.

O Abraão pré-histórico foi o primeiro patriarca, ele surgiu logo após Deus haver expulsado nossos pais do Paraíso: “Depois de expulsar o homem, colocou a leste do Jardim do Éden querubins e uma espada flamejante que se movia, guardando o caminho para a árvore da vida” (Gn 3:24). Mas o Abraão, ancestral dos judeus foi um personagem tomado emprestado do Abraão pré-histórico, para a formação do mito fundador da nação de Israel.

A Bíblia é muito antiga, e o trecho que vai de (Gn 1:1) a (Ex 20:26) é totalmente mítico, na medida em que é anterior à escrita e não se tem registros escritos sobre os eventos lá relatados. Os mitos sagrados contidos na Bíblia, como o mito da criação, não podem ser considerados mentiras, porque eles são resultantes de dicas, vestígios e pegadas deixadas por Deus aos nossos antepassados, que apenas podem ser recebidos por nós, como verdades de Deus, por meio da fé. Pela teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo, hoje não estamos em vantagem em relação aos nossos antepassados, porque, como eles, as dicas, vestígios e pegadas deixadas por Deus somente são perceptíveis pela fé, em um relacionamento pessoal e permanente com Deus sem nenhuma intervenção humana.

Mas os pregadores, teólogos e escritores cristãos consideram que a Bíblia não contém mitos sagrados, e até mesmo estimam a data de nascimento de Adão: cerca de 4.000 a.C. Isso é ridículo, mas é a ortodoxia bíblica deles. É lamentável que pessoas tão avessas ao bom senso se assenhem da Bíblia, como se tivessem algum direito especial sobre este tesouro inestimável, principalmente, quando se considera sua contribuição para o processo civilizatório da humanidade, representado pelos seus setenta primeiros capítulos. Essa contribuição é feita pelo império da lei de Deus.

Eu suponho que o principal propósito de Deus em nos deixar dicas, vestígios e pegadas que desafiam a nossa compreensão, como no caso da ação de Deus na vida de Moisés, desde o seu nascimento até a sua descida do Monte Sinai, trazendo as tábuas da lei, seja o estabelecimento de um relacionamento solitário com cada ser humano. Tais revelações de Deus tipificam o imenso amor que Ele tem pelos seres humanos, um amor maior do que possamos descrever, e também uma forma de nos ensinar.

O personagem bíblico Abraão, tal como os ancestrais dos judeus o reproduziram, viveu em uma época em que o pastoreio era a atividade predominante. Abraão e seus filhos e netos viveram como pastores. Nômades, em campo aberto, sujeitos aos ataques das feras, eles só podiam contar com Deus e com seus semelhantes. Esse modo de pensar e de viver se aplica a todas as atividades econômicas, e em todos os lugares porque é verdade criacionista. Uma verdade criacionista vem dos onze primeiros capítulos da Bíblia e se aplica a todos os seres humanos. Ao formar um núcleo familiar, Abraão assumiu a responsabilidade compartilhada com sua esposa, de invocar o nome do Senhor:

O Senhor apareceu a Abrão e disse: "À sua descendência darei esta terra". Abrão construiu ali um altar dedicado ao Senhor, que lhe havia aparecido. Dali prosseguiu em direção às colinas a leste de Betel, onde armou acampamento, tendo Betel a oeste e Ai a leste. Construiu ali um altar dedicado ao Senhor e invocou o nome do Senhor". (Gn 12:7-8)

Levando uma vida nômade, Abraão não se cansava de construir "altar dedicado ao Senhor e invocar o nome do Senhor", onde quer que chegasse. Contrariamente, Ló, seu sobrinho, se invocava o nome do Senhor, era no altar construído pelo seu tio. Construir altar e invocar o nome do Senhor parecia não ser uma prioridade para Ló. Mas um dia eles tiveram que se separar, e durante o ato da separação, Abraão mostrou que construir altares dedicados ao Senhor e invocar o seu nome, produz resultados espirituais palpáveis. Abraão mostrou o mais completo desprendimento, em relação a bens materiais, quando teve que dividir a terra com seu sobrinho:

Não está toda a terra diante de ti? Eia, pois, aparta-te de mim; e se escolheres a esquerda, irei para a direita; e se a direita escolheres, eu irei para a esquerda. E levantou Ló os seus olhos, e viu toda a campina do Jordão, que era toda bem regada, antes do Senhor ter destruído Sodoma e Gomorra, e era como o jardim do Senhor, como a terra do Egito, quando se entra em Zoar. Então Ló escolheu para si toda a campina do Jordão, e partiu Ló para o oriente, e apartaram-se um do outro. Habitou Abrão na terra de Canaã e Ló habitou nas cidades da campina, e armou as suas tendas até Sodoma. (Gn 13:9-12)

No ato da separação Ló escolheu para si a melhor terra: "levantou Ló os seus olhos, e viu toda a campina do Jordão, que era toda bem regada, antes do Senhor ter destruído Sodoma e Gomorra, e era como o jardim do Senhor, como a terra do Egito,

quando se entra em Zoar”. Ló não tinha interesse em construir altares ao Senhor, ele investia todo o seu tempo e recursos construindo tendas, que são pontos de apoio para vaqueiros: “e Ló habitou nas cidades da campina, e armou as suas tendas até Sodoma”.

Sodoma era uma cidade emblemática para representar o local em que o egoísmo nasce, cresce, floresce e frutifica. Pela escolha da melhor terra, percebe-se que o egoísmo estava enraizado na alma de Ló. Ele era um homem seduzido pelas riquezas, mas Jesus Cristo afirma: "Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro" (Mt 6:24). Temos que ter sempre em mente que Ló foi um personagem esculpido pelo dedo de Deus para nos ensinar como não devemos nos relacionar com Ele: em completa indiferença.

Os personagens Abraão e Ló são emblemáticos para representar os seres humanos que têm a escolha de andar ou não na presença de Deus. Abraão andou na presença de Deus, contrariamente, Ló buscou a autossatisfação. O personagem Ló representa as pessoas que, na melhor das hipóteses, terceirizam suas relações com Deus. Tais pessoas pensam que é suficiente invocar a Deus no altar alheio. Normalmente estas pessoas somente se lembrarem de Deus quando veem um altar construído pelos outros, se não o veem, não fazem suas orações.

Com base no relato bíblico percebe-se que Ló se metia em grandes encrencas. Abraão, por ser desprendido em relação a bens materiais, ficou com a terra que Ló deixou para ele. Sem considerar que saíra em desvantagem na partilha da terra: “... Abrão mudou as suas tendas, e foi, e habitou nos carvalhais de Manre, que estão junto a Hebrom; e edificou ali um altar ao Senhor”. (Gn 13:18)

O texto bíblico deixa claro que Ló gostava de acumular riquezas e de viver confortavelmente. Ele tornou-se um abastado habitante da cidade de Sodoma, até que um dia, saquearam a cidade, “E tomaram todos os bens de Sodoma, e de Gomorra, e todo o seu mantimento e foram-se. Também tomaram a Ló, que habitava em Sodoma, filho do irmão de Abrão, e os seus bens, e foram-se” (Gn 14:11-12). Ao tomar conhecimento dos fatos, o desprendido Abraão deixou seus afazeres, reuniu sua tropa e perseguiu os invasores: “E tornou a trazer todos os seus bens, e tornou a trazer também a Ló, seu irmão, e os seus bens, e também as mulheres, e o povo”. (Gn 14:16)

Ao voltar da batalha, para reparar os danos causados pelos invasores a Sodoma, Abraão encontrou Melquisedeque: “E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era este sacerdote do Deus Altíssimo. E abençoou-o, e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra” (Gn 14:18-19). Este encontro de Abraão com Melquisedeque nos ensina que todas as pessoas que aprendem com Deus, se colocam do lado da verdade, são congregadas em um só povo, como ensina o Evangelho de Jesus Cristo.

Essa verdade ainda não voltou ao cristianismo, desde que ela foi abolida, há mais de dezesseis séculos, por Agostinho de Hipona, em nome e com a autoridade do apóstolo Paulo. Enquanto todos os judeus esperavam um Messias somente para eles, Deus falou em profecia, por meio de Caifás, que Jesus Cristo haveria de morrer, não somente pela nação de Israel, mas para congregar os “... filhos de Deus que estão espalhados, para reuni-los num povo” (Jo 11:52). Abraão se encontrou ao acaso com Melquisedeque, mas eles não precisaram ajustar suas doutrinas, para ver se o Deus dos dois era o mesmo. Esse é o modo abraâmico de adorar a Deus, que a ortodoxia bíblica de pregadores, teólogos e escritores cristãos deixou para trás, há mais de dezesseis séculos.

A julgar pela quantidade de doutrinas inventadas pelo cristianismo paulino, percebe-se que pregadores, teólogos e escritores cristãos fazem da salvação algo quase impossível de ser conquistado pelo ser humano, porque ele já nasceu no inferno. É como se ele precisasse obter uma vitória contra Deus, de tão grande que é a dificuldade de alguém ser salvo. Mas não é assim, a salvação do pecador é a perfeita vontade de Deus e gratuita. Um dos maiores pecados contra Deus é considerar que somente no cristianismo as pessoas vão para o Céu.

É certo que quando Jesus Cristo congrega todas as pessoas que se colocam do lado da verdade, em um só povo, não importando a religião que elas professem, o cristianismo se torna maior, aí dá para dizer que somente no cristianismo as pessoas vão para o Céu. As pessoas que aprendem com Deus se colocam do lado da verdade e se esforçam para falar somente a verdade no seu dia a dia. Essas pessoas têm consciência da obrigação da prática do amor a Deus e do amor ao próximo. Elas são tementes a Deus, de quem recebem sabedoria visível aos olhos de qualquer pessoa honesta, essas pessoas ouvem a voz de Jesus Cristo.

É falsa a ideia de que somente no cristianismo paulino, cujas doutrinas foram inventadas para tentar destruir a lei de Moisés, que são os Dez Mandamentos, destruir a graça e a verdade, as pessoas vão para o Céu. Se fosse assim, Jesus Cristo não seria Deus com o Pai ou Espírito Santo. O cristianismo tem um sentido altamente existencial. Isto significa que os seres humanos que insistem em não viver como Jesus Cristo manda, ao morrer, suas almas podem ir para o Céu, mas em vida, eles deixaram de se alimentar com o pão da vida. A fome de pão da vida leva muitas pessoas a ouvirem a voz de Jesus Cristo, durante as suas vidas, aconteceu comigo.

A minha recomendação é que cada ser humano queira invocar o nome do Senhor. E para evidenciar as vantagens de a família invocar o nome do Senhor, em altar construído por ela mesma, eu tomo a condição imposta por Deus para que Ele fizesse uma aliança com Abraão: “Sendo, pois, Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o SENHOR a Abrão, e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso, anda em minha presença e sê perfeito” (Gn 17:1). Como nós, Abraão sofria os efeitos da queda; ou seja, como pecador, ele não poderia confiar na própria carne, mas Deus exigiu que ele fosse perfeito; isto obrigou Abraão a depender mais ainda de Deus. Este mesmo princípio se aplica a cada um de nós.

Esta é a primeira aliança proposta por Deus a um ser humano, registrada na Bíblia, certamente, ao Abraão pré-histórico. Ela aconteceu após a queda, mas Deus exigiu que Abraão andasse em sua presença e fosse perfeito. Daí a conclusão de que a queda não incapacitou o ser humano de aprender com Deus e se colocar do lado da verdade, para ouvir a voz de Jesus Cristo e ter a vida eterna.

A falta que o altar faz à família

É justo supor que Ló não construísse altares onde pudesse invocar o nome do Senhor, daí a conclusão de que ele nem sequer invocava o nome do Senhor como deveria. Considerando os versículos bíblicos a seguir, percebe-se que Ló tinha grande facilidade de conviver em ambientes em que os valores estão invertidos, como era o caso da cidade de Sodoma:

Então saiu Ló, e falou a seus genros, aos que haviam de tomar as suas filhas, e disse: Levantai-vos, saí deste lugar, porque o Senhor há de destruir a cidade. Foi tido porém por zombador aos olhos de seus genros. E ao amanhecer os anjos apertaram com Ló,

dizendo: Levanta-te, toma tua mulher e tuas duas filhas que aqui estão, para que não pereças na injustiça desta cidade. (Gn 19:14-15)

Por não dar prioridade à construção de altares ao Senhor onde pudesse invocar o seu nome, Ló tinha problemas familiares, com sua esposa e com suas filhas. Sabemos que nem sempre problemas familiares podem ser evitados, mas diante do altar do Senhor, milagres acontecem. Por isso é mais seguro viver diante do altar do Senhor, afinal de contas Ele dispõe de bilhões de anjos acampados à sua disposição, e acampar um deles ao seu redor, só depende da sua fé e fidelidade a Deus, de acordo com o Evangelho de Jesus Cristo.

Um problema que acontece com muita frequência nas famílias que não levam ao altar do Senhor todas as suas necessidades e aspirações é o apego excessivo a bens materiais. Ló e sua família já estavam em fuga, enquanto o anjo do Senhor destruía as cidades de Sodoma e Gomorra. Quando a mulher de Ló percebeu que Deus "... destruiu aquelas cidades e toda aquela campina, e todos os moradores daquelas cidades, e o que nascia da terra. E a mulher de Ló olhou para trás e ficou convertida numa estátua de sal". (Gn 19:25-26)

A Bíblia somente não goza de melhor reputação, quanto a ser um texto do mais elevado nível ético, porque pregadores, teólogos e escritores cristãos não conseguem aceitar que episódios como a transformação da mulher de Ló em estátua de sal seja uma metáfora do mais alto significado ético. Eles veem este episódio como um castigo pessoal aplicado a uma mulher, ao longo da história humana. Assim, a beleza e a lição contidas no mito sagrado se perdem, e a sociedade perde a oportunidade de aprender com Deus.

Mas a mulher de Ló é um personagem esculpido pelo dedo de Deus para representar as pessoas apegadas a bens materiais. O que é uma estátua de sal? Uma estátua de sal deixada a céu aberto é um monumento extremamente vulnerável, principalmente à ação da chuva. E a campina que Ló escolheu como sua posse, era muito verde, indicando ser um local muito chuvoso. Com certeza, em pouco tempo, a estátua de sal iria desaparecer, como tudo o que não é tesouro guardado no Céu.

Todas as histórias contidas nos setenta primeiros capítulos da Bíblia são parábolas de Deus, com o objetivo de atrair as pessoas para que elas se coloquem do lado da

verdade, para que tomem consciência de tal privilégio e aceitem viver mais próximas de Deus, juntamente com todos os seus filhos que vivem dispersos pelo mundo. Não importando o que digam as doutrinas ensinadas no cristianismo paulino.

Ao longo da Bíblia, Deus expressa cuidado com a família. E ao longo dos seus setenta primeiros capítulos esse cuidado é muito perceptível, porque a família é uma instituição que reflete as relações de Deus com o indivíduo. Isso acontece porque os setenta primeiros capítulos da Bíblia foram escrituras sagrada para muitos seres humanos, por muitos milhares de anos.

Neste ponto da minha exposição sobre a família de Ló, eu também encerro minhas considerações sobre o assunto, afirmando que, apesar de Abraão estar sempre presente durante as encenções em que Ló se metia, Abraão não era Deus e pouco podia fazer por seu sobrinho, como no episódio a seguir:

E Abraão levantou-se aquela mesma manhã, de madrugada, e foi para aquele lugar onde estivera diante da face do Senhor; E olhou para Sodoma e Gomorra e para toda a terra da campina; e viu, que a fumaça da terra subia, como a de uma fornalha. E aconteceu que, destruindo Deus as cidades da campina, lembrou-se Deus de Abraão, e tirou a Ló do meio da destruição, derrubando aquelas cidades em que Ló habitara. E subiu Ló de Zoar, e habitou no monte, e as suas duas filhas com ele; porque temia habitar em Zoar; e habitou numa caverna, ele e as suas duas filhas. Então a primogênita disse à menor: Nosso pai já é velho, e não há homem na terra que entre a nós, segundo o costume de toda a terra; Vem, demos de beber vinho a nosso pai, e deitamo-nos com ele, para que em vida conservemos a descendência de nosso pai. E deram de beber vinho a seu pai naquela noite; e veio a primogênita e deitou-se com seu pai, e não sentiu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. E sucedeu, no outro dia, que a primogênita disse à menor: Vês aqui, eu já ontem à noite me deitei com meu pai; demos-lhe de beber vinho também esta noite, e então entra tu, deita-te com ele, para que em vida conservemos a descendência de nosso pai. E deram de beber vinho a seu pai também naquela noite; e levantou-se a menor, e deitou-se com ele; e não sentiu ele quando ela se deitou, nem quando se levantou. E conceberam as duas filhas de Ló de seu pai. (Gn 19:27-36)

Eu também encerro as minhas considerações sobre Abraão, afirmando que, com a queda, a propensão para pecar atingiu a toda espécie humana, e Abraão não foi uma

exceção. Portanto, não há quem não transgrida o mandamento de Deus. Abraão, ao chegar em uma terra estranha, cujo governante era conhecido como Abimeleque, mentiu a ele sobre o fato de Sara ser sua esposa. Como Abimeleque também era alguém que havia se colocado do lado da verdade, Deus se manifestou a ele e disse que havia impedido que ele pecasse, favor de Deus muito comum entre pecadores que constroem altares ao Senhor:

E partiu Abraão dali para a terra do sul, e habitou entre Cades e Sur; e peregrinou em Gerar. E havendo Abraão dito de Sara, sua mulher: É minha irmã; enviou Abimeleque, rei de Gerar, e tomou a Sara. Deus, porém, veio a Abimeleque em sonhos de noite, e disse-lhe: Eis que morto serás por causa da mulher que tomaste; porque ela tem marido. Mas Abimeleque ainda não se tinha chegado a ela; por isso disse: Senhor, matarás também uma nação justa? Não me disse ele mesmo: É minha irmã? E ela também disse: É meu irmão. Em sinceridade do coração e em pureza das minhas mãos tenho feito isto. E disse-lhe Deus em sonhos: Bem sei eu que na sinceridade do teu coração fizeste isto; e também eu te tenho impedido de pecar contra mim; por isso não te permiti tocá-la. (Gn 20:1-6)

O meu apelo para que você se torne um edificador de altares ao Senhor é porque eu reconheço que nós só não cometemos os mais graves pecados porque, como aconteceu a Abimeleque, Deus nos impede. Por isto temos que concluir que se dependesse da nossa carne, somente seríamos aquilo que os nossos vícios permitissem. É por isso que é tão importante que vigiemos e oremos pedindo sempre a Deus para que “... não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém”. (Mt 6:13)

Os exemplos de vida de Abraão e Ló são um convite de Deus para que você se disponha a invocar o nome dele em sua casa, e nada tem a ver com cultuar a Deus em um templo. O culto no templo é um complemento do culto familiar, que é o culto principal. A minha sugestão é que você não deve desistir do seu culto a Deus na sua casa, na sua cama, ou na janela do seu quarto, como Jesus Cristo manda. Se seus familiares, deliberadamente não aceitarem lhe acompanhar, invoque o nome de Deus sozinho em casa, no trem, no ônibus, no automóvel, onde quer que você esteja. Esta é a forma de percorrer o caminho da verdade com segurança.

Ao dar a lei a Moisés, que são os Dez Mandamentos, Deus deixou claro que fazer um altar estava ao alcance de todas as pessoas. Elas teriam que fazer um altar de terra, matéria prima abundante. Poderiam fazer de pedras, contanto que não fossem lavradas, para que ninguém apresentassem a desculpa de não fazer o altar por falta de recursos financeiros:

"Façam-me um altar de terra e nele sacrifiquem-me os seus holocaustos e as suas ofertas de comunhão, as suas ovelhas e os seus bois. Onde quer que eu faça celebrar o meu nome, virei a vocês e os abençoarei. Se me fizerem um altar de pedras, não o façam com pedras lavradas, porque o uso de ferramentas o profanaria. (Êx 20:24-25)

O texto bíblico não está afirmando, nem eu estou sugerindo, que Abraão percorria o caminho da verdade e que Ló percorria o caminho da mentira. Ele sugere que ambos se esforçavam para percorrer o caminho da verdade de modos diferentes e que Abraão, certamente tomava as melhores decisões de como invocar o nome do Senhor. Uma conclusão que pode ser tirada é que Abraão obteve melhores resultados espirituais do que Ló. Pense nisto!

Ismael e Israel, os representantes de todos os seres humanos

... ao redor do qual estavam outros vinte e quatro tronos, e assentados neles havia vinte e quatro anciãos. Eles estavam vestidos de branco e tinham na cabeça coroas de ouro

(Ap 4:4)

Aos pregadores, teólogos e escritores cristãos falta uma cosmovisão para Deus e para os seres humanos que seja simples, completa, bíblica e lógica. O cristianismo paulino apresenta Deus como sendo um tirano que reprova os seres humanos sem nenhuma justificativa plausível. Assim, por tal cosmovisão, os descendentes de Ismael foram todos rejeitados, e com isso, a imensa maioria das almas ou espíritos de todos os seres humanos já foram ou irão para o inferno, são os da descendência de Ismael.

A teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo vê a religião cristã como sendo um caminho que se iniciou imediatamente após Deus haver expulsado nossos pais do jardim do Éden. Um caminho de volta à glória eterna, cujo sucesso depende apenas de o caminhante aprender com Deus o que lhe é ensinado, conforme Jesus Cristo ensina, razão pela qual podemos crer que Deus é amor.

O cristianismo paulino tem como principal objetivo revogar a lei de Deus, que nos foi dada por intermédio de Moisés, registrada nos setenta primeiros capítulos da Bíblia, que são os Dez Mandamentos. Além disto, o cristianismo paulino também usa personagens dos setenta primeiros capítulos da Bíblia, para mandar para o inferno metade da ínfima descendência de Isaque, na medida em que manda para o inferno também toda a descendência de Esaú.

O que Deus nos ensina, ao longo dos setenta primeiros capítulos da Bíblia, é que os filhos de Ismael e os filhos de Israel representam toda a humanidade, portanto, não há o que se falar em rejeição de qualquer ser humano, a não ser que tal pessoa tenha cometido o grave delito de se recusar a aprender com Deus. Esta é a razão pela qual eu creio que todas as bênçãos divinas foram endereçadas igualmente a Israel e a Ismael; embora a descendência de Ismael seja muito mais numerosa.

Com a rejeição de Ismael, ensinada pelo cristianismo paulino, quase toda a espécie humana iria para o inferno. O lado mais cruel de tal doutrina é que ela é recebida pelos pregadores, teólogos e escritores cristãos como se ela fosse de Deus. É isso que se chama ortodoxia bíblica, quando temos que crer no que está escrito na Bíblia, independentemente de a doutrina estar de acordo com o Paraclete, Espírito da verdade, Consolador ou o Conselheiro, conforme Jesus Cristo ensina:

Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos. E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade. O mundo não pode recebê-lo, porque não o vê nem o conhece. Mas vocês o conhecem, pois ele vive com vocês e estará em vocês. (Jo 14:15-17)

O Espírito da verdade é o dom do Espírito Santo que é dado aos seres humanos que guardam os mandamentos de Jesus Cristo. Para guardar os mandamentos de Jesus Cristo, primeiramente, temos que tomar a atitude ética e religiosa de falar somente a verdade a todas as pessoas, em todos os contextos e levar Deus a sério, de acordo com o Evangelho de Jesus Cristo, que ensina: “Seja, porém, o vosso falar: sim, sim; não, não; pois o que passa daí, vem do Maligno”. (Mt 5:37)

O acesso do ser humano a Deus, somente pode ser feito por meio da alma ou espírito, Jesus Cristo ensina que: “Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores

o adorem em espírito e em verdade" (Jo 4:24), por isso, sem a verdade do dia a dia não há como alguém estabelecer qualquer tipo de relacionamento válido com Deus.

Por isso, todas as doutrinas bíblicas somente se submetem de modo efetivo ao Espírito da verdade, quando são julgadas por seres humanos que praticam a verdade do dia a dia e adoram a Deus em espírito e em verdade. Portanto, não há doutrina bíblica tão sagrada que não possa ser questionada por alguém que adora a Deus em espírito e em verdade. É por isso que eu creio que os vinte e quatro anciões presentes no livro de Apocalipse são doze príncipes filhos de Ismael e doze príncipes filhos de Israel. Creio também que nos fundamentos da muralha da cidade santa estão escritos os nomes dos príncipes de Ismael e não: "... os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro" (Ap 21:14)

A promessa de retornar ao Paraíso foi feita a Abraão e à sua descendência. Como Deus não faz acepção de pessoa, Ismael está incluso na geração de Abraão, e não há como levar a sério o abominável da desolação, que distorceu as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, naquilo que fosse possível para apresentar Deus como um tirano:

"... Então Sarai tanto maltratou Hagar que esta acabou fugindo. O Anjo do Senhor encontrou Hagar perto de uma fonte no deserto, no caminho de Sur, e perguntou-lhe: "Hagar, serva de Sarai, de onde você vem? Para onde vai? " Respondeu ela: "Estou fugindo de Sarai, a minha senhora". Disse-lhe então o Anjo do Senhor: "Volte à sua senhora e sujeite-se a ela". Disse mais o anjo: "Multiplicarei tanto os seus descendentes que ninguém os poderá contar". Disse-lhe ainda o Anjo do Senhor: "Você está grávida e terá um filho, e lhe dará o nome de Ismael, porque o Senhor a ouviu em seu sofrimento. Ele será como jumento selvagem; sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele, e ele viverá em hostilidade contra todos os seus irmãos". Este foi o nome que ela deu ao Senhor que lhe havia falado: "Tu és o Deus que me vê", pois dissera: "Teria eu visto Aquele que me vê? " Por isso o poço, que fica entre Cades e Berede, foi chamado Beer-Laai-Roi. Hagar teve um filho de Abrão, e este lhe deu o nome de Ismael". (Gn 16:6-15)

Agora imagine Deus fazendo um pacto com a escrava Hagar. Para Deus, Abraão e Hagar tinham a mesma dignidade. Portanto, fazer promessas a um ou a outro ou a ambos não faria a menor diferença. O texto bíblico deixa claro que a promessa feita a Abraão, e ratificada com Hagar, com a descendência de Sara ou com a descendência de Hagar, teria

a mesma validade: “E no caso de Ismael, levarei em conta o seu pedido. Também o abençoarei; eu o farei prolífero e multiplicarei muito a sua descendência. Ele será pai de doze príncipes e dele farei um grande povo” (Gn 17:20). Perceba que Abraão pediu a Deus para considerado pai do filho de Hagar.

A teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo tem o seu Evangelho como verdade de Deus consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei. Por isso, todas as referências bíblicas que ignoram que os vinte e quatro anciãos presentes no livro de Apocalipse sejam os doze príncipes de Ismael e os doze príncipes de Israel são consideradas tendenciosas.

O personagem Abraão foi esculpido pelo dedo de Deus para mostra o caminho do Senhor aos seres humanos por muitos milhares de anos: “Pois eu o escolhi, para que ordene aos seus filhos e aos seus descendentes que se conservem no caminho do Senhor, fazendo o que é justo e direito, para que o Senhor faça vir a Abraão o que lhe havia prometido”. (Gn 18:19)

Como os pregadores teólogos e escritores cristãos consideram que jamais Deus daria um mandamento ao ser humano para que ele cumprisse, ou para que ele influenciasse a sociedade de modo positivo, o versículo acima, nega completamente tal ensinamento. Porque Deus disse a Abraão que ordenasse a “seus descendentes que se conservem no caminho do Senhor, fazendo o que é justo e direito, para que o Senhor faça vir a Abraão o que lhe havia prometido”.

A minha recomendação é que você não rejeite o que Deus ensina, seguindo pregadores, teólogos e escritores cristãos que, com base no ensino do abominável da desolação reduzem o ser humano a nada, para que ele se veja desesperado e procure abrigo em seus templos. Como Deus não muda, o modo de invocar o seu nome não pode ter mudado, ele é o mesmo que foi adotado por Abraão: edificando altar ao Senhor onde quer que ande. Por isto, o culto a Deus, individual ou familiar é o culto principal e o culto a Deus prestado no templo é secundário.

Se Deus não muda, então não pode haver cortes na história sagrada, considerando que a história sagrada é o registro das relações de Deus com todos os seres humanos. A encarnação de uma porção do Espírito Santo, a essência de Deus, com poder suficiente

para nos trazer a graça, a verdade e confirmar a lei, na pessoa de Jesus Cristo, não foi uma mudança na história sagrada, foi a realização de um evento profético, que vinha sendo anunciado desde muito antes dos mitos sagrados sumérios que inspiraram os setenta primeiros capítulos da Bíblia, escritura sagrada disponível a muitos seres humanos por muitos milhares de anos: “O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de comando de seus descendentes, até que venha aquele a quem ele pertence, e a ele as nações obedecerão”. (Gn 49:10)

O protoevangelho se harmoniza com o livro de Apocalipse

Por ser muito centrado na história de Israel e no cristianismo paulino o cristão tem uma visão muito estreita sobre as relações de Deus com outros povos. Para que possamos julgar se alguém tem ou não tem a vida eterna, o que é proibido por Jesus Cristo, temos que considerar, primeiramente, o que significa não ter a vida eterna que Jesus Cristo promete: é um completo afastamento da presença de Deus e uma destruição eterna.

De acordo com o protoevangelho ou a doutrina dos dois caminhos temos: “Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e a sua descendência; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3:15), os seres humanos que trilharem o caminho da verdade, aprendem com Deus, se colocam do lado da verdade, ouvem a voz de Jesus Cristo e têm a vida eterna. Contrariamente, as pessoas que de forma consciente, deliberada e definitiva escolherem o caminho da mentira, seguirão o caminho da mentira, por preferirem seguir à serpente e seus anjos.

Por isso, nenhuma doutrina cristã pode desprezar o conteúdo do versículo do parágrafo anterior, que é conhecido como o protoevangelho. O fato de Jesus Cristo ter vindo consumir a graça, a verdade e confirmar a lei, em nada pode mudar o conteúdo do referido versículo. A diferença entre a condição dos crentes antes e depois da encarnação do Espírito Santo, a essência de Deus, na pessoa de Jesus Cristo, está apenas no fato de que Jesus Cristo, imediatamente após ter sido morto, foi ao Seio de Abraão e levou sua voz aos que lá se encontravam: “Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão”. (1 Pe 3:18-19)

Ao serem tirados do Seio de Abraão, as almas ou espíritos dos seres humanos que, em vida, aprenderam o que Deus lhes ensinou, foram levados ao Céu, onde vivem como anjos, a serviço de Deus. Entre as almas ou espíritos que foram tirados do Seio de Abarão estão os vinte e quatro anjos que são os espíritos dos vinte e quatro príncipes da descendência de Abraão, que são os vinte e quatro anciões, presentes no livro de Apocalipse. Eles estão entre as almas ou espíritos que ouviram a voz de Jesus Cristo, logo após Ele ter sido morto:

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciões, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!" (Ap 5:11-12)

Qualquer cristão que frequente a uma igreja e cultue a Deus em um ambiente confiável, quanto à honestidade dos seus líderes, sabe muito bem que não se faz qualquer referência à existência dos doze príncipes descendentes de Ismael, mas eles existiram: "São estes os nomes dos filhos de Ismael, alistados por ordem de nascimento: Nebaiote, o filho mais velho de Ismael, Quedar, Adbeel, Mibsão, Misma, Dumá, Massá, Hadade, Temá, Jetur, Nafis e Quedemá" (Gn 25:13-15). Isto acontece, porque a Bíblia contém os primórdios da história da nação de Israel, e de nenhuma outra nação, mas nem por isso seus princípios deixam de se aplicar a todos os seres humanos.

Os doze príncipes descendentes de Israel, são seus filhos. Eles deram nomes às tribos em que se dividiu a terra prometida:

Jacó teve doze filhos: Estes foram seus filhos com Lia: Rúben, o filho mais velho de Jacó, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zebulom. Estes foram seus filhos com Raquel: José e Benjamim. Estes foram seus filhos com Bila, serva de Raquel: Dã e Naftali. Estes foram seus filhos com Zilpa, serva de Lia: Gade e Aser. Foram esses os filhos de Jacó, nascidos em Padã-Arã. (Gn 35:22-26)

Os pregadores, teólogos e escritores cristãos não fazem qualquer referência à ida de Jesus Cristo ao Seio de Abraão. Eles afirmam que o Seio de Abraão ainda é uma realidade, mas não dão importância a ele, por ser algo ensinado por Jesus Cristo, afinal de contas, o cristianismo paulino nada ensina sobre o assunto. O cristianismo paulino ensina verdadeiras loucuras que visam confundir os cristãos quanto ao destino futuro das

suas almas; afinal de contas, esse é o objetivo do ensino do abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

A vinda de Jesus Cristo foi escatológica, ou seja, Ele veio consumir a graça, a verdade e confirmar a lei. Por isso, a consumação dos séculos será um fenômeno físico e espiritual, em que o ser humano será extinto da face da Terra. Por isso, a volta de Jesus Cristo é através de anjos, para buscar as almas ou espíritos dos seres humanos, que e em vida aceitaram aprender com Deus; não será diferente, com as pessoas que passarem pela grande tribulação.

Durante a consumação dos séculos, que será marcada pela grande tribulação, se ajuntarão dois grupos de anjos resultantes das almas ou espíritos humanos: os espíritos dos mortos que se encontravam no Seio de Abraão, juntamente com os espíritos das pessoas que morreram depois que Jesus Cristo foi morto até o início da grande tribulação, e os espíritos dos mortos durante a grande tribulação: “Então um dos anciãos me perguntou: "Quem são estes que estão vestidos de branco, e de onde vieram?" Respondi: "Senhor, tu o sabes". E ele disse: "Estes são os que vieram da grande tribulação e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro”. (Ap 7:13-14)

O capítulo sete do livro de Apocalipse encerra a grande tribulação e também marca a consumação dos séculos com estes dois versículos: “Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede. Não cairá sobre eles sol, e nenhum calor abrasador, pois o Cordeiro que está no centro do trono será o seu Pastor; ele os guiará às fontes de água viva. E Deus enxugará dos seus olhos toda lágrima”. (Ap 7:16-17)

Deste ponto do livro de Apocalipse em diante, não há mais lugar para a ira de Deus nem para qualquer tipo de julgamento e tudo o que é apresentado até o capítulo dezoito faz parte do que foi editado, e os capítulos restantes precisam ser postos em harmonia com a verdadeira revelação.

Com a encarnação de uma porção do Espírito Santo, na pessoa de Jesus Cristo, e com sua morte, se fecha um ciclo que começou em: “Depois de expulsar o homem, colocou a leste do jardim do Éden querubins e uma espada flamejante que se movia, guardando o caminho para a árvore da vida” (Gn 3:24). Portanto, imediatamente após os

seus olhos se fecharem aqui na Terra, eles se abrirão no Céu e você entrará para a eternidade, caso, em vida, você tenha aceitado aprender com Deus.

Jesus Cristo ensina que todas as pessoas que trilharem o caminho da verdade ouvirão a sua voz: "... Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz" (Jo 18:37). Como os espíritos dos seres humanos que estavam no Seio de Abraão já foram levados para o Céu, as pessoas que morrerem após a morte de Jesus Cristo não passam mais pelo Seio de Abraão e são imediatamente introduzidas no Céu, caso em vida tenha aceitado aprender com Deus.

Essa verdade foi recepcionada pela igreja primitiva e herdada pela igreja católica romana. Os principais equívocos da igreja católica romana, sobre este assunto, é julgar, pela sua própria autoridade, quem é levado ao Céu e adotar o cristianismo ensinado por Santo Agostinho, que é o mesmo ensino paulino, contido nas cartas do apóstolo Paulo. As verdades cristãs são muito importantes para o cristianismo de Jesus Cristo, mas a igreja as omite, uma omissão que representa uma insurgência contra o Evangelho de Jesus Cristo, que somente pode ser atribuída ao abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

O Evangelho de Jesus Cristo é a verdade de Deus consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei. Por isso ele não pode ser negado nem combatido pelos adeptos do cristianismo paulino e do "evangelho da graça" atribuído ao apóstolo Paulo, que tem como base as cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, que foram distorcidas pelo abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

Para que o Evangelho traga redenção, ética e sentido para as nossas vidas, precisamos nos acostumar a ler a Bíblia como sendo submissa à autoridade de Jesus Cristo. Precisamos considerar que Jesus Cristo teve o papel de nos trazer a graça, a verdade e confirmar a lei: "Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo" (Jo 1:17). Mas os pregadores, teólogos e escritores cristãos ensinam como se: a lei de Moisés, que são os Dez Mandamentos, tivesse sido revogada; a morte de Jesus Cristo fosse um instrumento de graça, e o ensino contido nas cartas do apóstolo Paulo, destorcido pelo abominável da desolação fossem a verdade de Deus.

Nós não sabemos como os filhos de Ismael se relacionaram com Deus, mas sabemos que trilham o caminho da verdade, aprenderam com Deus, ouviram a voz de Jesus Cristo e tiveram a vida eterna, conforme atestado pela presença dos vinte e quatro anciãos no Céu. Quanto a Israel, por ter sido tomado como patriarca da nação de Israel, sabemos que seu pai: “Isaque construiu nesse lugar um altar e invocou o nome do Senhor. Ali armou acampamento, e os seus servos cavaram outro poço” (Gn 26:25). Portanto, não restam dúvidas de que a Israel foi ensinado invocar o nome do Senhor, em altar construído por seu pai.

Para que tenhamos uma visão mais realista das relações de Deus com todos os seres humanos, temos que levar em conta que o judaísmo e o cristianismo, são religiões abraâmicas e nasceram ontem, se comparadas com o primeiro Abraão, patriarca de toda a humanidade, personagem que Deus esculpiu com seu dedo como modelo de adorador a ser seguido, há milhões de anos.

A lei de Deus é muito antiga

A cosmovisão cristã usada pelo cristianismo paulino toma por base um universo muito pequeno, quanto ao tempo e ao espaço. Por isso, Nero toma os personagens presentes nos setenta primeiros capítulos da Bíblia, sem considerar que eles foram esculpidos pelo dedo de Deus para nos representar. Os setenta primeiros capítulos da Bíblia também representam a contribuição da Bíblia para a formação do processo civilizatório da humanidade e representam o embrião de todas as dicas, vestígios e pegadas deixadas por Deus para a humanidade.

Infelizmente, o cristianismo paulino que se baseia, principalmente, nas cartas do apóstolo Paulo, aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, distorcidas pelo abominável da desolação, criou um problema muito sério para o cristianismo de Jesus Cristo. O abominável da desolação usa, desonestamente, a Bíblia hebraica, para provar que os seres humanos são muito maus, que a lei de Deus produz o pecado e que Deus abandonou os judeus por não poder salvar gentios e judeus ao mesmo tempo. Mas o Espírito da verdade, resultante da observância aos mandamentos de Jesus Cristo, nos leva a concluir muito facilmente que Ismael e Isaque tiveram relações amigáveis e sepultaram seu pai Abraão, como faz qualquer família que não tenha sido dividida pelo sectarismo religioso:

Abraão viveu cento e setenta e cinco anos. Morreu em boa velhice, em idade bem avançada, e foi reunido aos seus antepassados. Seus filhos, Isaque e Ismael, o sepultaram na caverna de Macpela, perto de Manre, no campo de Efrom, filho de Zoar, o hitita, campo que Abraão comprara dos hititas. Foi ali que Abraão e Sara, sua mulher, foram sepultados. (Gn 25:7-10)

Abraão, Isaque e Jacó foram adotados como personagens principais do mito fundador da nação de Israel, para ser seus patriarcas. Mas nós temos que levar em conta que os setenta primeiros capítulos da Bíblia é uma coleção de mitos sagrados sumérios muito antigos. É mito sagrado porque é um conjunto dicas, vestígios e pegadas de Deus muito antigos. Chamá-los de mitos sagrados sumérios é uma forma de dizer que eles chegaram até nós pela cidade de Ur dos caldeus, mas eles são infinitamente mais antigos do que a cidade de Ur dos caldeus.

Para provar que os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó foram tomados por Israel no tempo e no espaço da sua fundação, logo míticos, consideremos a narrativa dos setenta primeiros capítulos da Bíblia e o episódio da venda de José aos ismaelitas: “Judá disse então a seus irmãos: "Que ganharemos se matarmos o nosso irmão e escondermos o seu sangue? **Vamos vendê-lo aos ismaelitas.** Não tocaremos nele, afinal é nosso irmão, é nosso próprio sangue". E seus irmãos concordaram”. (Gn 37:26-27 – grifo do autor)

Se Abraão foi bisavô de José e Ismael foi tio avô de José, então a caravana de ismaelitas era um povo que tinha surgido pela formação de uma civilização com centenas de gerações e não somente duas ou três. Bem diferente dos setenta primeiros capítulos da Bíblia, o conteúdo bíblico que vai de (Ex 21:1) a (Ml 4:6), é parte da história da nação Israel, por isso, nada tem a ver com a fé dos cristãos, a não ser pelas profecias de natureza messiânicas, como as contidas no livro do profeta Isaías.

Daí à conclusão de que a nação de Israel aprendeu com o Abraão mítico e seus descendentes a trilhar o caminho da verdade, que é o caminho do Senhor: “Pois eu o escolhi, para que ordene aos seus filhos e aos seus descendentes que se conservem no caminho do Senhor, fazendo o que é justo e direito, para que o Senhor faça vir a Abraão o que lhe havia prometido” (Gn 18:19). Deus escolheu todos os seres humanos para que se conservem nos seus caminhos. Por isto, vamos nós também aprender com Abraão a edificar altares ao Senhor!

A verdade do dia a dia, a oração e a compaixão

Abraão construía altares ao Senhor, onde quer que chegasse, disso ninguém tem dúvidas, por isso, é justo supor que a família dele o acompanhasse nos seus cultos familiares. Nada se sabe como Ismael invocava o nome do Senhor. Quanto a Isaque, sabe-se que construiu um altar ao Senhor, mas ele parece não haver desenvolvido o mesmo nível de devoção a Deus que seu pai Abraão.

Tudo indica que Esaú e Jacó nasceram e cresceram em um lar em que de Deus somente se conhecia a promessa feita a Abraão. Percebe-se que na casa de Isaque, Deus não era levado muito a sério por todos os membros da família, dada a quantidade de mentiras inventadas e postas em prática, por Jacó, com a ajuda de Rebeca, sua mãe. Rebeca era irmã do trapaceiro Labão e tinha um filho predileto entre dois gêmeos. Jacó tinha este nome, como uma referência ao fato de ser ele um trapaceiro, como eram a mãe e o tio.

Deus não inventou a mentira, mas seus personagens teriam que refletir os efeitos da queda e não serem perfeitos. Rebeca, Labão e Isaque são personagens esculpidos pelo dedo de Deus, para nos ensinar o que devemos e o que não devemos fazer. Portanto, precisamos ensinar às gerações futuras a adotarem a prática ética e religiosa de falar somente a verdade a todas as pessoas em todos os contextos e a levar Deus a sério, de acordo com o Evangelho de Jesus Cristo, assim, nossas decisões ou escolhas serão feitas diante de um altar construído para invocar o nome do Senhor.

A prática da verdade do dia a dia, a oração e a compaixão são os três grandes rituais religiosos que vêm da pré-história e se mantêm intocados em nossos dias. Abraão era muito cuidadoso, não somente com a sua prática pessoal, mas "... para que ordene aos seus filhos e aos seus descendentes que se conservem no caminho do Senhor, fazendo o que é justo e direito, para que o Senhor faça vir a Abraão o que lhe havia prometido" (Gn 18:19). Portanto, esquecer dos rituais da verdade do dia a dia, da oração e da compaixão traz grandes prejuízos para o crente e para a sua família.

Desde as incipientes formas de nações, decorrentes do processo civilizatório, até a formação do estado moderno, o dízimo sempre foi o tributo universal destinado a prover assistência aos necessitados. A julgar pela atitude de Abraão, perante Melquisedeque, rei da Salém, percebe-se que Ló era um sonegador de tributos:

Recuperou todos os bens e trouxe de volta seu parente Ló com tudo o que possuía, juntamente com as mulheres e o restante dos prisioneiros. Voltando Abrão da vitória sobre Quedorlaomer e sobre os reis que a ele se haviam aliado, o rei de Sodoma foi ao seu encontro no vale de Savé, isto é, o vale do Rei. Então Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, trouxe pão e vinho e abençoou Abrão, dizendo: "Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, Criador dos céus e da terra. E bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou seus inimigos em suas mãos". E Abrão lhe deu o dízimo de tudo. (Gn 14:16-20)

Ao examinar o texto bíblico em que se inserem Melquisedeque e o dízimo, percebe-se que o dízimo é um tributo a ser pago ao governante, e que era pago a sacerdotes em teocracias, que são sistemas de governo exercidos por sacerdotes. Em nossos dias, com a separação da igreja em relação ao estado, os sacerdotes continuam cobrando o dízimo dos crentes. Mas se considerarmos que a renda familiar de um trabalhador que paga de tributos, prestação ou aluguel da residência e prestação e manutenção de automóvel, ele compromete cerca de oitenta por cento da sua renda bruta, se der o dízimo, como os sacerdotes cristãos cobram, acabará pagando, a título de dízimo, metade da sua renda líquida.

Convém lembrar de que o dizimista não pagar imposto era uma reivindicação judaica muito antiga. Uma herança cultural que Jesus Cristo não aprovava. Ele pagou impostos, e ainda nos deixou a lição: "... Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" (Mt 22:19-21). Muitos foram os conflitos em que a teocracia israelense se meteu com o Império Romano, que representa o corpo do abominável da desolação, cujo rosto foi emprestado pelo apóstolo Paulo e cujo espírito é do Maligno. O que não vemos em nossos dias, são pregadores, teólogos e escritores cristãos defendendo o direito de os cristãos dizimistas não pagarem impostos. Ainda bem, mas defendem a cobrança do dízimo, pelo valor bruto da renda

Como os setenta primeiros capítulos da Bíblia são uma contribuição inestimável do livro sagrado de judeus e cristãos, para o processo civilizatório da humanidade, o dízimo ensinado em toda a Bíblia precisa ser tratado como o exercício da compaixão, bem como toda forma de tributo lícito, cobrado pelo estado. Mas a igreja ainda continua com a cabeça na idade média, sendo paulina, e não cristã, por isso, ela tem sido incapaz

de fazer uma autocrítica, para que volte a ser cristã, como foi durante os três primeiros séculos da era cristã.

O dom do Espírito Santo é sabedoria e poder de Deus, ou seja, é a ação de Deus sobre a alma ou espírito do ser humano. Atualmente, pregadores, teólogos e escritores cristãos ensinam que o dom do Espírito Santo cessou. Eu recomendo a tais mestres cristãos que se voltem para Deus, carentes de respostas para as suas perguntas e tentem novamente orar pelas pessoas, como fez Isaque, em favor de Rebeca, sua esposa:

Isaque orou ao Senhor em favor de sua mulher, porque era estéril. O SENHOR respondeu à sua oração, e Rebeca, sua mulher, engravidou. Os meninos se empurravam dentro dela, pelo que disse: "Por que está me acontecendo isso? " Foi então consultar o Senhor. Disse-lhe o Senhor: "Duas nações estão em seu ventre, já desde as suas entranhas dois povos se separarão; um deles será mais forte que o outro, mas o mais velho servirá ao mais novo". Ao chegar a época de dar à luz, confirmou-se que havia gêmeos em seu ventre. O primeiro a sair era ruivo, e todo o seu corpo era como um manto de pelos; por isso lhe deram o nome de Esaú". (Gn 25:21-25)

Muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos parecem cidadãos acima de qualquer suspeita, quanto à honestidade. Mas quando o assunto é ensino bíblico, a grande maioria de tais mestres se agarra à letra e despreza o Espírito da verdade. O Espírito da verdade é sabedoria e poder de Deus decorrente de o cristão guardar todos os mandamentos de Jesus Cristo, a começar por, "Seja, porém, o vosso falar: sim, sim; não, não; pois o que passa daí, vem do Maligno". (Mt 5:37)

Se considerarmos a importância de Abraão para o nosso modelo teológico bíblico, é lícito considerar que as pessoas que aprendem com Deus sejam a descendência de Abraão, ou família de Abraão. Mas o ensino de Abraão, "... para que ordene aos seus filhos e aos seus descendentes que se conservem no caminho do Senhor, fazendo o que é justo e direito, para que o Senhor faça vir a Abraão o que lhe havia prometido" (Gn 18:19), precisa ser mantido em todas as gerações. Isaque invocava o nome do Senhor em altar construído com suas mãos, mas me parece que sua família demorou a aprender a fazer o que é justo e direito.

O modelo de fé abraâmica nos apresenta Deus como sendo retributivo, por isso, Isaque muito ganhou, ao se esforçar para agradar a Deus, com sua fé e sua integridade. No entanto, ele formou uma família que somente sabia que o patriarca tinha um Deus; sabia também que era portadora das promessas endereçadas a ele, mas não queriam o menor envolvimento com o Deus dele.

Mas como crer em Deus se “ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido” (Jo 1:18). Para crer em Deus precisamos estar dispostos a aprender com Ele. Mas como aprender com um Deus invisível? Deus é invisível aos nossos olhos físicos, mas Ele se faz perceptível aos nossos sentidos por meio de teofanias. As teofanias são formas como Deus se faz perceptível aos nossos sentidos, invariavelmente, através de anjos.

O grande obstáculo para o aprendizado com Deus é a mentira. Quem mente está pedindo para trilhar o perigoso caminho da mentira. Os setenta primeiros capítulos da Bíblia sugerem que Rebeca aprendeu a mentir em família, um processo cultural muito perigoso que também atingiu seu irmão Labão. Ele tinha fascinação pela astúcia mentirosa como forma de alcançar seus objetivos.

Por ter sido educada em um ambiente em que não se levava em conta as vantagens de falar somente a verdade a todas as pessoas, em todos os contextos, e levar Deus a sério, de acordo com a lei da consciência, Rebeca até mesmo iniciou seu filho Jacó na prática da mentira, para que ele alcançasse seus objetivos:

Tendo Isaque envelhecido, seus olhos ficaram tão fracos que ele já não podia enxergar. Certo dia chamou Esaú, seu filho mais velho, e lhe disse: "Meu filho! " Ele respondeu: "Estou aqui". Disse-lhe Isaque: "Já estou velho e não sei o dia da minha morte. Pegue agora suas armas, o arco e a aljava, e vá ao campo caçar alguma coisa para mim. Prepare-me aquela comida saborosa que tanto aprecio e traga-me, para que eu a coma e o abençoe antes de morrer". Ora, Rebeca estava ouvindo o que Isaque dizia a seu filho Esaú. Quando Esaú saiu ao campo para caçar, Rebeca disse a seu filho Jacó: "Ouvi seu pai dizer a seu irmão Esaú: 'Traga-me alguma caça e prepare-me aquela comida saborosa, para que eu a coma e o abençoe na presença do Senhor antes de morrer'. Agora, meu filho, ouça bem e faça o que lhe ordeno: Vá ao rebanho e traga-me dois cabritos escolhidos, para que eu prepare uma comida saborosa para seu pai, como ele aprecia. Leve-a então a seu pai, para que ele a coma

e o abençoe antes de morrer". Disse Jacó a Rebeca, sua mãe: "Mas o meu irmão Esaú é homem peludo, e eu tenho a pele lisa. E se meu pai me apalpar? Vai parecer que estou tentando enganá-lo, fazendo-o de tolo e, em vez de bênção, trarei sobre mim maldição". Disse-lhe sua mãe: "Caia sobre mim a maldição, meu filho. Faça apenas o que eu digo: Vá e traga-os para mim". Então ele foi, apanhou-os e os trouxe à sua mãe, que preparou uma comida saborosa, como seu pai apreciava. Rebeca pegou as melhores roupas de Esaú, seu filho mais velho, roupas que tinha em casa, e colocou-as em Jacó, seu filho mais novo. Depois cobriu-lhe as mãos e a parte lisa do pescoço com as peles dos cabritos, e por fim entregou a Jacó a refeição saborosa e o pão que tinha feito. Ele se dirigiu ao pai e disse: "Meu pai". Respondeu ele: "Sim, meu filho. Quem é você?" Jacó disse a seu pai: "Sou Esaú, seu filho mais velho. Fiz como o senhor me disse. Agora, assente-se e coma do que cacei para que me abençoe". Isaque perguntou ao filho: "Como encontrou a caça tão depressa, meu filho?" Ele respondeu: "O Senhor, o seu Deus, a colocou no meu caminho". (Gn 27:1-20)

Rebeca sabia muito bem a diferença entre a verdade e a mentira, mas ela vivia cega; para ela a prática da mentira era vantajosa. Ela não conseguia enxergar como Deus iria agir na vida de Jacó, para romper com a tradição de que o filho mais novo serve ao mais velho. Embora Deus tenha dito a ela: "Duas nações estão em seu ventre, já desde as suas entranhas dois povos se separarão; um deles será mais forte que o outro, mas o mais velho servirá ao mais novo". (Gn 25:23)

A prática da mentira tem o poder de inverter valores, Rebeca, certamente, ensinou a seu filho a prática da mentira, por pensar que o amava: "Agora, meu filho, ouça bem e faça o que lhe ordeno: Vá ao rebanho e traga-me dois cabritos escolhidos, para que eu prepare uma comida saborosa para seu pai, como ele aprecia. Leve-a então a seu pai, para que ele a coma e o abençoe antes de morrer". (Gn 27:10)

Jacó seguiu os conselhos da sua mãe porque ele ainda não havia aprendido a adorar a Deus como sendo o Deus dele. Ele considerava que Deus era Deus de Isaque, seu pai: "O Senhor, o seu Deus, a colocou no meu caminho" (Gn 27:20). O processo de aprender com Deus pode ser demorado, por isso, os pais devem orar por seus filhos e lhes ensinar a prática da verdade do dia a dia, para que eles possam aprender com Deus.

Em nossos dias, os esforços missionários cristãos somente consideram o ensino de Jesus Cristo para apresentar o cristianismo às pessoas. Uma vez atraídas pelo ensino de

Jesus, pregadores, teólogos e escritores cristãos apresentam as doutrinas do apóstolo Paulo, como sendo a verdadeira comida. Embora Jesus Cristo ensine que: "...Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia. Está escrito nos Profetas: 'Todos serão ensinados por Deus'. Todos os que ouvem o Pai e dele aprendem vêm a mim". (Jo 6:44-45)

Um mito sagrado bíblico é considerado inspirado por Deus se produzir resultados espirituais compatíveis com o amor a Deus e com o amor ao próximo. O episódio envolvendo Rebeca e seus filhos nos ensina o quanto a mentira no seio da família é destrutiva. Rebeca aconselhou Jacó a se refugiar junto ao irmão dela, Labão, um trapaceiro conhecido, para escapar de ser morto por Esaú:

Esaú guardou rancor contra Jacó por causa da bênção que seu pai lhe dera. E disse a si mesmo: "Os dias de luto pela morte de meu pai estão próximos; então matarei meu irmão Jacó". Quando contaram a Rebeca o que seu filho Esaú dissera, ela mandou chamar Jacó, seu filho mais novo, e lhe disse: "Esaú está se consolando com a ideia de matá-lo. Ouça, pois, o que lhe digo, meu filho: Fuja imediatamente para a casa de meu irmão Labão, em Harã. Fique com ele algum tempo, até que passe o furor de seu irmão. (Gn 27:41-44)

Enquanto Jacó se dirigia à casa do seu tio, ele nem mesmo sabia por que seu pai Isaque orava tanto ao "Senhor, o seu Deus", talvez por ser fraco, como pensam todas as pessoas que ainda não se encontram com Deus. Até o momento da fuga, é justo supor que Jacó teria grande dificuldade em lembrar se alguma vez houvesse precisado de Deus. Infelizmente, esta é uma realidade na vida de muitas pessoas a quem não foi ensinado o valor da verdade do dia a dia, e que a vida não se resume em levar vantagem em tudo.

Ao se encontrar sozinho, em um campo aberto, sob a ameaça da fome e das feras, talvez em um vale de pedras, Jacó tomou consciência de que para ele já não restasse mais muita esperança. Ele estava com muito medo de morrer de fome, naquele deserto. Então ele concluiu que havia chegado o momento de invocar ao seu Deus, não ao Deus de Isaque, o seu pai. Naquele momento, Jacó caiu em si, e começou a considerar o quanto a fome é cruel. Ele desceu do pedestal dos fortes e tomou consciência de que diante dele havia dois caminhos: o caminho da mentira e o caminho da verdade:

Chegando a determinado lugar, parou para pernoitar, porque o sol já se havia posto. Tomando uma das pedras dali, usou-a como travesseiro e deitou-se. E teve um sonho no qual viu uma escada apoiada na terra; o seu topo alcançava os céus, e os anjos de Deus subiam e desciam por ela. Ao lado dele estava o Senhor, que lhe disse: "Eu sou o Senhor, o Deus de seu pai Abraão e o Deus de Isaque. Darei a você e a seus descendentes a terra na qual você está deitado. Seus descendentes serão como o pó da terra, e se espalharão para o Oeste e para o Leste, para o Norte e para o Sul. Todos os povos da terra serão abençoados por meio de você e da sua descendência. Estou com você e cuidarei de você, aonde quer que vá; e eu o trarei de volta a esta terra. Não o deixarei enquanto não fizer o que lhe prometi". Quando Jacó acordou do sono, disse: "Sem dúvida o Senhor está neste lugar, mas eu não sabia! " Teve medo e disse: "Temível é este lugar! Não é outro, senão a casa de Deus; esta é a porta dos céus". Na manhã seguinte, Jacó pegou a pedra que tinha usado como travesseiro, colocou-a de pé como coluna e derramou óleo sobre o seu topo. E deu o nome de Betel àquele lugar, embora a cidade anteriormente se chamasse Luz. (Gn 28:11-19)

O texto acima sugere que Jacó estivesse vivendo uma situação muito crítica; as intempéries do deserto e a fome o ameaçavam. Até esse ponto, o livro de Gênesis nos permite concluir que Abraão edificava altares onde invocava o nome do Senhor, onde quer que chegasse. Essa forma de invocar o nome do Senhor nos foi legada por Abraão, considerando que os resultados espirituais obtidos por ele são superiores aos resultados espirituais obtidos por Ló, seu sobrinho.

Com Jacó nós aprendemos a invocar o nome do Senhor, para nunca mais esquecer: "Tomando uma das pedras dali, usou-a como travesseiro e deitou-se". Certamente, por causa desta cena, vivida por Jacó, as pessoas que se colocaram do lado da verdade, fazem do seu travesseiro o lugar temível onde conversam com a própria consciência, e conseqüentemente, com Deus.

Conforme já foi dito. É justo supor que Jacó se encontrasse em um campo aberto, no deserto, talvez em um vale de pedras. Ao acordar ele percebeu algo novo nos seus sentimentos. Não foi a alegria pela renovação do pacto feito com Abraão, porque isto ele já conhecia. Deus lhe prometeu, exatamente o que havia prometido a Abraão e a Isaque. O que havia mudado na vida de Jacó era a sua percepção interior sobre Deus ser o seu Deus e não o Deus do seu pai. Com aquela visão, Jacó acabava de ser ungido com o temor a Deus: "Temível é este lugar! Não é outro, senão a casa de Deus; esta é a porta dos céus".

O temor a Deus é a unção do Espírito Santo, a essência de Deus, que faz com que todos os seres humanos que O temem se considerem irmãos.

O temor a Deus está em constante conflito com a mentira, um não sobrevive ao outro, por isto, é tão importante que aos cristãos seja ensinado o valor da prática da verdade do dia a dia. Jesus Cristo ensina: “Seja, porém, o vosso falar: sim, sim; não, não; pois o que passa daí, vem do Maligno”. (Mt 5:37)

Ao se levantar de um leito tão desconfortável, Jacó se sentia recompensado pelos resultados espirituais da sua experiência com Deus. Os resultados espirituais obtidos por Jacó pela sua experiência com Deus, naquele lugar, foram tantos que ele estabeleceu a sua vida diante de Deus, com os três rituais que o introduziam no processo civilizatório da humanidade, para a preservação espiritual do ser humano: o ritual da verdade do dia a dia, o ritual da oração e o ritual da compaixão: “E esta pedra que hoje coloquei como coluna servirá de santuário de Deus; e de tudo o que me deres certamente te darei o dízimo”. (Gn 28:22)

Jacó estabeleceu os rituais da verdade do dia a dia, da oração e da compaixão. Esses três rituais representam o exercício do amor a Deus e do amor ao próximo. Aqui é possível perceber a completude da mensagem dos setenta primeiros capítulos da Bíblia como Escritura sagrada. É este tipo de simplificação que o cristianismo precisa adotar, para fugir dos pastores mentirosos, inspirados no abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

Eu espero que você seja capaz de escolher um local em sua casa para se dirigir a Deus em oração. Jacó usou um travesseiro, ainda que de pedra. Eu recomendo que você também faça o mesmo, afinal de contas todos temos um encontro com o travesseiro a cada noite. Que este encontro com o seu travesseiro sirva de oportunidade para que você renove todos os dias o seu pacto de perfeição diante de Deus e leve a Ele suas necessidades, como fez Jacó.

No primeiro encontro de Jacó com Deus, naquele vale de pedras, ele aprendeu a temê-lo, se despreendeu do passado e se agarrou ao futuro. Consciente da necessidade de percorrer o caminho da verdade, o que Jacó fez com esmero, até o último dia da sua vida. Os resultados espirituais alcançados por Jacó foram visíveis: “Jacó também seguiu o seu

caminho, e anjos de Deus vieram ao encontro dele, quando ele os avistou, disse: "Este é o exército de Deus! " Por isso deu àquele lugar o nome de Maanaim". (Gn 32:1-2)

Os crentes em Deus somente podem alcançar bons resultados espirituais, em suas vidas, se guardarem a lei de Deus contida nos Dez Mandamentos. Afinal de contas, os Dez Mandamentos são uma forma escrita da lei da consciência. Portanto, se você não sente necessidade de guardar os Dez Mandamentos, examine sua consciência. Certifique-se se ela não teria sido pervertida pelo cristianismo paulino, que é ensinado, principalmente, pelas cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, distorcidas pelo abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

Como todos os seres humanos Jacó também sofreu os efeitos da queda. Ao fugir da exploração imposta pelo seu tio Labão, seu sogro, ele se encontrou com os anjos do Senhor e reconheceu que Deus tem um exército que poderia ser acionado em seu favor, mas ele temeu a seu irmão, porque não se deu conta de que Deus ensina a todas as pessoas: "... Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia. Está escrito nos Profetas: 'Todos serão ensinados por Deus'. Todos os que ouvem o Pai e dele aprendem vêm a mim" (Jo 6:44-45), e também ensinou ao seu irmão.

O medo do seu irmão fez com que Jacó entrasse em desespero e lutasse com um anjo do Senhor. Afinal de contas, o anjo teve muita dificuldade em convencê-lo de que Deus estava na sua causa. Deus é Deus de todos os seres humanos, este deve ser um dos grandes temas da pregação cristã:

E Jacó ficou sozinho. Então veio um homem que se pôs a lutar com ele até o amanhecer. Quando o homem viu que não poderia dominá-lo, tocou na articulação da coxa de Jacó, de forma que lhe deslocou a coxa, enquanto lutavam. Então o homem disse: "Deixe-me ir, pois o dia já desponta". Mas Jacó lhe respondeu: "Não te deixarei ir, a não ser que me abençoes". O homem lhe perguntou: "Qual é o seu nome?" "Jacó", respondeu ele. Então disse o homem: "Seu nome não será mais Jacó, mas sim Israel, porque você lutou com Deus e com homens e venceu". Prosseguiu Jacó: "Peço-te que digas o teu nome". Mas ele respondeu: "Por que pergunta o meu nome?" E o abençoou ali. Jacó chamou àquele lugar Peniel, pois disse: "Vi a Deus face a face e, todavia, minha vida foi poupada". (Gn 32:24-30)

Após o seu encontro com o anjo do Senhor, Jacó resolveu ir ao encontro do seu irmão Esaú. Ele não esperava que Deus tivesse ensinado a Esaú e que Esaú tivesse aprendido o que Deus lhe ensinou, mas cometeu um equívoco, que muito o surpreendeu:

Ele mesmo passou à frente e, ao aproximar-se do seu irmão, curvou-se até o chão sete vezes. Mas Esaú correu ao encontro de Jacó e abraçou-se ao seu pescoço, e o beijou. E eles choraram. Então Esaú ergueu o olhar e viu as mulheres e as crianças. E perguntou: "Quem são estes?" Jacó respondeu: "São os filhos que Deus concedeu ao teu servo". Então as servas e os seus filhos se aproximaram e se curvaram. Depois, Lia e os seus filhos vieram e se curvaram. Por último, chegaram José e Raquel, e também se curvaram. Esaú perguntou: "O que você pretende com todos os rebanhos que encontrei pelo caminho?" "Ser bem recebido por ti, meu senhor", respondeu Jacó. Disse, porém, Esaú: "Eu já tenho muito, meu irmão. Guarde para você o que é seu". Mas Jacó insistiu: "Não! Se te agradaste de mim, aceita este presente de minha parte, porque ver a tua face é como contemplar a face de Deus; além disso, tu me recebeste tão bem! Aceita, pois, o presente que te foi trazido, pois Deus tem sido favorável para comigo, e eu já tenho tudo o que necessito". Jacó tanto insistiu que Esaú acabou aceitando. Então disse Esaú: "Vamos seguir em frente. Eu o acompanharei". Jacó, porém, lhe disse: "Meu senhor, sabe que as crianças são frágeis e que estão sob os meus cuidados ovelhas e vacas que amamentam suas crias. Se forçá-las demais na caminhada, um só dia que seja, todo o rebanho morrerá. Por isso, meu senhor, vai à frente do teu servo, e eu sigo atrás, devagar, no passo dos rebanhos e das crianças, até que eu chegue ao meu senhor em Seir". Esaú sugeriu: "Permita-me, então, deixar alguns homens com você". Jacó perguntou: "Mas para quê, meu senhor? Ter sido bem recebido já me foi suficiente!" Naquele dia Esaú voltou para Seir. Jacó, todavia, foi para Sucote, onde construiu uma casa para si e abrigos para o seu gado. Foi por isso que o lugar recebeu o nome de Sucote. Tendo voltado de Padã-Arã, Jacó chegou a salvo à cidade de Siquém, em Canaã, e acampou próximo da cidade. Por cem peças de prata comprou dos filhos de Hamor, pai de Siquém, a parte do campo onde tinha armado acampamento. Ali edificou um altar e lhe chamou El Elohe Israel". (Gn 33:3-20)

Jacó veio a ser um dos personagens mais importantes da Bíblia hebraica. Apesar da sua fidelidade em edificar altares ao Senhor, ele viveu grandes aflições; nada que não pudesse ser regamente recompensado pelos resultados espirituais obtidos devido à sua fidelidade ao Senhor. Ele não esquecia o rito, não enfraquecia na fé nem dava as costas para Deus, ele vivia em oração e na prática das boas obras. Por não haver feito parte da

história da nação de Israel, o que se sabe sobre Esaú é muito pouco, mas o suficiente para concluir que ele, quando ensinado por Deus, aprendia e trilhava o caminho da verdade. Por isso, certamente, ele ouviu a voz de Jesus Cristo e teve a vida eterna, contrariamente ao que nos ensina o abominável da desolação, que distorceu as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas.

Felizmente, Deus ensina igualmente a todas as pessoas, independentemente do que pensam os pregadores, teólogos e escritores cristãos paulinos. Jesus Cristo ensina: “Tampouco vocês devem ser chamados ‘chefes’, porquanto vocês têm um só Chefe, o Cristo. O maior entre vocês deverá ser servo” (Mt 23:10-11). Portanto, precisamos colocar todas as nossas esperanças em Deus, temos que crer que Deus é quem Jesus Cristo diz que Ele é.

José, um “tipo próprio do Cristo”?

Os “tipos próprios de Cristo” são resultantes de múltiplas interpretações da Bíblia, para um mesmo texto. Desta forma, os pregadores, teólogos ou escritores cristãos que forem mais criativos encontram mais significados para um mesmo texto. Assim, a interpretação literal do texto é considerada a mais pobre. Esse método de interpretação da Bíblia foi muito utilizado na idade média e ainda podemos sentir seus efeitos em nossos dias.

Muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos consideram José um “tipo do próprio Cristo”. Com tal forma de tratar Jesus Cristo, pregadores, teólogos e escritores cristãos provam ter bem pouca consideração por Deus. A julgar pela sede de vingança e pelas mentiras proferidas por José é possível concluir que ele é um personagem bíblico esculpido pelo dedo de Deus para representar os crentes que se esqueceram dos rituais da prática da verdade do dia a dia, da oração e da compaixão, tão logo ele assumiu o governo do Egito.

Eu me preocupo com as aplicações a respeito de Deus, dadas pelos pregadores, teólogos e escritores cristãos, porque vivemos em uma época em que o cristianismo precisa ser reconstruído com a credibilidade que tinha a igreja primitiva. Mas para que isso aconteça, os cristãos precisam compreender que não se brinca com Deus.

Os pregadores, teólogos e escritores cristãos, sob a orientação do cristianismo paulino, ensinam os cristãos a imitarem a Jesus Cristo. Isso é uma forma de garantirem que estão fazendo o melhor que se pode fazer. Mas se considerarmos que o Espírito de Jesus Cristo foi uma porção do Espírito Santo, a essência de Deus, atribuída a um Ser Humano, com poder suficiente para nos trazer a graça, a verdade e confirmar a lei, então, não é possível que imitemos a Jesus Cristo. Jesus Cristo não mandou que O imitássemos, Ele mandou que guardássemos os seus mandamentos.

Como no cristianismo paulino, praticamente todos os conceitos são invertidos em relação aos conceitos contidos no Evangelho de Jesus Cristo, pregadores, teólogos e escritores cristãos nos ensinam a guardar os mandamentos contidos nas cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, que forma destorcidas pelo abominável da desolação, como se fosse Deus falando. Esta inversão de conceitos provoca inversão de valores, de tal maneira, que a carta do apóstolo Paulo aos Romanos, nos seus primeiros onze capítulos pode ser considerada um manual de ateísmo e de anomia.

Com as considerações que faço sobre José o que eu pretendo não é contrapor José à sua família. Afinal de contas, se alguém que conhece bem a Bíblia, do ponto de vista da ortodoxia bíblica cristã, tiver que responder qual é o personagem mais importante da Bíblia hebraica, certamente dirá que é José. Em nossos dias, a vida de José tem sido roteiro de livros, filmes e novelas. Principalmente, ele tem sido apresentado em todos os púlpitos de quase todas as igrejas como alguém que é um “tipo do próprio Cristo”. Para muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos, alguém ser um “tipo do próprio de Cristo” é algo análogo a uma amostra grátis do verdadeiro Cristo, assim, as virtudes do personagem somente perdem para as virtudes de Jesus Cristo em proporções, mas têm a mesma natureza.

Mas uma análise justa do comportamento de José, após se tornar governador do Egito, nos conduz à conclusão de que ele não foi esculpido pelo dedo de Deus para ser um tipo “do próprio Cristo”. Jesus Cristo foi a encarnação de uma porção do Espírito Santo, a essência de Deus, com poder suficiente para nos trazer a graça, a verdade e confirmar a lei. Assim, o profeta Isaias O apresenta: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o governo estará sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz” (Is 9:6), por isto, podemos concluir

que Jesus Cristo é Deus Forte e José foi homem fraco, que nem de longe, pode se comprar a Deus.

É notório que Judá se apresente como representante do seu pai e dos outros seus irmãos, quando o assunto é o trato com o poderoso governador do Egito. Embora Jacó tenha sido muito humilhado pelo governador do Egito, podemos afirmar que a família de Jacó se beneficiou dos resultados espirituais da sua devoção a Deus. Afinal de contas, Jacó concebeu, viveu e ensinou os rituais da verdade do dia a dia, da oração e da compaixão, em um vale de pedras, em uma noite escura.

Longe de ser um “tipo do próprio Cristo”, como afirmam muito pregadores, teólogos e escritores cristãos, José foi um personagem esculpido pelo dedo de Deus para representar alguém que aprendeu e praticou os ritos da relação com Deus e, em determinado ponto de sua vida, os abandonou. Lembremos de que os ritos ensinados por Jacó são a prática da verdade do dia a dia, da oração e da compaixão, o que é suficiente para que todos os seres humanos possam trilhar o caminho da verdade, em busca de redenção, ética e sentido interior para suas vidas.

Judá e José são filhos de Jacó. Os dois foram criados dentro dos mesmos princípios. Eles viveram em uma época em que a doutrina dos dois caminhos era ainda muito recente. Jacó, certamente ensinou muito bem a ambos os rituais da prática da verdade do dia a dia, da oração e da compaixão. Como resultado espiritual da sua devoção a Deus, José manifestava visivelmente o dom do Espírito Santo:

Certa vez, José teve um sonho e, quando o contou a seus irmãos, eles passaram a odiá-lo ainda mais. "Ouçam o sonho que tive", disse-lhes. "Estávamos amarrando os feixes de trigo no campo, quando o meu feixe se levantou e ficou em pé, e os seus feixes se juntaram ao redor do meu e se curvaram diante dele". (Gn 37:5-7)

Os setenta primeiros capítulos da Bíblia se propõem a nos ensinar a servir a Deus como serviram Abraão, Isaque e Jacó. Os personagens José e Moisés, também são muito didáticos. Através de José, Deus nos ensina que não devemos nos esquecer dos ritos da prática da verdade do dia a dia, da oração e da compaixão. E através de Moisés, Deus nos ensina que, não importa o quanto o poder humano se oponha ao seu servo, Ele sempre cumpre com seu propósito de defender os que se colocam do lado da verdade.

Judá era um príncipe autoritário, mas era sensível à verdade

Se comparado às demais pessoas ao seu redor, Judá era diferente, ele pertencia à linhagem da promessa. Ele era príncipe, e pela tradição, era de se esperar que fosse mais justo do que as pessoas que não pertencessem à sua linhagem. Este episódio sobre Judá é emblemático para reprovar o posicionamento de cristãos que se consideram predestinados, santos, sepultados e ressuscitados com Cristo, à imagem de Cristo, perfeitos, eleitos em vida, justificados em vida, porque guardam os mandamentos do abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

O certo é que qualquer ensinamento a respeito da perfeição incondicional dos cristãos, ensinada no cristianismo paulino, não passa de mentira. Infelizmente, pregadores, teólogos e escritores cristãos, preferidos de muitos cristãos, os mergulham nesse mar de santidade oferecido pelo cristianismo paulino. Mas a verdade é que ninguém é santo porque o cristianismo paulino diz que é. A verdade é que todos nós, como José desejamos trilhar o caminho da verdade, mas às vezes trilhamos o caminho da mentira. E os que esperam em Deus têm que se esforçar para permanecer no caminho da verdade, sofrendo as dores da picada peçonhenta da serpente em seus calcanhares, representada pelo pecado; o que o abominável da desolação ignora completamente.

A mulher Tamar também é um personagem esculpido pelo dedo de Deus para nos ensinar que todos os seres humanos têm a mesma dignidade diante dele. Ela era nora de Judá e ficou viúva. Como mandava a tradição, Judá deveria promover o casamento de um dos seus filhos com a viúva de outro filho. Mas Judá não cumpriu com a sua parte da tradição. A mulher Tamar cumpriu com a parte dela, ela recolheu-se à casa do seu pai como viúva, à espera de que Judá cumprisse com a parte dele.

Naquele tempo, Judá também ficou viúvo e procurou uma prostituta. Tamar já tinha a certeza de que Judá não cumpriria com a promessa feita a ela. Então, ela vestiu-se de prostituta e teve relações sexuais com Judá, que lhe prometeu uma recompensa. Como penhor ele deixou com ela o selo, que era uma espécie de carimbo de assinatura pessoal, o cordão que servia para pendurar o selo, e o cajado:

Cerca de três meses mais tarde, disseram a Judá: "Sua nora Tamar prostituiu-se, e na sua prostituição ficou grávida". Disse Judá: "Tragam-na para fora e queimem-na

viva! " Quando ela estava sendo levada para fora, mandou o seguinte recado ao sogro: "Estou grávida do homem que é dono destas coisas". E acrescentou: "Veja se o senhor reconhece a quem pertencem este selo, este cordão e este cajado". Judá os reconheceu e disse: "Ela é mais justa do que eu, pois eu devia tê-la entregado a meu filho Selá". E não voltou a ter relações com ela. (Gn 38:24-26)

Mais uma vez eu alerto para o fato de que os personagens dos setenta primeiros capítulos da Bíblia foram esculpidos pelo dedo de Deus para nos ensinar a trilhar o seu caminho, que é o caminho da verdade: "Pois eu o escolhi, para que ordene aos seus filhos e aos seus descendentes que se conservem no caminho do Senhor, fazendo o que é justo e direito, para que o Senhor faça vir a Abraão o que lhe havia prometido". (Gn 18:19)

A julgar pela atitude de Judá, percebe-se que ele não aprendeu muito bem a lição que lhe foi dada por Abraão, Isaque e Jacó. Ao tomar conhecimento da gravidez de Tamar: "Disse Judá: "Tragam-na para fora e queimem-na viva!". Este era um julgamento cruel, mas Tamar, ao tomar conhecimento da sentença disse: "Estou grávida do homem que é dono destas coisas". E acrescentou: "Veja se o senhor reconhece a quem pertencem este selo, este cordão e este cajado". Judá os reconheceu e disse: "Ela é mais justa do que eu, pois eu devia tê-la entregado a meu filho Selá. E não voltou a ter relações com ela".

Desde a criação do ser humano, Deus nos fez semelhante a Ele e tem se relacionado conosco através da lei da consciência. Essa lei nunca foi revogada nem sofreu qualquer alteração. Ela tem uma versão escrita nas tábuas da lei de Moisés, que são os Dez Mandamentos e outra versão representada pelo Evangelho de Jesus Cristo, verdade de Deus consumada no Calvário, que nos trouxe a graça e confirmou a lei.

Movido pela consciência, Judá não prosseguiu com o intuito de queimar Tamar viva. No entanto, não nos faltam Escrituras que condenem o pecador à morte, embora quase todas se encontrem em episódios relacionados à história da nação Israel. Mas o que mais depõe contra o cristianismo é a condenação do pecador à morte, inventar uma doutrina mentirosa que justifique o crime e ainda atribuir tal pecado a Jesus Cristo, como essa inventada pelo abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno:

Quando vocês estiverem reunidos em nome de nosso Senhor Jesus, estando eu com vocês em espírito, estando presente também o poder de nosso Senhor Jesus Cristo,

entreguem esse homem a Satanás, para que o corpo seja destruído, e seu espírito seja salvo no dia do Senhor”. (1 Co 5:4-5)

Apesar da pena cruel, de morrer queimada viva, mediante simples acusação feita por Judá, a lei da consciência prevaleceu. É por isso que a Bíblia precisa ser submissa à autoridade de Jesus Cristo. A mulher Tamar estava grávida de gêmeos, deu à luz a seus filhos, os criou e viveu com toda a dignidade. Ela morreu farta em anos e entrou para genealogia de Jesus Cristo.

José não aprendeu a sabedoria dos anjos

A história de José é bem conhecida, ele poderia ter sido morto, mas foi vendido por seus irmãos, pela mediação de Judá: “Judá disse então a seus irmãos: "Que ganharemos se matarmos o nosso irmão e escondermos o seu sangue? Vamos vendê-lo aos ismaelitas. Não tocamos nele, afinal é nosso irmão, é nosso próprio sangue". E seus irmãos concordaram” (Gn 37:26-27). Ao chegar no Egito, José foi revendido a Potifar, um conselheiro bem próximo do faraó. Mantendo a integridade aprendida com Abraão, Isaque e Jacó, José foi assediado pela mulher de Potifar:

“... e, depois de certo tempo, a mulher do seu senhor começou a cobiçá-lo e o convidou: "Venha, deite-se comigo! " Mas ele se recusou e lhe disse: “Meu senhor, não se preocupa com coisa alguma de sua casa, e tudo o que tem deixou aos meus cuidados. Ninguém desta casa está acima de mim. Ele nada me negou, a não ser a senhora, porque é a mulher dele. Como poderia eu, então, cometer algo tão perverso e pecar contra Deus? " (Gn 39:7-9)

Acusado de um crime que não cometeu, José foi preso, mas a mão de Deus lhe foi favorável. Não demorou muito para que ele estivesse frente a frente com o faraó e seus conselheiros, sendo empossado como governador do Egito:

O plano pareceu bom ao faraó e a todos os seus conselheiros. Por isso o faraó lhes perguntou: "Será que vamos achar alguém como este homem, em quem está o espírito divino? " Disse, pois, o faraó a José: "Uma vez que Deus lhe revelou todas essas coisas, não há ninguém tão criterioso e sábio como você. Você terá o comando de meu palácio, e todo o meu povo se sujeitará às suas ordens. Somente em relação ao trono serei maior que você". E o faraó prosseguiu: "Entrego a você agora o comando de toda a terra do Egito". Em seguida o faraó tirou do dedo o seu anel de

selar e o colocou no dedo de José. Mandou-o vestir linho fino e colocou uma corrente de ouro em seu pescoço. Também o fez subir em sua segunda carruagem real, e à frente os arautos iam gritando: "Abram caminho! " Assim José foi colocado no comando de toda a terra do Egito". (Gn 41:37-43)

A julgar pela sabedoria apresentada por José, Faraó logo percebeu que ele era um homem em quem estava o espírito divino. Ele se referia ao dom do Espírito Santo, que é sabedoria e poder de Deus agindo sobre a alma ou espírito do ser humano. Com honrarias como esta, José não estava acostumado: "Entrego a você agora o comando de toda a terra do Egito". Em seguida o faraó tirou do dedo o seu anel de selar e o colocou no dedo de José. Mandou-o vestir linho fino e colocou uma corrente de ouro em seu pescoço. Também o fez subir em sua segunda carruagem real, e à frente os arautos iam gritando: "Abram caminho! " Assim José foi colocado no comando de toda a terra do Egito".

Em vez de verdade e compaixão, mentira vingança

Perceba que tudo no episódio que se refere a José, como governador do Egito, é grandioso, mas a posse dele foi inesquecível: "Também o fez subir em sua segunda carruagem real, e à frente os arautos iam gritando: "Abram caminho! " Assim José foi colocado no comando de toda a terra do Egito". A narrativa a respeito de José chega a ser gritante para nos ensinar que para José ou para qualquer outro ser humano bastam o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor! que vêm do único Deus:

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!" (Ap 5:11-12)

Estes anjos são resultantes das almas ou espíritos dos seres humanos. Eles foram glorificados e Jesus Cristo nos mostra todos eles nos ensinando que devemos evitar a desejar o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor humanos. Isto porque, poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor, humanos são cabíveis somente a Deus.

Como José, nós vivemos em um mundo em que o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor, em certa medida, às vezes são inevitáveis. Mas nós precisamos nos lembrar do principal ofício dos anjos, resultantes dos espíritos humanos,

que é nos ensinar que somente ao Senhor pertencem o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor. Portanto, investidos de algum destes atributos que somente a Deus fica bem, temos que ter o cuidado para não nos esquecer dos rituais de falar somente a verdade no dia a dia, da oração e do exercício da compaixão.

O texto bíblico nos mostra que a vingança de José é emblemática para representar a vingança de todos os seres humanos que se esqueceram dos rituais de falar somente a verdade no dia a dia da, da oração e da compaixão. Observe que para os espectadores da história novelesca de José, o ápice está em sua vingança, isto é consequência da queda:

José era o governador do Egito e era ele que vendia trigo a todo o povo da terra. Por isso, quando os irmãos de José chegaram, curvaram-se diante dele, rosto em terra. José reconheceu os seus irmãos logo que os viu, mas agiu como se não os conhecesse, e lhes falou asperamente: "De onde vocês vêm? " Responderam eles: "Da terra de Canaã, para comprar comida". José reconheceu os seus irmãos, mas eles não o reconheceram. Lembrou-se então dos sonhos que tivera a respeito deles e lhes disse: "Vocês são espiões! Vieram para ver onde a nossa terra está desprotegida". Eles responderam: "Não, meu senhor. Teus servos vieram comprar comida. Todos nós somos filhos do mesmo pai. Teus servos são homens honestos, e não espiões". Mas José insistiu: "Não! Vocês vieram ver onde a nossa terra está desprotegida". E eles disseram: "Teus servos eram doze irmãos, todos filhos do mesmo pai, na terra de Canaã. O caçula está agora em casa com o pai, e o outro já morreu". José tornou a afirmar: "É como lhes falei: Vocês são espiões! Vocês serão postos à prova: Juro pela vida do faraó que vocês não sairão daqui, enquanto o seu irmão caçula não vier para cá. Mandem algum de vocês buscar o seu irmão enquanto os demais aguardam. Assim ficará provado se as suas palavras são verdadeiras ou não. Se não forem, juro pela vida do faraó que ficará confirmado que vocês são espiões! " E os deixou presos três dias. No terceiro dia, José lhes disse: "Eu tenho temor de Deus. Se querem salvar suas vidas, façam o seguinte: Se vocês são homens honestos, deixem um dos seus irmãos aqui na prisão, enquanto os demais voltam, levando trigo para matar a fome das suas famílias. Tragam-me, porém, o seu irmão caçula, para que se comprovem as suas palavras e vocês não tenham que morrer". Eles se prontificaram a fazer isso e disseram uns aos outros: "Certamente estamos sendo punidos pelo que fizemos a nosso irmão. Vimos como ele estava angustiado, quando nos implorava por sua vida, mas não lhe demos ouvidos; por isso nos sobreveio esta angústia". Rúben respondeu: "Eu não lhes disse que não maltratassem o menino? Mas vocês não quiseram me ouvir! Agora teremos que prestar contas do seu sangue". Eles, porém, não sabiam

que José podia compreendê-los, pois ele lhes falava por meio de um intérprete”. (Gn 42:6-23)

Após o primeiro ataque de vingança desferido pelo governador do Egito, Judá se colocou à frente de toda a família para proteger, principalmente a seu pai, Jacó. O instrumento da vingança contra o pai e os irmãos era comida para quem morria de fome:

“Então disse Judá a Israel, seu pai: "Deixa o jovem ir comigo e partiremos imediatamente, a fim de que tu, nós e nossas crianças sobrevivamos e não venhamos a morrer. Eu me comprometo pessoalmente pela segurança dele; podes me considerar responsável por ele. Se eu não o trouxer de volta e não o colocar bem aqui na tua presença, serei culpado diante de ti pelo resto da minha vida”. (Gn 43:8-9)

Uma das muitas lendas que se contam sobre o quadro “A Última Ceia”, é que ele teria sido pintado usando-se a mesma pessoa como modelo para pintar Jesus Cristo e Judas. Reza a lenda que Leonardo da Vinci tomou como modelo um jovem cristão para pintar Jesus Cristo. Como estava com dificuldade de encontrar um modelo para pintar Judas, sete anos após pintar Jesus Cristo, Leonardo da Vinci encontrou o mesmo jovem cristão, então totalmente desviado da fé cristã, e o utilizou como modelo para pintar Judas. Perceba que José estava muito fora dos padrões ensinados por Abraão, Isaque e Jacó:

Depois coloque a minha taça, a taça de prata, na boca da bagagem do caçula, juntamente com a prata paga pelo trigo". E ele fez tudo conforme as ordens de José. Assim que despontou a manhã, despediram os homens com os seus jumentos. Ainda não tinham se afastado da cidade, quando José disse ao administrador de sua casa: "Vá atrás daqueles homens e, quando os alcançar, diga-lhes: Por que retribuíram o bem com o mal? Não é esta a taça que, o meu senhor, usa para beber e para fazer adivinhações? Vocês cometeram grande maldade! " (Gn 44:2-5) ...“E José lhes perguntou: "Que foi que vocês fizeram? Vocês não sabem que um homem como eu tem poder para adivinhar? " Respondeu Judá: "O que diremos a meu senhor? Que podemos falar? Como podemos provar nossa inocência? Deus trouxe à luz a culpa dos teus servos. Agora somos escravos do meu senhor, como também aquele que foi encontrado com a taça". Disse, porém, José: "Longe de mim fazer tal coisa! Somente aquele que foi encontrado com a taça será meu escravo. Os demais podem voltar em paz para a casa do seu pai". Então Judá dirigiu-se a ele, dizendo: "Por favor, meu senhor, permite-me dizer-te uma palavra. Não se acenda a tua ira contra o teu servo, embora sejas igual ao próprio faraó”. (Gn 44:15-18)

Judá, príncipe da linhagem de Abraão, Isaque e Jacó, que conservava o rito de falar somente a verdade no seu dia a dia, de invocar o nome do Senhor por meio da oração, e guardar no coração e nas atitudes o ritual da compaixão, se humilhou ao extremo, diante de um homem poderoso, o governador do Egito, que afirmava conduzir sua espiritualidade através da adivinhação:

“Então Judá dirigiu-se a ele, dizendo: "Por favor, meu senhor, permite-me dizer-te uma palavra. Não se acenda a tua ira contra o teu servo, embora sejas igual ao próprio faraó”, e prossegue: "Além disso, teu servo garantiu a segurança do jovem a seu pai, dizendo-lhe: Se eu não o trouxer de volta, suportarei essa culpa diante de ti pelo resto da minha vida! "Por isso agora te peço, por favor, deixa o teu servo ficar como escravo do meu senhor no lugar do jovem e permite que ele volte com os seus irmãos. Como poderei eu voltar a meu pai sem levar o jovem comigo? Não! Não posso ver o mal que sobreviria a meu pai". (Gn 44:32-34)

O semblante das pessoas que por algum tempo trilharam o caminho da verdade, mas se desviaram dele, e não lutam para permanecer nele, é um semblante de muita tristeza. Isto acontece porque tais pessoas se esqueceram das suas almas. Tais pessoas sabem que invocar o nome do Senhor, segundo os ritos da verdade do dia a dia da oração e da compaixão é muito importante, mas não dão a menor prioridade a eles ou não conseguem conciliar a sua relação com Deus com o seu modo de vida:

“Mas Deus me enviou à frente de vocês para lhes preservar um remanescente nesta terra e para salvar-lhes as vidas com grande livramento. "Assim, não foram vocês que me mandaram para cá, mas sim o próprio Deus. Ele me tornou ministro do faraó, e me fez administrador de todo o palácio e governador de todo o Egito”. (Gn 45:7-8)

José já havia tomado vingança dos seus irmãos, o que respingou muito grosso em Jacó, seu pai. Com toda a sua família no Egito, convinha a José que habitassem na melhor terra; na região de Gósen. Mas a família de José não poderia dizer que criava ovelhas e sim bois, porque os egípcios desprezavam pastores de ovelhas. Era preciso mentir, o que não seria nenhum embaraço para o governador do Egito, afinal de contas, foi ele mesmo quem sugeriu tal solução para o problema:

“Quando o faraó mandar chamá-los e perguntar: ‘Em que vocês trabalham?’, respondam-lhe assim: ‘Teus servos criam rebanhos desde pequenos, como o fizeram nossos antepassados’. Assim lhes será permitido habitar na região de Gósen, pois

todos os pastores são desprezados pelos egípcios". José foi dar as notícias ao faraó: "Meu pai e meus irmãos chegaram de Canaã com suas ovelhas, seus bois e tudo o que lhes pertence, e estão agora em Gósen". Depois escolheu cinco de seus irmãos e os apresentou ao faraó. Perguntou-lhes o faraó: "Em que vocês trabalham?" Eles lhe responderam: "Teus servos são pastores, como os nossos antepassados". Disseram-lhe ainda: "Viemos morar aqui por uns tempos, porque a fome é rigorosa em Canaã, e os rebanhos de teus servos não têm pastagem. Agora, por favor, permite que teus servos se estabeleçam em Gósen". Então o faraó disse a José: "Seu pai e seus irmãos vieram a você, e a terra do Egito está a sua disposição; faça com que seu pai e seus irmãos habitem na melhor parte da terra. Deixe-os morar em Gósen. E se você vê que alguns deles são competentes, coloque-os como responsáveis por meu rebanho". (Gn 46:33 47:6)

Se comparado a um peregrino que trilha o caminho da verdade, José estava no fundo do poço. Não era o caso dos seus irmãos: "Depois escolheu cinco de seus irmãos e os apresentou ao faraó. Perguntou-lhes o faraó: "Em que vocês trabalham?" Eles lhe responderam: "Teus servos são pastores, como os nossos antepassados". Eles confiaram na verdade; eles não temeram ser desprezados pelos egípcios.

Os setenta primeiros capítulos da Bíblia foram escritura sagrada para boa parte da humanidade durante muitas centenas de milhares de anos; por isto, o relato sobre José é tão importante. Abraão, Isaque e Jacó andaram no caminho da verdade, mas coube a Jacó formalizar os ritos da prática da verdade no dia a dia, da oração e da compaixão, para que nem ele nem seus descendentes viessem a viver a infelicidade de esquecer-los, como José os esqueceu:

"Assim, José comprou todas as terras do Egito para o faraó. Todos os egípcios tiveram que vender os seus campos, pois a fome os obrigou a isso. A terra tornou-se propriedade do faraó. Quanto ao povo, José o reduziu à servidão, de uma à outra extremidade do Egito". (Gn 47:20-21)

Acostumado a ver o mundo sob a ótica das suas próprias lentes, José entregou seus dois filhos a Jacó para que lhe substituíssem na divisão da terra que Jacó possuía por fé. Perante Jacó, José amargou a contrariedade provocada por uma autoridade pela qual ele havia já perdido o interesse:

“E abençoou a José, dizendo: "Que o Deus, a quem serviram meus pais Abraão e Isaque, o Deus que tem sido o meu pastor em toda a minha vida até o dia de hoje, o Anjo que me redimiu de todo o mal, abençoe estes meninos. Sejam eles chamados pelo meu nome e pelos nomes de meus pais Abraão e Isaque, e cresçam muito na terra". Quando José viu seu pai colocar a mão direita sobre a cabeça de Efraim, não gostou; por isso pegou a mão do pai, a fim de mudá-la da cabeça de Efraim para a de Manassés, e lhe disse: "Não, meu pai, este aqui é o mais velho; ponha a mão direita sobre a cabeça dele". Mas seu pai recusou-se e respondeu: "Eu sei, meu filho, eu sei. Ele também se tornará um povo, também será grande". (Gn 48:15-19)

O que Jacó falou, como últimas palavras, foi a mais importante profecia bíblica, e que já se cumpriu na pessoa de Jesus Cristo. Jacó não repartiu uma herança composta de bens contáveis; ele fez um inventário de valores que somente existiam na fé dele e de seus pais, mas eram muito concretos. Ele fez um inventário de abundantes resultados espirituais, decorrentes da sua devoção diária a Deus: “O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de comando de seus descendentes, até que venha aquele a quem ele pertence, e a ele as nações obedecerão”. (Gn 49:10)

Após a morte de Jacó, os irmãos de José temeram a sua poderosa mão, afinal de contas, eles não conseguiam enxergar nas atitudes do governador do Egito sinais de que ele houvesse se fartado de tanta vingança: “Depois, vieram também seus irmãos, prostraram-se diante dele e disseram: Eis-nos aqui por teus servos. Respondeu-lhes José: Não temais; acaso, estou eu em lugar de Deus?” (Gn 50:18-19). Finalmente, José conseguiu avaliar a magnitude do terror que causara a seus irmãos, ainda assim, deixou o restante da vingança para Deus. Pela doutrina do protoevangelho ou dos dois caminhos não há lugar para o universalismo. O universalismo é a suposição de que todas almas ou espíritos dos seres humanos entrarão para a eternidade no Céu, ainda que, de modo consciente, deliberado e definitivo, tenha optado por trilhar o caminho da mentira.

Pela doutrina dos dois caminhos também não existe lugar para julgamentos humanos: “Não julguem, para que vocês não sejam julgados” (Mt 7:1). O que podemos concluir é que José trilhou o caminho da verdade, aprendeu com Deus, ouviu a voz de Jesus Cristo e entrou para a eternidade. A evidência disto é que ele é um dos vinte e quatro anciãos retratados no livro de Apocalipse.

VOCÊS VIRAM POR SI MESMOS

Não tenham medo! Deus veio prová-los, para que o temor de Deus

esteja em vocês e os livre de pecar

(Êx 20:20)

Os judeus modernos e a lei de Moisés

Para que eu possa apresentar a opinião de um judeu moderno sobre a lei de Moisés, eu tomo por base um artigo escrito pelo rabino Henry Isaac Sobel (1944 - 2019). Ao longo do artigo percebe-se que os judeus não interpretam literalmente cada palavra atribuída a Moisés ou a qualquer outro autor da Bíblia hebraica, que é o Antigo Testamento. Contrariamente, pregadores, teólogos e escritores cristãos interpretam a Bíblia toda como se cada palavra fosse Deus falando.

Um dos maiores problemas do cristianismo paulino é que ele foi engessado há mais de dezesseis séculos, por Agostinho de Hipona, por considerar que cada palavra escrita por um apóstolo é palavra de Deus. Tal doutrina foi criada com o objetivo de proteger o ensino atribuído ao apóstolo Paulo, o qual inclui ensinamentos contra o ser humano, contra a lei de Deus, contra Deus, contra os judeus, partidarismo, vitimização, maldição a qualquer outro Evangelho, além de sentença de morte para pecadores: um espírito assassino que só pode ser atribuído ao abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

O que temos na Bíblia como revelação de Deus são dicas, vestígios e pegadas. Mas os pregadores, teólogos e escritores cristãos se recusam a pensar e a deixar que as pessoas pensem livremente sobre as Escrituras. A consequência mais danosa de tal pensamento, é o fim do cristianismo a que chegamos. Ainda assim, todo o pensamento que não esteja de acordo com a ortodoxia cristã paulina é considerado heresia.

É preciso que a religião não pare de se desenvolver para contemplar o processo civilizatório da humanidade, que muito se deve aos setenta primeiros capítulos da Bíblia. Mas o cristianismo paulino foi engessado pela ortodoxia bíblica. O dogma associado a tal ortodoxia, é que um cristão não pode se insurgir contra o fato de o abominável da

desolação tentar destruir a lei de Deus, porque o cristianismo paulino considerou mais conveniente transformar a voz do abominável da desolação na santa boca de Deus.

É preciso que se entenda que os judeus nem qualquer outro praticante de outra religião é obrigado a crer em Jesus Cristo, mas não se pode negar as crueldades de muitas leis atribuídas a Moisés, contrariamente ao que ameniza Sobel (2019, pg. 5): “ No que tange à lei de talião, “olho por olho, dente por dente” criticado por Jesus Cristo no Sermão da Montanha (Mateus 5:38,39), não se tratava de uma cruel represália física, mas sim um princípio jurídico segundo o qual a pena deveria ser proporcional à ofensa.”

A justificativa de Sobel somente se sustenta devido à caducidade de leis que foram tomadas de outras nações no processo de formação da nação de Israel. Mas há dois milênios as práticas cureis, com fundamentos na lei atribuída a Moisés, que não os Dez Mandamentos, eram muito comuns. Mas o que importa é que os judeus modernos aceitem o fato de que as leis atribuídas a Moisés, contidas nos cinco primeiros livros da Bíblia, não podem ser interpretadas literalmente.

O temor a Deus, nos torna irmãos

Quando os seres humanos aprendem a temer a Deus eles se tornam irmãos na fé, aconteceu com Abraão e Melquisedeque; aconteceu com Esaú e Jacó, após haverem se encontrado com Deus; aconteceu com Moisés e com seu sogro Jetro e aconteceu com as parteiras egípcias e as mulheres hebreias: “Visto que as parteiras temeram a Deus, ele concedeu-lhes que tivessem suas próprias famílias”. (Êx 1:21)

Quando as pessoas temem a Deus elas também amam a verdade, se achegam a Deus em oração e a exercem a compaixão, é este o ritual religioso que Deus nos ensina ao longo dos setenta primeiros capítulos da Bíblia. Veja como a vida de Moisés foi preservada pela ação de duas classes sociais tão antagônicas:

“... e ela engravidou e deu à luz um filho. Vendo que era bonito, ela o escondeu por três meses. Quando já não podia mais escondê-lo, pegou um cesto feito de junco e o vedou com piche e betume. Colocou nele o menino e deixou o cesto entre os juncos, à margem do Nilo. A irmã do menino ficou observando de longe para ver o que lhe aconteceria. A filha do faraó descera ao Nilo para tomar banho. Enquanto isso as suas servas andavam pela margem do rio. Nisso viu o cesto entre os juncos e mandou sua

criada apanhá-lo. Ao abri-lo viu um bebê chorando. Ficou com pena dele e disse: "Este menino é dos hebreus". Então a irmã do menino aproximou-se e perguntou à filha do faraó: "A senhora quer que eu vá chamar uma mulher dos hebreus para amamentar e criar o menino?" "Quero", respondeu ela. E a moça foi chamar a mãe do menino. Então a filha do faraó disse à mulher: "Leve este menino e amamente-o para mim, e eu lhe pagarei por isso". A mulher levou o menino e o amamentou. Tendo o menino crescido, ela o levou à filha do faraó, que o adotou e lhe deu o nome de Moisés, dizendo: "Porque eu o tirei das águas". (Êx 2:2-10)

Enquanto fugia da presença do faraó, por haver matado um egípcio, Moisés encontrou-se com as filhas de Jetro, o sacerdote de Midiã. Os midianitas eram um povo que não pertencia às doze tribos de Israel, mas Moisés conviveu muito bem com o povo de Midiã, com o seu sacerdote e chegou a se casar com uma filha de Jetro, o sacerdote de Midiã:

“Certo dia, sendo Moisés já adulto, foi ao lugar onde estavam os seus irmãos hebreus e descobriu como era pesado o trabalho que realizavam. Viu também um egípcio espancar um dos hebreus. Correu o olhar por todos os lados e, não vendo ninguém, matou o egípcio e o escondeu na areia. No dia seguinte saiu e viu dois hebreus brigando. Então perguntou ao agressor: "Por que você está espancando o seu companheiro?" O homem respondeu: "Quem o nomeou líder e juiz sobre nós? Quer matar-me como matou o egípcio?" Moisés teve medo e pensou: "Com certeza tudo já foi descoberto!" Quando o faraó soube disso, procurou matar Moisés, mas este fugiu e foi morar na terra de Midiã. Ali assentou-se à beira de um poço. Ora, o sacerdote de Midiã tinha sete filhas. Elas foram buscar água para encher os bebedouros e dar de beber ao rebanho de seu pai”. (Êx 2:11-16)

Há mais de dezesseis séculos o cristianismo paulino tem ensinado aos seres humanos o preconceito contra a lei de Deus, contra os judeus e contra todos os seres humanos que não aceitam as doutrinas paulinas que transformam Deus em um monstro. Ao chegar à tribo dos midianitas, Moisés exerceu a compaixão, bem como foi tratado do mesmo modo, pela família do sacerdote de Midiã:

“Elas responderam: "Um egípcio defendeu-nos dos pastores e ainda tirou água do poço para nós e deu de beber ao rebanho". "Onde está ele?", perguntou o pai a elas. "Por que o deixaram lá? Convidem-no para comer conosco." Moisés aceitou e

concordou também em morar na casa daquele homem; este lhe deu por mulher sua filha Zípora”. (Êx 2:19-21)

O que se pode concluir, a partir das relações de Moisés com o sacerdote de Midiã é que ambos temiam a Deus, porque quando duas ou mais pessoas temem a Deus elas se tornam irmãs na fé. Infelizmente não é essa a regra vigente no cristianismo paulino. O cristianismo paulino tem como principais objetivos ensinar contra o ser humano, contra a lei de Deus, contra Deus, contra os judeus; incentivar o partidarismo, a vitimização, a maldição a qualquer outro Evangelho e a sentença de morte para pecadores. Tudo isto se resume em tentar destruir: a lei de Moisés, que são os Dez Mandamentos, e destruir a graça e a verdade.

O universo espiritual é formado por Deus e pelos anjos

Moisés é um personagem mítico; no mito sagrado sumério ele somente aparece até o versículo (Ex 20:26). Até este versículo Deus dá a Lei, que são os Dez Mandamentos, e diz como quer ser adorado: “O Senhor disse a Moisés: "Diga o seguinte aos israelitas: Vocês viram por si mesmos que do céu lhes falei: não façam ídolos de prata nem de ouro para me representarem. "Façam-me um altar de terra e nele sacrifiquem-me os seus holocaustos e as suas ofertas de comunhão, as suas ovelhas e os seus bois. Onde quer que eu faça celebrar o meu nome, virei a vocês e os abençoarei”. (Ex 20:22-24). A partir deste versículo, a nação de Israel interferiu na forma como Deus quer ser adorado.

Os judeus incluíram na Lei de Deus, leis locais e leis cerimoniais, como se elas tivessem sido ditadas por Deus. Eles resolveram por si mesmo, questões que já haviam sido resolvidas, com respeito à adoração. Eles trouxeram o ouro e a prata para o altar, como se Deus não os tivesse proibido. Daí a conclusão de que a Torá só tem de santos os seus primeiros setenta capítulos, e tudo o que se relacionar com eles, principalmente com os Dez Mandamentos. O modelo teológico que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo usa de uma sólida angeologia, por isso, nesta teologia a teofania é essencial. Teofania é a forma como Deus se faz perceptível aos nossos sentidos. Assim, o que aconteceu a Moisés foi Deus se fazer perceptível aos sentidos dele:

“Ali o Anjo do Senhor lhe apareceu numa chama de fogo que saía do meio de uma sarça. Moisés viu que, embora a sarça estivesse em chamas, esta não era consumida pelo fogo. "Que impressionante! ", pensou. "Por que a sarça não se queima? Vou ver

isso de perto. " O Senhor viu que ele se aproximava para observar. E então, do meio da sarça Deus o chamou: "Moisés, Moisés! " "Eis-me aqui", respondeu ele. Então disse Deus: "Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, pois o lugar em que você está é terra santa". Disse ainda: "Eu sou o Deus de seu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó". Então Moisés cobriu o rosto, pois teve medo de olhar para Deus. Disse o Senhor: "De fato tenho visto a opressão sobre o meu povo no Egito, e também tenho escutado o seu clamor, por causa dos seus feitores, e sei quanto eles estão sofrendo. Por isso desci para livrá-lo das mãos dos egípcios e tirá-los daqui para uma terra boa e vasta, onde manam leite e mel: a terra dos cananeus, dos hititas, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus. Pois agora o clamor dos israelitas chegou a mim, e tenho visto como os egípcios os oprimem. Vá, pois, agora; eu o envio ao faraó para tirar do Egito o meu povo, os israelitas". Moisés, porém, respondeu a Deus: "Quem sou eu para apresentar-me ao faraó e tirar os israelitas do Egito? " Deus afirmou: "Eu estarei com você. Esta é a prova de que sou eu quem o envia: quando você tirar o povo do Egito, vocês prestarão culto a Deus neste monte". Moisés perguntou: "Quando eu chegar diante dos israelitas e lhes disser: O Deus dos seus antepassados me enviou a vocês, e eles me perguntarem: 'Qual é o nome dele?' Que lhes direi? " Disse Deus a Moisés: "Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês". (Êx 3:2-14)

O problema mais crucial da humanidade é o fato de que “ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido” (Jo 1:18). Por causa desta verdade, as religiões não têm se permitido aplicar a lógica para concluir que os anjos são seres espirituais, logo, semelhantes a Deus, a quem Deus envia para realizar as obras que considerar necessárias, mesmo as menores intervenções na natureza.

A primeira conclusão necessária para que se construa uma angeologia bíblica é que quando “Disse Deus: "Haja luz", e houve luz” (Gn 1:3), juntamente com a luz foram criados os anjos de luz. Muito tempo depois de haver criado os anjos de luz Deus criou o ser humano: Então disse Deus:

"Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais grandes de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão". Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (Gn 1:26-27)

O ser humano foi, primeiramente, criado espírito semelhante a Deus, em seguida, do pó da terra, Deus formou o corpo para o ser humano: “Todavia brotava água da terra e irrigava toda a superfície do solo. Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente”. (Gn 2:6-7)

Após a queda, nossos pais foram expulsos do Paraíso, mas antes foram sentenciados a voltar ao pó: “Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó e ao pó voltará” (Gn 3:19). Portanto, não há lógica em pensar que os seres humanos voltarão ao Paraíso em carne e osso, tal como ensinam pregadores, teólogos e escritores cristãos.

Após a queda, Deus prometeu que um descendente da mulher esmagaria a cabeça da serpente: “Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar” (Gn 3:15). A inimizade posta entre a serpente e a descendência da mulher resultaria em uma ferida dolorida e agressiva, “você lhe ferirá o calcanhar”, representada pela prática do pecado, inerente à natureza humana, por toda a vida. Portanto não dá para levar a sério o ensino paulino que afirma que o ser humano morre para o pecado, se não estiver mais debaixo da lei de Deus, que são os Dez Mandamentos.

Por representar o fechamento para a cosmovisão cristã para o ser humano, o livro de Apocalipse mostra o ser humano glorificado no Céu:

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor! " (Ap 5:11-12)

Para mostrar que os anjos resultantes dos espíritos humanos que, em vida, aceitaram aprender com Deus estão no Céu, a serviço de Deus, observe que eles não param de dizer que poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor pertencem a Deus e não aos seres humanos. O conteúdo existencial de tal declaração mostra a diferença entre o ser humano aprender com Deus, através dos anjos, e aprender com os seres humanos.

Outra prova de que os anjos resultantes das almas ou espíritos dos seres humanos que, em vida, aceitaram aprender com Deus estão no Céu, a serviço de Deus é o fato de que o anjo que trouxe a revelação da parte de Jesus Cristo é um destes anjos: “Então caí aos seus pés para adorá-lo, mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e como os seus irmãos que se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus. Adore a Deus! O testemunho de Jesus é o espírito de profecia". (Ap 19:10)

Do mesmo modo, mais à frente, o autor do livro de Apocalipse afirma que cai aos pés do anjo e ouve advertência semelhante: “Eu, João, sou aquele que ouviu e viu estas coisas. Tendo-as ouvido e visto, caí aos pés do anjo que me mostrou tudo aquilo para mim, para adorá-lo. Mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e seus irmãos, os profetas, e como os que guardam as palavras deste livro. Adore a Deus!". (Ap 22:8-9)

Os sinais eram para os israelitas

A julgar pelo que Moises viu e ouviu, através do anjo, ele não teria que duvidar de que Deus cumpriria com a promessa de tirar o povo do Egito, recompensado pelos anos de trabalho escravo:

E farei que os egípcios tenham boa-vontade para com o povo, de modo que, quando vocês saírem, não sairão de mãos vazias. Todas as israelitas pedirão às suas vizinhas, e às mulheres que estiverem hospedando em casa, objetos de prata e de ouro, e roupas, que vocês porão em seus filhos e em suas filhas. Assim vocês despojarão os egípcios". (Êx 3:21-22)

Os setenta primeiros capítulos da Bíblia são antes de tudo um mito sagrado sumério, em que Deus confia a Abraão a guarda de todas as almas ou espíritos dos seres humanos que aprendessem com Deus, no momento em que Ele os ensinasse; uma realidade puramente espiritual que ficou conhecida como o Seio de Abraão. Contrariamente, aos judeus foi prometido uma terra onde se fixaria um povo, por um período determinado de aproximadamente 5600 anos, período que começou pelo início da epopéia e será findo pela consumação dos séculos. Esse período seria marcado pela encarnação do Espírito Santo, no centro da epopeia, vivida por seres humanos, mas guiada por Deus.

O tema do ministério de Moisés é a adoração. Tanto assim, que após Deus dar os Dez Mandamentos, Ele disse ao povo como queria ser adorado: do modo mais simples

possível. Do mesmo modo que no ato de adorar, povo de Israel precisava ver muitos sinais para que suportasse a jornada difícil que viria pela frente, e assim, “Quando o povo soube que o Senhor decidira vir em auxílio deles e tinha visto a sua opressão, curvou-se em adoração” (Êx 4:31). O povo se animou com a promessa de auxílio, mas quando os problemas surgiram, eles perceberam que a fé era pouca:

Ao saírem da presença do faraó, encontraram-se com Moisés e Arão, que estavam à espera deles, e lhes disseram: "O Senhor os examine e os julgue! Vocês atraíram o ódio do faraó e dos seus conselheiros sobre nós, e lhes puseram nas mãos uma espada para que nos matem". (Êx 5:20-21)

Todos os relatos que antecedem a descida de Moisés do Monte Sinai, com as tábuas da lei de Deus mostram a longanimidade de Deus para com toda a humanidade, visto que, no mito sagrado sumério, os Dez Mandamentos foram dirigidos a toda a humanidade: “Eu os farei meu povo e serei o Deus de vocês. Então vocês saberão que eu sou o Senhor, o Deus de vocês, que os livra do trabalho imposto pelos egípcios”. (Êx 6:7)

Em nossos dias a humanidade anda desgarrada e errante, “como ovelhas que não têm pastor; (Mc 6:34), ante um cristianismo paulino que já está chegando ao fim. Tal situação se deve à opressão imposta por Nero e seus assessores e sucessores que introduziram adulteração nas Escrituras cristãs, para impedir a adoração. Portanto, a volta ao cristianismo de Jesus Cristo, pode ser comparada à saída dos israelitas do Egito: “Moisés declarou isso aos israelitas, mas eles não lhe deram ouvidos, por causa da angústia e da cruel escravidão que sofriam”. (Êx 6:9)

Não me surpreende o fato de os cristãos não darem crédito ao fato de o livro do profeta Daniel haver sido desvendado e todas as adulterações introduzidas por Nero e seus assessores e sucessores terem sido descobertas, dada a opressão a que a humanidade tem sido submetida há mais de dezesseis séculos.

No episódio da retirada do povo israelita do Egito, Deus se revela primeiramente a Moisés e depois ao povo de Israel: “Israel viu o grande poder do Senhor contra os egípcios, temeu ao Senhor e pôs nele a sua confiança, como também em Moisés, seu servo” (Êx 14:31). Mas o objetivo de Deus, com seus grandes feitos é falar a cada pessoa, como falou, individualmente a Moisés. Que cada ser humano saiba que Deus luta a seu favor na luta contra o seu pecado, que oprime e impede a adoração.

Infelizmente, os cristãos não são ensinados a buscar a um Deus onisciente que pode falar com eles de forma pessoal e inequívoca. Deus sabe onde cada ser humano está e o que está fazendo ou sentindo: “Vá ao faraó de manhã, quando ele estiver indo às águas. Espere-o na margem do rio para encontrá-lo e leve também a vara que se transformou em serpente”. (Êx 7:15)

Deus sabe quando está sendo levado a sério. Para que possamos levar Deus a sério precisamos compreender o seu modo racional de agir. É essencial que estejamos com a consciência da obrigação de falar somente a verdade no dia a dia, de que devemos estar permanentemente em oração e dispostos a exercer a compaixão para com o nosso próximo, e que não façamos como o faraó que, “pelo contrário, deu-lhes as costas e voltou para o seu palácio. Nem assim o faraó levou isso a sério”. (Êx 7:23)

O episódio da retirada do povo israelita do Egito nos ensina a não desprezar o poder do pecado mas sobretudo a ter a certeza de que ele é limitado pelo poder de Deus. Assim, os magos não conseguiram reverter os efeitos da praga de rãs, mas Moisés, que podia confiar em Deus, com toda a intrepidez, garantiu que o faria:

Moisés disse ao faraó: "Tua é a honra de dizer-me quando devo orar por ti, por teus conselheiros e por teu povo para que tu e tuas casas fiquem livres das rãs e sobre apenas as que estão no rio". "Amanhã", disse o faraó. Moisés respondeu: "Será como tu dizes, para que saibas que não há ninguém como o Senhor nosso Deus". (Êx 8:9-10)

Estamos vivendo em uma época em que o ateísmo cresce e não encontra argumento que o detenha. Eu atribuo a escalada do ateísmo que vivemos ao engano introduzido na Bíblia pelo abominável da desolação, que editou os livros de Apocalipse e de Atos dos Apóstolos e distorceu as cartas do apóstolo Paulo. Portanto, é preciso que os cristãos sejam capazes de apresentar uma teologia que mostre dicas, vestígios e marcas do dedo de Deus em nosso meio: Mas quando os magos tentaram fazer surgir piolhos por meio das suas ciências ocultas, não conseguiram. E os piolhos infestavam os homens e os animais. Os magos disseram ao faraó: "Isso é o dedo de Deus". Mas o coração do faraó permaneceu endurecido, e ele não quis ouvi-los, conforme o Senhor tinha dito”. (Êx 8:18-19)

O mito fundador e a natureza de Deus

Os pregadores, teólogos e escritores cristãos não aceitam que na Bíblia haja mitos. Com tal forma de pensar engessada pelo autoritarismo, o cristianismo foi reduzido a um conjunto de dogmas fechados ao questionamento racional. Como podemos ver, no versículo a seguir, Deus faz distinção entre os israelitas e o povo do Egito: “Farei distinção entre o meu povo e o seu. Este sinal miraculoso acontecerá amanhã”. (Êx 8:23)

Perceba que esta parte do livro de Êxodo representa o surgimento da teocracia israelense, que havia escolhido o Senhor para ser o seu Deus, como fez Abraão, bem diferente de Ló: “Mas o Senhor fará distinção entre os rebanhos de Israel e os do Egito. Nenhum animal dos israelitas morrerá” (Êx 9:4). O Deus de Abraão retribui a todo aquele que andar na sua presença.

Daí a conclusão de que os setenta primeiros capítulos da Bíblia tratam da adoração a Deus, que é voluntária, mas não pode ser impedida. Aqui Deus está se dirigindo a cada ser humano, e não somente aos habitantes de Gósen ou de qualquer outra parte do Egito, como nesse caso: “Somente na terra de Gósen, onde estavam os israelitas, não caiu granizo” (Êx 9:26). Deus quer se relacionar com cada ser humano e não com um povo em particular, como no mito fundador: “Entre os israelitas, porém, nem sequer um cão latirá contra homem ou animal’. Então vocês saberão que o Senhor faz distinção entre o Egito e Israel!” (Êx 11:7)

O faraó era alguém que acreditava que oração não faz mal a ninguém e que bem e mal são ideia que dependem apenas do lado em que se está: “Disse-lhes o faraó: "Vocês vão mesmo precisar do Senhor quando eu deixá-los ir com as mulheres e crianças! É claro que vocês estão com más intenções” (Êx 10:10). Ao mesmo tempo em que pedia orações ao Senhor o faraó fazia uma séria ameaça: “vocês vão mesmo precisar do Senhor”.

Deus é muito poderoso

O que temos no relato da saída dos israelitas do Egito é um mito fundador, que tem por base um mito sumério muito mais antigo, para representar a luta do ser humano contra o pecado, que não há como alguém duvidar de que Deus vença: “Porque eu já poderia ter estendido a mão, ferindo você e o seu povo com uma praga que teria eliminado você da

terra. Mas eu o mantive de pé exatamente com este propósito: mostrar-lhe o meu poder e fazer que o meu nome seja proclamado em toda a terra”. (Êx 9:15-16)

Por mais que o faraó tentasse impor seu poder sobre Moisés, nada do que ele fizesse era imprevisível para Moisés: “Mas eu bem sei que tu e os teus conselheiros ainda não sabem o que é tremer diante do Senhor Deus!” (Êx 9:30). Portanto, o temor do Senhor é uma das lições, objeto dos setenta primeiros capítulos da Bíblia. É por isto que ele é dado a todos os seres humanos, cuja sobrevivência somente foi possível por causa do processo civilizatório da humanidade, que é ameaçado sempre que os Dez Mandamentos são pisoteados, como no caso do conteúdo das cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, destorcidas pelo abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

Deus quer libertar cada ser humano do seu pecado, individualmente. Isto acontece porque cada um de nós tem uma propensão particular para pecar. Assim, devemos nos colocar diante de Deus com a disposição de falar somente a verdade no nosso dia a dia, em oração e com a disposição de exercer o amor ao próximo, com atitudes de compaixão compatíveis com o ensino de Jesus Cristo: “Contaram ao rei do Egito que o povo havia fugido. Então o faraó e os seus conselheiros mudaram de ideia e disseram: "O que foi que fizemos? Deixamos os israelitas saírem e perdemos os nossos escravos!". (Êx 14:5)

Moisés, que foi comissionado a se envolver com a causa dos israelitas, a cada dia ficava mais ousado: “Disse o faraó a Moisés: "Saia da minha presença! Trate de não aparecer nunca mais diante de mim! No dia em que vir a minha face, você morrerá". Respondeu Moisés: "Será como disseste; nunca mais verei a tua face". (Êx 10:28-29)

Os egípcios não se tornaram favoráveis aos israelitas por livre consciência, mas o Senhor os tornou favoráveis ao povo de Israel, e o próprio Moisés era tido em alta estima no Egito pelos conselheiros do faraó e pelo povo. Portanto, é justo crer que Deus exerce sua justiça, mas nunca assalta a ninguém:

Disse então o Senhor a Moisés: "Enviarei ainda mais uma praga sobre o faraó e sobre o Egito. Somente depois desta ele os deixará sair daqui e até os expulsará totalmente. Diga ao povo, tanto aos homens como às mulheres, que peça aos seus vizinhos objetos de prata e de ouro". O Senhor tornou os egípcios favoráveis ao povo, e o

próprio Moisés era tido em alta estima no Egito pelos conselheiros do faraó e pelo povo”. (Êx 11:1-3)

Os israelitas não assaltaram aos egípcios. Os egípcios foram movidos por Deus a darem seus bens aos israelitas, porque o Senhor lhes concedeu uma disposição favorável: “O Senhor concedeu ao povo uma disposição favorável da parte dos egípcios, de modo que lhes davam o que pediam; assim eles despojaram os egípcios”. (Êx 12:36)

Mais uma vez o relato da saída do povo israelita do Egito assume a forma de mito fundador: “Assim como o Senhor passou em vigília aquela noite para tirar do Egito os israelitas, estes também devem passar em vigília essa mesma noite, para honrar ao Senhor, por todas as suas gerações” (Êx 12:42). Esta metáfora é cabível ao mito fundador de uma nação e aplicável a todos os seres humanos, porque Deus que dispõe de milhões de milhões de anjos que estão em permanente vigília, não somente à noite, para tirar os crentes da opressão, a qualquer hora.

A verdadeira liberdade dos cristãos

Os setenta primeiros capítulos da Bíblia são ricos em intervenção de anjos. Mas o cristianismo paulino ensinado pelo abominável da desolação tirou dos cristãos a importância dos anjos. E nem poderia ser diferente, se o conjunto de doutrinas paulinas precisa se harmonizar com os onze primeiros capítulos da carta aos Romanos. Contrariamente, Deus socorria os israelitas, por meio de anjos:

Durante o dia o Senhor ia adiante deles, numa coluna de nuvem, para guiá-los no caminho, e de noite, numa coluna de fogo, para iluminá-los, e assim podiam caminhar de dia e de noite. A coluna de nuvem não se afastava do povo de dia, nem a coluna de fogo, de noite”. (Êx 13:21-22)

O universo espiritual do Bem é composto por Deus e pelos seus anjos. O que os cristãos têm hoje como religião é uma frieza extrema que lhes invade a alma, por isto eles saem em busca de abrigo e encontram, via de regra, a frieza criminosa dos falsos profetas, que lhes esvazia não somente a alma, mas também o bolso. Mas Deus cuida dos seus servos através de milhões de milhões de anjos:

A seguir o anjo de Deus que ia à frente dos exércitos de Israel retirou-se, colocando-se atrás deles. A coluna de nuvem também saiu da frente deles e se pôs atrás, entre os egípcios e os israelitas. A nuvem trouxe trevas para um e luz para o outro, de modo que os egípcios não puderam aproximar-se dos israelitas durante toda a noite”. (Êx 14:19-20)

Por que Deus chamaria esse povo sofrido de exército? Certamente porque em cada israelita Ele via um anjo. A riqueza espiritual do relato bíblico da saída do povo de Israel do Egito é muito grande e nos serve de lições. Não somente aos cristãos, mas a todos os crentes que se colocarem diante de Deus para viver a verdade do dia a dia, a oração e a compaixão. É nas lutas que Deus se apresenta para nos dizer que nos acalmemos: Disseram a Moisés:

"Foi por falta de túmulos no Egito que você nos trouxe para morrermos no deserto? O que você fez conosco, tirando-nos de lá? Já não lhe tínhamos dito no Egito: Deixem-nos em paz! Seremos escravos dos egípcios! Antes ser escravos dos egípcios do que morrer no deserto!" Moisés respondeu ao povo: "Não tenham medo. Fiquem firmes e vejam o livramento que o Senhor lhes trará hoje, porque vocês nunca mais verão os egípcios que hoje veem. O Senhor lutará por vocês; tão-somente acalmem-se". (Êx 14:11-14)

Quam já passou por situações desesperadoras quase nunca é julgado com justiça por quem nunca viveu situação semelhante. Por isso, muitos comentaristas erram quando fazem considerações sobre a murmuração do povo de Israel, em situação com esta: “Mas o povo estava sedento e reclamou a Moisés: "Por que você nos tirou do Egito? Foi para matar de sede a nós, aos nossos filhos e aos nossos rebanhos?" Então Moisés clamou ao Senhor: "Que farei com este povo? Estão a ponto de apedrejar-me!". (Êx 17:3-4)

Uma lição que os cristãos precisam aprender é não deixar de fazer o que pode ser feito à espera de um milagre. Tal é a situação de pessoas que passam anos esperando melhorar sua situação econômica, apenas frequentando a igrejas de falsos profetas, que lhes promete riqueza. Tais pessoas não confiam que Deus os abençoe se estudarem, trabalharem, falarem a verdade no dia a dia, orarem a Deus e exercerem a compaixão. Esta foi a resposta do Senhor à oração de Moisés: “Disse então o Senhor a Moisés: "Por que você está clamando a mim? Diga aos israelitas que sigam avante”. (Êx 14:15)

Contrariamente, o povo que estava diante do mar, não poderia, pelo seu esforço transpor as águas, neste caso seria necessária uma intervenção divina, que foi prontamente oferecida por Deus: “Erga a sua vara e estenda a mão sobre o mar, e as águas se dividirão para que os israelitas atravessem o mar em terra seca”. (Êx 14:16)

A seguir Deus faz um pacto com os israelitas, para representar todos os seres humanos. Um pacto que tem um lado muito fraco, o lado humano. Mas nem por isso Deus deixou de impor condições: “Se vocês derem atenção ao Senhor, ao seu Deus e fizerem o que ele aprova, se derem ouvidos aos seus mandamentos e obedecerem a todos os seus decretos, não trarei sobre vocês nenhuma das doenças que eu trouxe sobre os egípcios, pois eu sou o Senhor que os cura”. (Êx 15:26)

É inacreditável que o abominável da desolação tenha doutrinado os cristãos a se diferenciarem dos israelitas deixando de observar a lei de Deus, que são os Dez Mandamentos. Mais inacreditável ainda é perceber que o cristianismo está se acabando e os pregadores, teólogos e escritores cristãos aprofundam o ensino das doutrinas do abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno. Mas Deus manda que obedecemos aos seus mandamentos: “Então o Senhor disse a Moisés: “Até quando vocês se recusarão a obedecer aos meus mandamentos e às minhas instruções?” (Êx 16:28)

Não foi Moisés que deu a vocês o pão do Céu

Jesus Cristo sabia muito bem que o relato da saída do povo de Israel do Egito era uma narrativa muito mais antiga do que o mito fundador da nação de Israel. Ele sabia que os setenta primeiros capítulos da Bíblia são compostos por relatos sobre a vida de personagens esculpidos pelo dedo de Deus para nos ensinar o que é certo. Assim, Deus nos ensina a confiar na sua providência graciosa:

Disseram-lhes os israelitas: "Quem dera a mão do Senhor nos tivesse matado no Egito! Lá nos sentávamos ao redor das panelas de carne e comíamos pão à vontade, mas vocês nos trouxeram a este deserto para fazer morrer de fome toda esta multidão!" Disse, porém, o Senhor a Moisés: "Eu lhes farei chover pão do céu. O povo sairá e recolherá diariamente a porção necessária para aquele dia. Com isso os porei à prova para ver se seguem ou não as minhas instruções. No sexto dia trarão para ser preparado o dobro do que recolhem nos outros dias". (Êx 16:3-5)

Eu insisto na ideia de que os Dez Mandamentos são muito antigos, mais antigos do que o mito fundador da nação de Israel e do que o Moisés israelita que recebeu a lei de Deus no Monte Sinai. Veja que antes de Moisés subir ao monte o descanso já era no sétimo dia: “Então o povo descansou no sétimo dia”. (Êx 16:30)

A verdade do dia a dia, a oração e a compaixão são os principais assuntos relatados na Bíblia. O presente relato fortalece a ideia de que Deus responde à orações feitas por seres humanos verdadeiros e benignos: “Enquanto Moisés mantinha as mãos erguidas, os israelitas venciam; quando, porém, as abaixava, os amalequitas venciam”. (Êx 17:11)

Moisés fazia sua oração solitária, em um altar construído por ele ao Senhor: “Moisés construiu um altar e chamou-lhe "o Senhor é minha bandeira" (Êx 17:15). Ele não disse “o Senhor é a nossa bandeira”. Em crítica a Jesus Cristo, Sobel (2019, pg. 6) afirma que: “Jesus louvava a oração solitária”. Me parece que a lição ensinada por Deus nos setenta primeiros capítulos da Bíblia, favorece à opinião de Jesus Cristo e não à do rabino Sobel.

Qual era a religião de Jetro?

Nestes tempos modernos, de grandes discordâncias religiosas, e também de muita indiferença em relação a Deus, vale salientar que o que unia Moisés ao seu sogro Jetro era o temor ao Senhor: “Então Moisés saiu ao encontro do sogro, curvou-se e beijou-o; trocaram saudações e depois entraram na tenda”. (Êx 18:7)

Veja que Moisés relatou a Jetro os acontecimentos relacionados à saída do povo de Israel do Egito, até aquele ponto, e Jetro alegrou-se ao ouvir:

Jetro alegrou-se ao ouvir todas as coisas boas que o Senhor tinha feito a Israel, libertando-o das mãos dos egípcios. Disse ele: "Bendito seja o Senhor que os libertou das mãos dos egípcios e do faraó; que livrou o povo das mãos dos egípcios! Agora sei que o Senhor é maior do que todos os outros deuses, pois ele os superou exatamente naquilo de que se vangloriavam". Então Jetro, sogro de Moisés, ofereceu um holocausto e sacrifícios a Deus, e Arão veio com todas as autoridades de Israel para comerem com o sogro de Moisés na presença de Deus”. (Êx 18:9-12)

As diferentes concepções religiosas de Moisés e de Jetro não transformavam Jetro em um herege perante Moisés. Moisés aceitou uma sugestão de Jetro para que mudasse

sua forma de atender ao povo, quanto às questões que surgiam. Moisés aceitou o conselho do sogro e fez tudo como ele tinha sugerido:

Respondeu o sogro de Moisés: "O que você está fazendo não é bom. Você e o seu povo ficarão esgotados, pois esta tarefa lhe é pesada demais. Você não pode executá-la sozinho. Agora, ouça-me! Eu lhe darei um conselho, e que Deus esteja com você! Seja você o representante do povo diante de Deus e leve a Deus as suas questões. Oriente-os quanto aos decretos e leis, mostrando-lhes como devem viver e o que devem fazer. Mas escolha dentre todo o povo homens capazes, tementes a Deus, dignos de confiança e inimigos de ganho desonesto. Estabeleça-os como chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez. Eles estarão sempre à disposição do povo para julgar as questões. Trarão a você apenas as questões difíceis; as mais simples decidirão sozinhos. Isso tornará mais leve o seu fardo, porque eles o dividirão com você. Se você assim fizer, e se assim Deus ordenar, você será capaz de suportar as dificuldades, e todo este povo voltará para casa satisfeito", Moisés aceitou o conselho do sogro e fez tudo como ele tinha sugerido". (Êx 18:17-24)

O povo de Deus

Nos versículos a seguir Deus põe por terra a noção de que existe povo exclusivo de Deus, fora do mito fundador da nação de Israel, ou de situação que lhe seja bíblicamente análoga. A expressão "embora toda a terra seja minha", deixa claro que a religião mais universal existente é aquela que ensina os seres humanos a temerem a Deus:

Agora, se me obedecerem fielmente e guardarem a minha aliança, vocês serão o meu tesouro pessoal dentre todas as nações. Embora toda a terra seja minha, vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa'. Essas são as palavras que você dirá aos israelitas". (Êx 19:5-6)

O livro de Apocalipse fecha a cosmovisão cristã para o ser humano. O conteúdo do livro é marcado pela exigência de pureza da parte dos cristãos. Assim, Jesus Cristo adverte a igreja para que se livre de impostores que acabam, "... induzindo-os a comer alimentos sacrificados a ídolos e a praticar imoralidade sexual" (Ap 2:14). Mas esta é apenas uma exigência que começou muito antes: "E o Senhor disse a Moisés: "Vá ao povo e consagre-o hoje e amanhã. Eles deverão lavar as suas vestes e estar prontos no terceiro dia, porque nesse dia o Senhor descera sobre o monte Sinai, à vista de todo o povo". (Êx 19:10-11)

A lei do Senhor é perfeita, e somente ela nos santifica “eles deverão lavar as suas vestes”. Os Dez Mandamentos são tão perfeitos e responsáveis pelo processo civilizatório da humanidade que o estado moderno de direito recepciona sete dos Dez Mandamentos. Assim, do quarto mandamento em diante, sete mandamentos foram recepcionados pelo estado moderno de direito. Os primeiros três são deixados no nível da consciência do indivíduo:

Não terás outros deuses além de mim. "Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que me amam e guardam os meus mandamentos. "Não tomarás em vão o nome do Senhor teu Deus, pois o Senhor não deixará impune quem tomar o seu nome em vão. "Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou. "Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor teu Deus te dá. "Não matarás. "Não adulterarás. "Não furtarás. "Não darás falso testemunho contra o teu próximo. "Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seus servos ou servas, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença". (Êx 20:3-17)

Toda a narrativa contida nos setenta primeiros capítulos da Bíblia tem como objetivo mostrar aos seres humanos a importância da lei de Deus na formação do processo civilizatório da humanidade, o que não seria possível sem o império da lei de Deus. Embora os vinte primeiros capítulos do livro de Êxodo representem o que podemos chamar de intenção de Deus com a lei, segundo Moisés ensina: “Moisés disse ao povo: "Não tenham medo! Deus veio prová-los, para que o temor de Deus esteja em vocês e os livre de pecar". (Êx 20:20)

Os três primeiros mandamentos da lei são um apelo à consciência humana, conforme Deus manda Moisés dizer, “vocês viram por si mesmos que do céu lhes falei”:

“O Senhor disse a Moisés: "Diga o seguinte aos israelitas: Vocês viram por si mesmos que do céu lhes falei: não façam ídolos de prata nem de ouro para me representarem”. (Êx 20:22-23)

O último dos setenta primeiros capítulos da Bíblia termina, praticamente, como começou a história de Abraão, com um apelo para que os seres humanos, como Abraão, façam altares ao Senhor: “Façam-me um altar de terra ...” (Êx 20:24); ... “Se me fizerem um altar de pedras, não o façam com pedras lavradas, porque o uso de ferramentas o profanaria”. (Êx 20:25)

Neste ponto eu encerro as minhas considerações sobre os setenta primeiros capítulos da Bíblia, responsáveis pelo processo civilizatório da humanidade. Um processo civilizatório que somente seria possível sob o império da lei de Deus. Uma lei que teve sua observância praticamente proibida pelo abominável da desolação que distorceu as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I Coríntios, II Coríntios e aos Gálatas.

Eu espero que os cristãos estejam dispostos para usarem dos meios mais acessíveis ao seu alcance para construir altares ao Senhor, onde possam se santificar pela observância da lei de Deus e pelo cumprimento dos ritos da prática da verdade do dia a dia, da oração a Deus e do exercício da compaixão para com o seu próximo. Espero também que estejam dispostos a se absterem, o mais breve possível, das dificuldades presentes na Bíblia, representadas pelas cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, mas distorcidas pelo abominável da desolação, e da parte editada dos livros de Apocalipse e de Atos dos Apóstolos.

CAPÍTULO 3

O LIVRO FOI EDITADO

“... que dá testemunho de tudo o que viu, isto é, a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo

(Ap 1:2)

Um anjo do Senhor me apareceu O livro de Apocalipse tem uma importância especial para os pregadores, teólogos e escritores cristãos porque, segundo eles, o livro fecha toda a Bíblia. Mas as interpretações dadas ao livro são muito divergentes. Eu não critico os pregadores, teólogos e escritores cristãos por não entenderem esse livro. Eu também não o entendia, até o dia em que um anjo do Senhor me apareceu e me disse que "o livro foi editado".

Eu costumo descrever com precisão as revelações que me são dadas da parte do Senhor, para que haja verossimilhança, aos olhos das pessoas honestas. O contexto em que tal experiência me aconteceu foi no momento em que eu havia terminado de escrever o meu livro intitulado “Toda Autoridade a Jesus Cristo”. Para escrever o livro eu utilizei inicialmente, do livro de Apocalipse, somente os primeiros cinco capítulos.

Em 21.01.2019, enquanto eu orava ao Senhor lamentando que tivesse entendido somente cinco de vinte e dois capítulos, durante a oração, um anjo do Senhor me apareceu, tomou a Bíblia que estaria em minha mão, a folheou, muito rapidamente e me deu de volta. Como o meu problema era entender o restante do livro, então ouvi a voz do anjo que me disse: "o livro foi editado".

Após esse fato, eu me livrei de todos os dogmas sobre a ortodoxia bíblica e comecei a ler o livro de Apocalipse com toda a liberdade, e em poucos segundos eu encontrei este versículo: “... que dá testemunho de tudo o que viu, isto é, a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo” (Ap 1:2). Perceba que o autor “dá testemunho de tudo o que viu, isto é, a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo”. Mas o propósito do livro é registrar somente o testemunho de Jesus Cristo e não a interpretação da pessoa que o editou sobre a Bíblia hebraica.

Para confirmar este entendimento vejamos como o livro de Apocalipse é tratado como um testemunho: "Eu, Jesus, enviei o meu anjo para dar a vocês este **testemunho concernente às igrejas**. Eu sou a Raiz e o Descendente de Davi, e a resplandecente Estrela da Manhã". (Ap 22:16 – grifo do autor). Ora, Jesus Cristo afirma que o livro trata apenas do seu testemunho e não da interpretação de quem o editou.

Você não precisa ter boa vontade para crer no que eu estou afirmando, basta ter boa vontade para ler o que está escrito no livro, para considerar que o livro de Apocalipse foi editado. Pelo contexto histórico, quem editou o livro de Apocalipse o fez sob encomenda do Império Romano. Eu suponho que quem editou o livro se esqueceu de mudar esta parte, para incluir “a palavra de Deus”, como no início do livro: "Eu, Jesus, enviei o meu anjo para dar a vocês **este testemunho concernente às igrejas**. Eu sou a Raiz e o Descendente de Davi, e a resplandecente Estrela da Manhã". (Ap 22:16 – grifo do autor).

Ao prosseguir com a leitura do livro até o final, eu percebi que apenas duas passagens precisavam ser acrescentadas ao livro “Toda Autoridade a Jesus Cristo”, para reforçar a prova de que o anjo que trouxe a revelação é um anjo resultante de um espírito humano. Os versículos são estes: “Então caí aos seus pés para adorá-lo, mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e como os seus irmãos que se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus. Adore a Deus! O testemunho de Jesus é o espírito de profecia" (Ap 19:10), e “Eu, João, sou aquele que ouviu e viu estas coisas. Tendo-as ouvido e visto, caí aos pés do anjo que me mostrou tudo aquilo para mim, para adorá-lo. Mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e seus irmãos, os profetas, e como os que guardam as palavras deste livro. Adore a Deus!" (Ap 22:8-9)

Por ter uma educação cristã tradicional eu pensei que me bastava crer que o livro de Apocalipse havia sido editado, até o dia em que assistia a um vídeo de autoria do reverendo R. C. Sproul sobre a crise na escatologia, dirigido a seus alunos de um seminário nos Estados Unidos, quando fui surpreendido pela honesta preocupação dele. Sproul dizia: “... provavelmente haja mais discordância entre os cristãos, sobre escatologia, do que todas as outras doutrinas que tendem a nos dividir. E por causa disto há uma crise em nosso tempo, em termos de entender o ensino das Escrituras com respeito às profecias futuras. ... Eu vou lhes falar a minha opinião sobre escatologia, que representa uma minoria que vocês talvez estejam ouvindo pela primeira vez, ... talvez isto vá lhes chocar, ... escatologia é um assunto muito difícil ... eu vou dar uma atenção especial, não

somente hoje, mas ao longo desta série. A outra crise, a crise da escatologia que às vezes é vista com pouco interesse ou ignorada dentro dos círculos evangélicos da igreja cristã. Eu acredito que esta seja a mais séria crise com relação ao nosso entendimento das profecias para o futuro. E a crise tem a ver com a questão da credibilidade e isto tem a ver com a credibilidade de dois assuntos distintos: a credibilidade da Bíblia em si, como eu vou lhes mostrar, e a credibilidade de Jesus.”

A forma grave e honesta como Sproul falava sobre o assunto me levou a me interessar mais pelo livro de Apocalipse. Como ao longo deste trabalho eu me proponho a provar que a Bíblia é um livro lógico, não poderia abandonar tal objetivo. Então eu fiz uma leitura do livro de Apocalipse, com o objetivo de descobrir o que havia sido editado. O segundo sinal de edição encontra-se no capítulo sete, a referência aos cento e quarenta e quatro mil, porque eles são provenientes apenas das tribos de Israel e nenhum da descendência de Ismael.

O capítulo sete é um marco muito importante para a interpretação do livro de Apocalipse, porque, ao final do capítulo, a grande tribulação termina e os seres humanos que creram são reunidos aos outros anjos resultantes de espíritos humanos:

Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, de pé, diante do trono e do Cordeiro, com vestes brancas e segurando palmas. E clamavam em alta voz: "A salvação pertence ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro". Todos os anjos estavam de pé ao redor do trono, dos anciãos e dos quatro seres viventes. Eles se prostraram com o rosto em terra diante do trono e adoraram a Deus, dizendo: "Amém! Louvor e glória, sabedoria, ação de graças, honra, poder e força sejam ao nosso Deus para todo o sempre. Amém! " Então um dos anciãos me perguntou: "Quem são estes que estão vestidos de branco, e de onde vieram? " Respondi: "Senhor, tu o sabes". E ele disse: "Estes são os que vieram da grande tribulação e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso, eles estão diante do trono de Deus e o servem dia e noite em seu santuário; e aquele que está assentado no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo. Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede. Não cairá sobre eles sol, e nenhum calor abrasador, pois o Cordeiro que está no centro do trono será o seu Pastor; ele os guiará às fontes de água viva. E Deus enxugará dos seus olhos toda lágrima". (Ap 7:9-17)

O meu entendimento é que do segundo versículo do capítulo oito em diante não cabe mais a ira de Deus, nem julgamento nem expectativa de que alguém ainda se arrependa, em uma Terra arrasada, da qual a população foi extinta. Outro ponto importante é o fato de que do capítulo oito ao capítulo dezoito não há pronunciamento de Jesus Cristo. Quanto aos capítulos de dezenove a vinte e dois, tudo o que se refere à ira de Deus, ao julgamento e à expectativa de que alguém ainda se arrependa deve ser considerada como edição.

Feitas estas considerações, o livro de Apocalipse se reduz a menos da metade e tudo o que fica, passa a obedecer à lógica contida na Bíblia. Quando eu escrevi a teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo, o livro de Apocalipse foi considerado o fechamento da cosmovisão cristã para o ser humano. O que se tornou mais evidente depois de retirada a parte editada.

Com a remoção da parte editada do livro de Apocalipse, as preocupações de Sproul a respeito da credibilidade da Bíblia e de Jesus Cristo já não se justificam. Também os dogmas que cercam o Novo Testamento contra edições do seu conteúdo não se sustentam. Dogmas são pontos fundamentais de uma doutrina religiosa apresentados como certos e indiscutíveis. Com a remoção da parte editada do livro de Apocalipse alguns conceitos precisam receber nova significação, o que será tratado ao longo deste capítulo.

O Reino de Deus

O temo Reino de Deus está muito associado à encarnação e ao Evangelho de Jesus Cristo, para significar a inauguração do reino espiritual, no Céu, formado pelos anjos resultantes das almas ou espíritos dos seres humanos, que em vida, aceitaram aprender com Deus, e foram levados ao Seio de Abraão, desde a criação até o momento em que Jesus Cristo foi morto: “... nos constituiu reino e sacerdotes para servir a seu Deus e Pai”. (Ap 1:6)

Quando foi morto, Jesus Cristo entregou o seu Espírito ao Pai ou Espírito Santo e foi ao Seio de Abraão e resgatou as almas ou espíritos dos mortos que lá se encontravam, conforme registra o apóstolo Pedro: “Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão”. (1 Pe 3:18-19)

Logo após Jesus haver levado ao Céu as almas ou espíritos dos seres humanos que se encontravam no Seio de Abraão, o Céu ficou povoado com milhares de milhares e milhões de milhões de anjos que foram colocados a serviço de Deus, conforme descreve o autor do livro de Apocalipse:

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!" (Ap 5:11-12)

A partir dos versículos acima podemos concluir que os anjos resultantes das almas ou espíritos dos seres humanos passaram a fazer, permanentemente, um trabalho da maior importância em nosso favor: eles passaram a nos ensinar que o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor somente são devidos a Deus e que os seres humanos não devem aceitar tais atributos somente cabíveis a Deus.

Além de louvarem a Deus, os anjos resultantes das almas ou espíritos humanos recebem poder para operar no universo criado: "Àquele que vencer e fizer a minha vontade até o fim darei autoridade sobre as nações. "Ele as governará com cetro de ferro e as despedaçará como a um vaso de barro" Eu lhes darei a mesma autoridade que recebi de meu Pai ...". (Ap 2:26-28)

Considerando que os quatro seres vivos são anjos, eles têm a tarefa de representar os quatro Evangelhos de Jesus Cristo que são os olhos de Deus no mundo: "Cada um deles tinha seis asas e era cheio de olhos, tanto ao redor como por baixo das asas. Dia e noite repetem sem cessar: "Santo, santo, santo é o Senhor, o Deus todo-poderoso, que era, que é e que há de vir". (Ap 4:8)

Como já foi dito, um anjo resultante de alma ou espírito do ser humano trouxe a revelação que é o testemunho de Jesus Cristo às igrejas: "Então caí aos seus pés para adorá-lo, mas ele me disse: "Não faça isso! Sou servo como você e como os seus irmãos que se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus. Adore a Deus! O testemunho de Jesus é o espírito de profecia" (Ap 19:10). Isto é típico do Reino de Deus.

A volta de Jesus, o último dia e o juízo final

O termo “ressurreição dos mortos” é muito mal compreendido por pregadores, teólogos e escritores cristãos. O corpo da ressurreição foi colocado no centro da teologia paulina, embora, a carta do apóstolo Paulo usada para embasar a tese da ressurreição física diga exatamente o contrário: “Irmãos, eu lhes declaro que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem o que é perecível pode herdar o imperecível”. (1 Co 15:50)

O que há por trás da ideia da ressurreição do corpo físico, que nem consta nas cartas do apóstolo Paulo, distorcidas pelo abominável da desolação, é uma ideologia que se destina a supervalorizar o mundo físico, com vistas a atrair para o cristianismo paulino muitos incrédulos, cujo deus é o ventre.

Se considerarmos que a encarnação foi a atribuição de uma porção do Espírito Santo, a essência de Deus, a um Ser Humano, com poder suficiente para nos trazer a graça, a verdade e confirmar a lei, então, ao ser morto, Jesus entregou o seu Espírito ao Pai ou Espírito Santo, voltando a ser Um com o Pai, como era antes da encarnação. Sendo Um com o Pai ou Espírito Santo, Jesus Cristo se faz onipresente e não precisa mais ir ou vir a ou de lugar algum.

Assim, após ser morto, Jesus Cristo passou a enviar seus anjos ao encontro de todos os seres humanos que morrem no seu último dia, dia em que se dará o julgamento do qual resultará um anjo bom que passará a povoar o Céu, por toda a eternidade. Mas se, em vida, o ser humano tiver optado de forma livre, consciente e definitiva a seguir o caminho da mentira, do seu encontro com os anjos, representantes de Jesus Cristo, resultará um anjo mau.

A prova da existência dos anjos maus foi a manifestação dos inúmeros espíritos maus, durante o ministério terreno de Jesus Cristo, durante o ministério dos apóstolos, o que acontece também em nossos dias. Mas este número não pode se comparar com os milhares de milhares e milhões de milhões de anjos resultantes das almas ou espíritos de seres humanos, que estão habitando no Céu.

A realidade sobre a vinda de Jesus Cristo, representado pelos seus anjos, em forma de teofania que O identifique, está no livro de Apocalipse: “Eis que ele vem com as

nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram; e todos os povos da terra se lamentarão por causa dele”. (Ap 1:7)

A lógica contida no livro de Apocalipse ajuda a explicar muitos textos do Evangelho de Jesus Cristo, aos quais era dada uma interpretação sem nenhum compromisso com a lógica. O que se tem de ensinamentos sem lógica, a partir do Evangelho de Jesus Cristo, se deve ao fato de que muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos desprezam as teofanias e consideram que os anjos são desnecessários ao seu modelo teológico.

Sem considerar as teofanias e os anjos, o modelo teológico se torna uma coleção de elementos físicos, que não condizem com o mundo espiritual, que é a realidade futura da qual Jesus Cristo nos fala: “... tão-somente apeguem-se com firmeza ao que vocês têm, até que eu venha”. (Ap 2:25)

Filho se submeteu ao Pai

Por se apegar muito firmemente à ressurreição física de Jesus Cristo, os pregadores, teólogos e escritores cristãos negam que Ele tenha derrotado a morte no Calvário, além de negarem o fato de que Ele, após haver sido morto, tenha se submetido ao Pai ou Espírito Santo. Eles não consideram que o abominável da desolação que distorceu as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I Coríntios, II Coríntios e aos Gálatas mudou o tempo do verbo para o futuro, de modo que Pai e Filho coexistam como duas pessoas distintas. Assim ficou o texto:

O último inimigo a ser destruído é a morte. Porque ele "tudo sujeitou debaixo de seus pés". Ora, quando se diz que "tudo" lhe foi sujeito, fica claro que isso não inclui o próprio Deus, que tudo submeteu a Cristo. Quando, porém, tudo lhe estiver sujeito, então o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, a fim de que Deus seja tudo em todos”. (1 Co 15:25-28)

Quando o livro de Apocalipse foi escrito Jesus Cristo era descrito como “o Todo-poderoso”, logo não havia distinção entre o Pai e o Filho ou o Espírito Santo e o Filho, conforme está escrito: “Eu sou o Alfa e o Ômega”, diz o Senhor Deus, "o que é, o que era e o que há de vir, o Todo-poderoso". (Ap 1:8)

João pregava somente o testemunho de Jesus Cristo

Eu ouvi dizer que houve um período da história da igreja primitiva em que a literatura apocalíptica era muito comum, e o autor do livro de Apocalipse confirma tal hipótese: “Eu, João, irmão e companheiro de vocês no sofrimento, no Reino e na perseverança em Jesus, estava na ilha de Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (Ap 1:9). Ao se referir à “palavra de Deus e ao testemunho de Jesus Cristo”, o termo “palavra de Deus” foi incluído pela pessoa que fez a edição.

A visão dos vinte e quatro anciãos contempla um aspecto universal da fé cristã. Eles representam os doze príncipes de Ismael e os representantes das doze tribos de Israel: “... ao redor do qual estavam outros vinte e quatro tronos, e assentados neles havia vinte e quatro anciãos. Eles estavam vestidos de branco e tinham na cabeça coroas de ouro” (Ap 4:4). Esta visão põe fim à ortodoxia bíblica, segundo a qual, no Céu somente existe descendentes de Israel e a igreja, que podemos dizer, passaram a existir ontem, porque os mitos sagrados sumérios são muito mais antigos, e ainda assim são muito novos se comparados com a criação do ser humano.

A julgar pelos problemas relacionados aos vinte e quatro anciãos percebe-se que o livro de Apocalipse foi realmente editado. Uma prova disso é que os descendentes de Israel estão misturados com os apóstolos do Cordeiro. A edição do livro de Apocalipse foi feita para incluir a ira de Deus apresentada como seu principal atributo, pelo abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

O Céu povoado por seres humanos já era uma realidade

É inconcebível a forma como pregadores, teólogos e escritores cristãos lidam com o Seio de Abraão. Eu atribuo tal falta de interesse por um assunto tão importante aos dogmas que paralisaram o desenvolvimento do cristianismo de Jesus Cristo, há mais de dezesseis séculos. Jesus Cristo mostrou ao autor do livro de Apocalipse as coisas do presente, ou seja, o Céu habitado por anjos resultantes das almas ou espíritos dos seres humanos: “Escreva, pois, as coisas que você viu, tanto as presentes como as que estão por vir”. (Ap 1:19)

O Céu tem uma porta que não se abre à força. Somente Jesus Cristo tem o poder para abrir a porta do Céu aos que guardam os seus mandamentos: “Conheço as suas obras. Eis que coloquei diante de você uma porta aberta que ninguém pode fechar. Sei que você tem pouca força, mas guardou a minha palavra e não negou o meu nome”. (Ap 3:8)

Uma escada antecede a porta do Céu. Para subir tal escada a força humana não tem a menor eficácia, é preciso que pensemos sobre Jesus Cristo, como Ele nos ensina que pensemos: “Depois dessas coisas olhei, e diante de mim estava uma porta aberta no céu. A voz que eu tinha ouvido no princípio, falando comigo como trombeta, disse: "Suba para cá, e lhe mostrarei o que deve acontecer depois dessas coisas". (Ap 4:1)

Estes versículos são muito importantes para a teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo. Por causa do dogma cristão que afirma que na eternidade os seres humanos terão corpos físicos, nada se fala sobre esta multidão de anjos que se vê após a porta do Céu ser transposta pelo autor:

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!" (Ap 5:11-12)

A teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo considera que o livro de Apocalipse seja o fechamento da cosmovisão cristã para o ser humano. E um dos seus pontos mais importante é o ensinamento da sabedoria ensinadas pelos anjos, os quais ensinam que poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor somente são cabíveis a Deus. Por isso, o ensino cristão deveria dar ênfase à sabedoria ensinada pelos anjos, para que os cristãos procurassem somente se alimentar com o pão da vida e beber somente da fonte da água da vida.

Há outro aspecto complementar e muito importante da visão do autor do livro de Apocalipse, relacionada à sabedoria ensinada pelos anjos: “Depois ouvi todas as criaturas existentes no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, e tudo o que neles há, que diziam: "Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o sempre!" (Ap 5:13)

O autor do livro de Apocalipse viu todas as criaturas, incluindo-se os seres humanos, responderem à sabedoria ensinada pelos anjos. Eles responderam de um modo bem diferente da sabedoria ensinada pelos anjos. As criaturas, em seu louvor, não incluíram a força, a riqueza nem a sabedoria. Daí à conclusão de que de todos os sete atributos da sabedoria ensinada pelos anjos, a força, a riqueza e a sabedoria são os atributos mais enraizados na alma humana, por isso precisa ser ensinado o seu combate com mais vigor. O apego a esses três atributos faz com que os seres humanos se tornem indistinguíveis em relação ao resto da criação que tem fôlego.

A advertência contra os impostores

Em muitas passagens da Bíblia, o ser humano e os anjos são tomados de forma indistinguível, no livro de Apocalipse, não poderia ser diferente: “... as sete estrelas são os anjos das sete igrejas” (Ap 1:20). Esta é mais uma abordagem muito importante para que possamos tomar o livro de Apocalipse como o fechamento da cosmovisão cristã para o ser humano.

Também um dos aspectos importantes da mensagem dada às igrejas é a advertência para que evitem os impostores: “... Sei que você não pode tolerar homens maus, que põem à prova os que dizem ser apóstolos, mas não são, e descobriu que eles eram impostores” (Ap 2:2). Infelizmente, a ortodoxia cristã se fechou para o julgamento do conteúdo bíblico ensinado aos cristãos, de modo que os impostores não possam ser postos à prova, como é o caso do abominável da desolação que distorceu as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas.

Portanto, precisamos nos apressar para que possamos pregar um cristianismo em que Jesus Cristo consumou a graça, a verdade e confirmou a lei, não um cristianismo em que Jesus Cristo é o instrumento da graça e o abominável da desolação, que distorceu as cartas do apóstolo Paulo é o senhor da verdade, posto serem tais cartas consideradas o único material doutrinário para o cristianismo.

O apóstolo Pedro se insurgiu contra as adulterações introduzidas pelo abominável da desolação nas cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas nos seguintes termos:

Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles. (2 Pe 3:16)

Por sua vez, o apóstolo Tiago escreveu a sua carta às igrejas para contrapor a tese do abominável da desolação que ensina a justificação somente pela fé e antecipada, ou seja, em vida, mergulhando o cristianismo na mais intrincada contenda:

Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente. De igual modo, não foi também justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho? Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta. (Tg 2:24-26)

Infelizmente, os ensinamentos contidos nas cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas foram distorcidos pelo abominável da desolação, de modo a produzir uma sociedade não temente a Deus, que se caracterizava pela tendência para o declínio dos padrões éticos, conforme o livro “Pais apostólicos”, de vários autores, cuja introdução foi escrita pelo reverendo Alderi Souza de Matos (2013, pg.7):

... a tendência para o declínio dos padrões éticos na vida de muitos cristãos e o perigo sempre presente da apostasia fazem com que muitos desses escritos, em especial O Pastor de Hermas, adotem uma postura rigorosa com respeito à moralidade e à disciplina. Em contraste com a ênfase paulina na graça e na fé, a salvação passa a ser entendida em termos de obediência a uma nova lei. Ela não mais é vista como uma dádiva graciosa de Deus, mas como fruto do esforço e da obediência dos cristãos, refletindo um entendimento legalista ou moralista da vida cristã.

É importante ressaltar que o texto acima foi retirado de uma das obras mais conhecidas pela cristandade, “Pais Apostólicos”, por isso é impossível imaginar que os pregadores, teólogos e escritores cristãos não o conheçam. Eles não se insurgem contra as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, em que, claramente, o abominável da desolação contraindica a lei de Deus aos cristãos, porque eles preferem crer que é mais fácil transformar o abominável da desolação em deus, para que ele, por ser soberano, tenha o direito de pisar a santa lei.

Jesus Cristo adverte aos membros das igrejas para que não andem segundo o ensino de impostores porque eles acabam "... induzindo-os a comer alimentos sacrificados a ídolos e a praticar imoralidade sexual" (Ap 2:14). Tal advertência equivale evitar ensinamentos que levem ao "declínio dos padrões éticos na vida de muitos cristãos", verificados nas igrejas gentílicas, cujo ensino foi dado pelo apóstolo Paulo, mas distorcido pelo abominável da desolação.

Não podemos pensar que as advertências contidas nas cartas às igrejas presentes no livro de Apocalipse se destinavam a retratar uma situação que estava acontecendo nas igrejas gentílicas, porque isto não é verdade. O ensino e as advertências eram para nós, para que nos livremos de falsos profetas: "... ela induz os meus servos à imoralidade sexual e a comerem alimentos sacrificados aos ídolos". (Ap 2:20)

A prática da imoralidade sexual pode ser um estilo de vida para quem não considera que no seu último dia se encontrará com Deus. Por isso é tão importante que as pessoas aprendam com Deus para que possam viver a verdade do dia a dia, a prática da oração a Deus e da compaixão. Assim, os seres humanos podem ouvir a voz de Deus para o arrependimento: "Dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua imoralidade sexual, mas ela não quer se arrepender". (Ap 2:21)

A falta de conhecimento de Deus pode levar o ser humano a resistir em aprender com Ele. Mas Deus sonda mentes e corações: "... todas as igrejas saberão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e retribuirei a cada um de vocês de acordo com as suas obras" (Ap 2:23). Portanto, temos que nos voltar para a prática das boas obras, se quisermos agradar a Deus, por mais que o abominável da desolação contraindique tal prática.

Os cavaleiros do Apocalipse não são profecias

Os efeitos da edição do livro de Apocalipse praticamente anularam o melhor do ensino dado por Jesus Cristo. Por isso, eu considero que quem editou o livro de Apocalipse foi o Império Romano ou o abominável da desolação. A edição do livro de Apocalipse foi feita por quem entende da Bíblia hebraica; certamente, alguém contratado pelo Império Romano, como filósofos sofistas e rabinos.

Os quatro cavaleiros do Apocalipse não são seres que devem participar da grande tribulação; eles são aplicações específicas referentes a cada ser vivente representante de cada versão do Evangelho de Jesus Cristo. Eles representam ensinamentos a serem dados aos indivíduos e aos líderes das nações com vistas a assegurar a vitória aos crentes em qualquer contexto; evitar a guerra e a fome, e assegurar a pregação do Evangelho a todos os seres humanos, respectivamente.

O cavaleiro que monta o cavalo branco, antes considerado o primeiro, agora único, era visto por muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos como o anticristo, porque, segundo eles, portava um arco e não uma espada. Eu não entendi qual a lógica por trás da espada, em vez do arco, mas considero que o segundo cavalo branco é edição, como também são o anticristo e a besta do livro de Apocalipse.

A meu ver o cavaleiro montando o cavalo branco simboliza as relações dos seres humanos com Deus, a que chamo de Conselheiro: “Olhei, e diante de mim estava um cavalo branco! Seu cavaleiro empunhava um arco, e foi-lhe dada uma coroa; ele cavalgava como vencedor determinado a vencer” (Ap 6:2). Eu interpreto assim porque considero que os seres humanos que aprenderem com Deus, para guardarem os mandamentos de Jesus Cristo, não precisam temer a nada, porque já são vencedores.

Eu vejo que o cavalo branco foi introduzido pelo primeiro ser vivente, representante do primeiro Evangelho de Jesus Cristo que pode ser considerado o Evangelho do amor. O Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus acrescenta aos demais sinóticos uma mensagem de amor que o torna inconfundível quanto a este propósito.

Que o cavaleiro montando o cavalo vermelho simboliza a guerra, não restam dúvidas, porque o próprio autor afirma que o propósito dele é “tirar a paz da terra e fazer que os homens se matassem uns aos outros”: “Quando o Cordeiro abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente dizer: “Venha!”. Então saiu outro cavalo; e este era vermelho. Seu cavaleiro recebeu poder para tirar a paz da terra e fazer que os homens se matassem uns aos outros. E lhe foi dada uma grande espada”. (Ap 6:3-4)

O cavalo vermelho foi introduzido pelo segundo ser vivente, representante do segundo Evangelho de Jesus Cristo que pode ser considerado o Evangelho da paz. Porque o Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos oferece aos demais sinóticos um arcabouço

para que o Evangelho de Jesus Cristo também seja conhecido como o Evangelho da Paz. E quando o Evangelho da Paz é negligenciado vem a guerra.

Eu entendo que o cavaleiro montando o cavalo preto simboliza as consequências da injustiça, principalmente as consequências da injustiça social. O autor do livro afirma que o cavaleiro “tinha na mão uma balança”: “Quando o Cordeiro abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizer: "Venha! " Olhei, e diante de mim estava um cavalo preto. Seu cavaleiro tinha na mão uma balança”. (Ap 6:5)

Eu interpreto que o cavalo preto, que foi introduzido pelo terceiro ser vivente, representante do terceiro Evangelho de Jesus Cristo, que pode ser considerado o Evangelho da justiça social. O Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas acrescenta aos demais sinóticos uma mensagem de justiça social, trazida por João Batista, que dispensa qualquer doutrina revolucionária apregoada pelos homens.

Eu sou da opinião de que o cavaleiro montando cavalo amarelo simboliza a morte espiritual decorrente da resistência dos seres humanos em aceitarem aprender com Deus. O autor do livro afirma que “o Hades o seguia de perto”: “Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizer: "Venha!" Olhei, e diante de mim estava um cavalo amarelo. Seu cavaleiro chamava-se Morte, e o Hades o seguia de perto”. (Ap 6:7-8)

Eu entendo que o cavalo amarelo, que foi introduzido pelo quarto ser vivente, representante do quarto Evangelho de Jesus Cristo, que pode ser considerado o Evangelho da decisão ou da escolha. O Evangelho de Jesus Cristo segundo João acrescenta aos sinóticos a cosmovisão cristã para Deus, em Jesus Cristo. Por isso este Evangelho representa uma mensagem de Deus com vistas a levar o ser humano a tomar sua decisão ou fazer sua escolha de onde passar a eternidade.

A grande tribulação ocorrerá uma só vez

Muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos se queixam de que os acontecimentos relatados no livro de Apocalipse não seguem a linha do tempo. Segundo eles, ocorre claramente, a grande tribulação e a partir do capítulo oito começa tudo novamente, em mais seis camadas de tribulação, como se a grande tribulação não tivesse que ocorrer uma única vez. Mas o que acontece é que o conteúdo do segundo versículo

do capítulo oito ao terceiro versículo do capítulo dezenove, foi todo editado e deve ser retirado da Bíblia, porque o livro somente deve tratar do testemunho de Jesus Cristo, e não do conteúdo que a pessoa que editou o livro de Apocalipse considerou importante colocar no livro.

Eu me comprometi, diante de Deus, a não fazer críticas pessoais aos pregadores, teólogos e escritores cristãos que tropeçam em seu ensino de escatologia, com base no livro de Apocalipse. A razão para que eu tenha feito isto é bem óbvia: eu também não entendia nada sobre o livro de Apocalipse, a partir do capítulo seis, a não ser um pouco, sobre a sua finalização.

Uma revelação para interpretar a profecia do fim do mundo

A primeira revelação me veio enquanto eu orava a Deus lamentando por somente haver entendido o livro de Apocalipse até o capítulo cinco. Eu precisava entender o livro todo porque, pela lógica bíblica, contida na teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo, ele representa o fechamento da cosmovisão cristã para o ser humano.

Como resposta à minha oração, me apareceu um anjo do Senhor e me disse que o livro foi editado. A partir de então eu procurei com sucesso, as evidências de que o livro foi editado e as marcas de edição. Ao longo do percurso eu também encontrei evidências de que o livro havia sido selado ou fechado por iniciativa do autor, o que não vale, portanto, o livro de Apocalipse continua aberto.

A segunda revelação me veio em 8 de maio de 2022, mas eu não pude relacioná-la ao livro de Apocalipse. Até que, em junho de 2023, enquanto eu fazia a revisão gramatical do presente livro, por mero acaso, eu encontrei a relação entre a revelação que me foi dada por Deus e o livro de Apocalipse.

Naquela época, enquanto eu lia um livro de comentários sobre o livro de Apocalipse, e já me encontrava nos comentários ao capítulo nove, eu fui paralisado pelo tédio. O tédio se devia ao fato de eu estar lendo comentários absurdos, sobre um texto que nem mesmo existe, porque a parte editada do livro de Apocalipse deve ser retirada da Bíblia.

Eram tantas explicações desconexas para as muitas profecias relacionadas à ira do Cordeiro, que eu senti necessidade de fazer algo mais útil. Foi quando eu tive a ideia de contar as profecias restantes no livro de Apocalipse, após a retirada do conteúdo editado. Não foi um trabalho difícil; eu estava lendo o livro em inglês, cujo título sugere que o livro de Apocalipse seja um livro de revelações em geral, e não somente de profecias.

Eu nem me lembrava mais de que em 8 de maio de 2022, Deus havia me feito uma revelação que me deixou perplexo, tanto assim que eu a anotei com detalhes. Naquela época eu estava fazendo algumas pesquisas para saber o que era relevante em teologia, e como posicionar a minha opinião para que eu pudesse divulgar nas redes sociais a teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo, assunto do meu livro intitulado “Toda Autoridade a Jesus Cristo”.

Sem que estivesse orando a Deus por um objetivo específico, na manhã daquele dia, em um estado de inconsciência, me veio a seguinte visão da parte do Senhor: “eu me encontrava em um campo aberto, durante o dia, em que a luz solar estava fraca, por estar encoberta por uma nuvem que ocupava todo o horizonte. Então eu ouvi alguns estrondos, não mais do que cinco; os estrondos eram seguidos por abalos tão fortes que os meus pés perdiam o contato com o solo. Após os abalos surgiu em minha frente a imagem do planeta Terra envolto por uma superfície cilíndrica azul da cor do mar. O comprimento da superfície cilíndrica era o mesmo do diâmetro da Terra. Aquela superfície cilíndrica e densa me comunicava que haverá chuvas abundantes se precipitando por todo o planeta, inclusive nos polos. Em seguida a figura da Terra foi removida e substituída pela figura de um automóvel parado em frente a um semáforo; e de uma montanha que se aproximou de mim saltando, e parou, ao lado do automóvel, dentro de uma poça de água rasa que lhe inundava a base. A montanha me comunicava a elevação do nível das águas dos oceanos com o aquecimento das suas águas, e o automóvel me comunicava ser o representante dos emissores de gases de efeito estufa”.

A visão me deixou estarecido, tanto assim que eu a anotei em detalhes, inclusive a data. Eu tinha muita certeza de que tal visão se relacionava com o aquecimento global. Ela era muito real e tinha tantos elementos apontados pela ciência, que mais me parecia ser uma profecia feita para o passado, mas eu não tinha autoridade para falar sobre ela, nem mesmo às pessoas mais íntimas.

Contando as profecias do livro de Apocalipse

Consideremos que visões e profecias podem ser coisas diferentes: as profecias são tipos de revelações sobre fatos que devem acontecer no futuro, enquanto as visões são tipos de revelações sobre coisas que já existem, mas estão ocultas aos sentidos humanos. Para efeito da nossa contagem de profecias, será considerado apenas o texto do livro de Apocalipse, sem a parte editada.

Então vejamos: as cartas às igrejas contêm revelações, que são visões, mas não são profecias, porque elas já existiam quando o livro de Apocalipse foi escrito. A visão do Céu, que começa no capítulo quatro, e se estende até o final do livro, contém revelações que são visões, mas não são profecias; do capítulo sete em diante, somente há visões do Céu, uma realidade que começou a ser apresentada como visões no capítulo quatro.

Como já verificamos, em todos os capítulos do livro de Apocalipse, que foram analisados, não há profecias, resta analisarmos apenas o capítulo seis. Começemos pelos quatro cavaleiros, que são didáticos, e estão relacionados aos quatro Evangelhos de Jesus Cristo. Eles são uma realidade presente no Reino de Deus na Terra, por isso não podem ser considerados profecias, são apenas visões, cujas aplicações no dia a dia, nunca foram feitas, por falta de compreensão do seu significado.

Perceba que a revelação em forma de visões do Apocalipse foi dada aos seres humanos para ser guardada, como última palavra escrita de Jesus Cristo; ela faz com que o livro seja muito autoritativo devido à quantidade de pronunciamentos diretos feitos por Ele. Mas me parece que pregadores, teólogos e escritores cristãos voltaram suas atenções para as muitas profecias, contidas no texto editado. Eu não os critico por não haverem descoberto o segredo envolvendo as profecias contidas no livro de Apocalipse.

A única profecia contida no livro de Apocalipse

Ao examinar o restante do capítulo seis do livro de Apocalipse eu verifiquei que restou apenas a seguinte profecia:

Houve um grande terremoto. O sol ficou escuro como tecido de crina negra, toda a lua tornou-se vermelha como sangue, e as estrelas do céu caíram sobre a terra como figos verdes caem da figueira quando sacudidos por um vento forte. O céu foi se recolhendo como se enrola um pergaminho, e todas as montanhas e ilhas foram

removidas de seus lugares. Então os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos - todos os homens, quer escravos, quer livres, esconderam-se em cavernas e entre as rochas das montanhas. (Ap 6:12-15)

Eu confesso que, antes de entender o texto acima, eu considerava esta descrição do céu, “o céu foi se recolhendo como se enrola um pergaminho”, como absurda, pelo fato de o céu que vemos não ter existência física. Eu via esta descrição do céu como se o autor se referisse ao céu como uma superfície esférica azul que envolva a Terra, como é o caso do modelo geocêntrico mais antigo. Como o modelo geocêntrico já foi superado, a fala do autor deveria ser considerada anacrônica.

A falta de compreensão da Bíblia aliada à irracionalidade contidas nas cartas do apóstolo Paulo e no conteúdo editado do livro de Apocalipse contribuem para que muitas pessoas sintam repulsa pela Bíblia. Contrariamente, para pregadores, teólogos e escritores cristãos, o esforço para explicar tal conteúdo os enobrece e os envaidece, porque a interpretação fiel de tal conteúdo é para poucos iluminados e ungidos.

Interpretação da única profecia do livro de Apocalipse

Com base na revelação que me foi dada por Deus, eu me sinto autorizado a interpretar a única profecia existente no livro de Apocalipse:

Houve um grande terremoto. O sol ficou escuro como tecido de crina negra, toda a lua tornou-se vermelha como sangue, e as estrelas do céu caíram sobre a terra como figos verdes caem da figueira quando sacudidos por um vento forte. O céu foi se recolhendo como se enrola um pergaminho, e todas as montanhas e ilhas foram removidas de seus lugares. Então os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos - todos os homens, quer escravos, quer livres, esconderam-se em cavernas e entre as rochas das montanhas. (Ap 6:12-15)

O autor começa descrevendo o problema mais grave associado à profecia: “houve um grande terremoto ... e todas as montanhas e ilhas foram removidas de seus lugares”. Analogamente, na visão que me foi dada por Deus, os abalos vieram primeiro, e depois a montanha me chegou saltando. Usando apenas o senso comum, eu penso que com as chuvas nos polos, as calotas polares derretem e provocam um aumento muito grande no nível das águas dos oceanos.

Ainda, usando apenas o senso comum, eu penso que quando as águas polares que se movem a uma velocidade baixa, ao chegarem à região intertropical, onde a velocidade é alta, podem causar desequilíbrios relacionados à velocidade e às forças que agem sobre toda a massa da Terra. Isso pode afetar seriamente as placas tectônicas, que podem sofrer abalos e deslocamentos, provocando grandes terremotos, principalmente dentro dos oceanos.

Como consequência dos terremotos, principalmente os que ocorrerem dentro dos oceanos, vapores de coloração escura serão emitidos em grandes quantidades e poluirão o ar; o autor assim descreve: “o sol ficou escuro como tecido de crina negra, toda a lua tornou-se vermelha como sangue”. O que é um estágio muito avançado da degradação ambiental.

Com a formação de nuvens muito densas, é razoável que em um clima com fortes variações de temperatura haja precipitação de granizo, como o autor descreve: “e as estrelas do céu caíram sobre a terra como figos verdes caem da figueira quando sacudidos por um vento forte”; o que deve começar a ocorrer em uma fase anterior aos terremotos, mas pode ser concomitante com as chuvas nos polos.

A descrição feita pelo autor, de que “o céu foi se recolhendo como se enrola um pergaminho”, se refere ao cilindro de nuvens densas que provocam chuvas nos polos terrestres. Esta descrição é exatamente igual à visão que me foi dada por Deus, sem que, inicialmente, eu pudesse associar a esta profecia do livro de Apocalipse.

Perceba que a profecia descreve a dinâmica dos acontecimentos: “o céu foi se recolhendo”; ou seja, a intensidade das nuvens aumentará aos poucos, com o tempo. Neste ponto entram as providências a serem adotadas para a redução das emissões de gases de efeito estufa, representadas pelo automóvel, na revelação que me foi dada por Deus.

O autor descreve que quando a situação se agravar a elite da sociedade será pressionada a encontrar soluções que afastem o risco de um colapso repentino do nosso planeta, mas já é tarde: “então os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos - todos os homens, quer escravos, quer livres, esconderam-se em cavernas e entre as rochas das montanhas”. De acordo com a revelação que me foi dada da parte de Deus, o controle vigoroso da queima de combustíveis fósseis é a mais eficaz forma de

postergar os problemas mais graves, como as chuvas intensas, principalmente nos polos terrestres.

O apóstolo Pedro era sem dúvidas a testemunha ocular mais próxima de Jesus Cristo. Ele afirma, o que com certeza ouviu do seu mestre: “...Naquele dia os céus serão desfeitos pelo fogo, e os elementos se derreterão pelo calor” (2 Pe 3:12). Eu devo desculpas ao pescador, porque eu cheguei a pensar que ele havia ouvido isso de algum filósofo estoico.

Apocalipse desvendado: ainda há esperança

Conforme se evidenciou, ao longo do presente livro, o livro de Apocalipse somente poderia ter sido desvendado pela intervenção divina, porque: “...o que ele abre ninguém pode fechar, e o que ele fecha ninguém pode abrir” (Ap 3:7). Com tal argumento eu declaro que nada tenho a ver com as revelações que me foram dadas por Deus sobre o livro de Apocalipse, nem com a revelação que igualmente me foi dada sobre as cartas do apóstolo Paulo.

Consideremos que, primeiramente me veio a revelação de que o livro foi editado, e depois veio a revelação para que eu pudesse interpretar a única profecia contida no livro de Apocalipse. Essas duas revelações me permitiram eliminar mais da metade do livro de Apocalipse, deixando-o compreensível, exceto pelos versículos a seguir:

Houve um grande terremoto. O sol ficou escuro como tecido de crina negra, toda a lua tornou-se vermelha como sangue, e as estrelas do céu caíram sobre a terra como figos verdes caem da figueira quando sacudidos por um vento forte. O céu foi se recolhendo como se enrola um pergaminho, e todas as montanhas e ilhas foram removidas de seus lugares. Então os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos - todos os homens, quer escravos, quer livres, esconderam-se em cavernas e entre as rochas das montanhas. (Ap 6:12-15)

Eu não tinha autoridade, da parte de Deus, para considerar tal profecia como sendo parte da edição introduzida no livro de Apocalipse, porque o texto não atendia aos critérios, que eu tive que estabelecer, para ser considerado edição. Ainda bem, porque se o referido texto tivesse sido considerado edição, o livro de Apocalipse não teria sequer uma profecia.

Como já disse anteriormente, o texto desconexo não me incomodava porque eu o considerava um anacronismo; ou seja, eu o entendia como sendo uma referência ao modelo geocêntrico mais antigo, que considera a terra como o centro do universo, envolta em uma casca esférica azul, onde estariam situados o sol, a lua e as estrelas.

A meu ver, as duas informações mais importantes fornecidas pela profecia contida no livro de Apocalipse, para os nossos dias, são, “o céu foi se recolhendo”, porque mostra que a formação de nuvens ameaçadoras é um processo contínuo, e pode levar muito tempo. Tempo suficiente para que os responsáveis pela amenização dos problemas ambientais, “os reis da terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos”, possam tomar as devidas providências. O que não vai mudar os planos de Deus, porque o profeta Daniel afirma que nós estamos a cerca de 700 anos da consumação dos séculos.

Sem que eu perguntasse, Jesus Cristo me disse como o mundo vai acabar. Ele também me mostrou a profecia contida no livro de Apocalipse que tem esse mesmo objetivo. Eu vejo que a sociedade ocidental foi penalizada com a ausência do ensino de Jesus Cristo, por mais de dezesseis séculos, o que resultou em uma sociedade sem Deus e sem esperança.

A única menção à ira do Cordeiro e o fim do Mal

Os maiores atentados contra o temor de Deus, que é dom do Espírito Santo, a essência de Deus, atribuído às pessoas que se colocam diante dele na prática da verdade do dia a dia, em oração e no exercício da compaixão são o universalismo e a justificação antecipada, somente pela fé. Tais doutrinas atentam primeiramente contra o ser humano, mas também atentam contra o principal propósito de Deus, em relação à sua criação que lhe é semelhante.

Felizmente, ao retirar a parte editada do livro de Apocalipse ainda restou a seguinte menção à ira do Cordeiro: “Eles gritavam às montanhas e às rochas: "Caiam sobre nós e escondam-nos da face daquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro! Pois chegou o grande dia da ira deles; e quem poderá suportar?” (Ap 6:16-17)

A ira de Deus é profetizada na visão do profeta Daniel em que ele vê o trono de Deus sendo posto para o julgamento, já na fase de aplicação de pena, análogo ao que se vê no capítulo quatro do livro de Apocalipse:

Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias se assentou; sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e miríades de miríades estavam diante dele; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros. Então, estive olhando, por causa da voz das insolentes palavras que o chifre proferia; estive olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado. (Dn 7:9-11)

Perceba que na visão do profeta Daniel, no que se refere ao trono, “foram postos uns tronos”, são os tronos em que se assentam os vinte e quatro anciãos. “Um rio de fogo manava e saía de diante dele”; contrariamente, o trono de Deus posto para recepcionar os santos, é assim descrito: “ao redor do trono, há um arco-íris semelhante, no aspecto, a esmeralda”.

E, no que se refere à recepção do Juiz, “voz das insolentes palavras que o chifre proferia” contrasta com a voz dos anjos resultantes dos espíritos humanos que em vida adotaram o temor a Deus como principal regra:

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres vivos e os anciãos, e cantavam em alta voz: "Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!" (Ap 5:11-12)

A sentença proferida pelo Juiz aos iníquos, na fase de aplicação de penas, foi: “o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado”. Vale lembrar que quando o corpo é desfeito somente resta o espírito; e foi justamente o espírito que foi queimado no rio de fogo “que manava e saía de diante dele”.

Contrariamente, todos os anjos resultantes dos espíritos dos seres humanos que em vida aceitaram aprender com Deus foram assim tratados pelo Juiz:

Todos os anjos estavam de pé rodeando o trono, os anciãos e os quatro seres vivos, e ante o trono se prostraram sobre o seu rosto, e adoraram a Deus, dizendo: Amém! O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graças, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém! Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que

vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro, razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo. Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima. (Ap 7:11-17)

O julgamento, condenação e aplicação de pena ao Mal aqui descritos não se referem a apenas uma pessoa, mas a um reino, o reino do Mal, conforme foi descrito na visão do profeta Daniel. Para que ninguém fique em dúvidas sobre os critérios utilizados pelo Juiz para proferir a sentença e aplicar a pena de morte aos iníquos, o sermão escatológico de Jesus Cristo tem esse teor:

Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me. E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? Então, lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna. (Mt 25:41-46)

O livro do profeta Daniel se encontra na Bíblia hebraica, por isso, as explicações dadas pelos anjos, aos seus textos precisam ser respeitadas pelos cristãos, porque algumas mensagens podem ser dirigidas exclusivamente aos judeus. Assim, caso o cristão entenda a mensagem, ele pode se apropriar dela, caso contrário, não lhe é lícito ficar tentando adivinhar, não é honesto. Assim ficou a visão do profeta Daniel após a explicação do anjo:

Mas, depois, se assentará o tribunal para lhe tirar o domínio, para o destruir e o consumir até ao fim. O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão. (Dn 7:26-27)

Agora imagine a magnitude do prejuízo causado a toda a humanidade, pelo abominável da desolação, que distorceu as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II

aos Coríntios e aos Gálatas. Ao praticar tamanha iniquidade o abominável da desolação pretendia transformar todos os cristãos em iníquos. Com tal intento ele pretendia destruir a lei de Deus, anular a graça e atrair para si a autoria da verdade. Mas Jesus não permitiu que nenhum dos que foram a Ele se perdesse.

O fechamento do livro de Apocalipse

O autor do livro de Apocalipse escreveu fielmente, tudo o que viu e ouviu na revelação que lhe foi dada. No entanto, a partir do capítulo oito, o entendimento do livro precisa se submeter a um critério racional para se harmonizar com o restante da revelação. Assim, o versículo a seguir descreve um anjo que não aquele que, primeiramente se apresentou para trazer o testemunho de Jesus Cristo: “Um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas aproximou-se e me disse: “Venha, eu lhe mostrarei a noiva, a esposa do Cordeiro” (Ap 21:9).

Mas esse anjo é um personagem da parte editada, onde estão as trombetas e os cálices. Para ser coerente com o restante do livro eu considero que o tal anjo era o anjo que trouxe o testemunho de Jesus Cristo. O mesmo que, perante o qual o autor se prostrou por duas vezes para adorá-lo.

Há uma evidência de que a pessoa que editou o livro de Apocalipse fosse um judeu que acreditava que o povo de Deus era somente Israel: “A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro” (Ap 21:14). Mas os apóstolos do cordeiro estão apenas na história e os príncipes de Ismael estão no mito sagrado. O mito sagrado é mais autoritativo do que a história, portanto, em vez de “doze apóstolos do Cordeiro” eu leio “doze príncipes de Ismael”.

Perceba também que o anjo deu ordens para que o autor não selasse o livro: “Então me disse: “Não sele as palavras da profecia deste livro, pois o tempo está próximo (Ap 22:10). Mas o autor o selou por sua própria conta, isto porque, não houve uma ordem do anjo para que ele o selasse. A minha conclusão é de que o livro não está selado, ou está selado por conta da pessoa que o editou.

Sendo assim, o último versículo da Bíblia passa a ser este lindo versículo que nos ensina o quanto a graça de Deus é importante em nossas vidas: “O Espírito e a noiva

dizem: "Vem! " E todo aquele que ouvir diga: "Vem! " Quem tiver sede, venha; e quem quiser, beba de graça da água da vida". (Ap 22:17)

Eu não dou como certo que você creia que um anjo do Senhor me apareceu e me disse que o livro de Apocalipse foi editado. Mas eu espero que você esteja disposto a ler o segundo versículo do livro de Apocalipse para verificar que o livro de fato foi editado. A maneira como cada ser humano lê a Bíblia só depende da consciência de cada um, mas eu creio que as evidências de adulteração da Bíblia que eu aponto são tão evidentes que dispensam a crença nas revelações.

Eu somente cito as revelações porque não quero que alguém pense que eu tenha visto por mim mesmo, enganos, contidos na Bíblia, que nunca foram notados ao longo de dois milênios. Ou ainda, que eu tenha interpretado a profecia do fim do mundo com o meu próprio entendimento.

CAPÍTULO 4

AS CARTAS DE PAULO NÃO SÃO O EVANGELHO

O direito à liberdade religiosa

A Constituição Brasileira afirma no seu “*Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:*

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

Com estes argumentos eu me reservo ao direito de ser cristão, segundo o Evangelho de Jesus Cristo e os demais textos bíblicos, excetuando-se as partes dos livros de Apocalipse e de Atos dos Apóstolos que eu considero editada e as quatorze cartas atribuídas ao apóstolo Paulo. Com estes argumentos eu também quero me assegurar do direito de interpretar o texto bíblico, de acordo com a minha consciência.

O APÓSTOLO PAULO DESCRITO NO LIVRO DE ATOS DOS APÓSTOLOS ATÉ (ATOS 15:35)

O caminho de Damasco

O encontro de Saulo com Jesus glorificado, no caminho de Damasco não deixa dúvidas de se tratar de algo sobrenatural, mas bem presente na vida dos cristãos: “Em sua viagem, quando se aproximava de Damasco, de repente brilhou ao seu redor uma luz vinda do céu. Ele caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, por que você me persegue?” (Atos 9:3-4)

O encontro de Saulo com Jesus glorificado é tido por pregadores, teólogos e escritores cristãos como um encontro em que Jesus glorificado se apresentou a Saulo em carne e osso. Não é assim que o apóstolo Paulo descreve o seu encontro com Jesus glorificado, e sim que “brilhou ao seu redor uma luz vinda do céu”. Eu creio de Jesus Cristo não ressuscitou em carne e osso, mas o corpo dele foi transformado por um anjo

em uma teofania, para que Ele pudesse se tornar perceptível aos nossos sentidos, conforme testemunharam Maria Madalena e a outra Maria:

Depois do sábado, tendo começado o primeiro dia da semana, “Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro”. E eis que sobreveio um grande terremoto, pois um anjo do Senhor desceu do céu e, chegando ao sepulcro, rolou a pedra da entrada e assentou-se sobre ela. Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve. Os guardas tremeram de medo e ficaram como mortos. O anjo disse às mulheres: “Não tenham medo! Sei que vocês estão procurando Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Venham ver o lugar onde ele jazia. (Mt 28:1-6)

A partir do encontro com Jesus glorificado, Saulo seguiu o caminho de quem passa por uma conversão verdadeira, ele passou a ser ensinado pela igreja: “Mas o Senhor disse a Ananias: “Vá! Este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis, e perante o povo de Israel”. (Atos 9:15)

Após seu encontro com Jesus glorificado, Saulo mostrou-se obediente em tudo, como qualquer servo de Deus. Este é o Saulo sobre quem não pairam dúvidas ter se tornado um apóstolo, como Barnabé também foi. Um Saulo que se transformou em um apóstolo Paulo, sem alardes. O apóstolo Paulo descrito no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35), em nada se parece com o apóstolo Paulo descrito nas quatorze cartas atribuídas a ele, em que há ensinamentos contra o ser humano, contra a lei de Deus, contra Deus, contra os judeus, partidarismo, vitimização, maldição a qualquer outro Evangelho, além de sentença de morte para pecadores. um espírito assassino condizente com o abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

Ao longo de todo o seu ministério, o apóstolo Paulo pregou nas sinagogas, o que era um costume entre os apóstolos: “Logo começou a pregar nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus” (Atos 9:20). A julgar pela torrente de histórias fantasiosas que é inventada sobre o apóstolo Paulo, por pregadores, teólogos e escritores cristãos, tem-se a impressão de que o apóstolo Paulo jamais fosse às sinagogas, em busca dos seus primeiros prosélitos. A impressão que se tem é de que ele passasse bem longe dos rudimentos judaicos.

Como o cristianismo primitivo era considerado uma seita judaica, a esperança do Messias era compartilhada por todas as pessoas com o nível educacional voltada para a religião, como o apóstolo Paulo. Portanto, era de se esperar que ele estivesse sempre pronto para demonstrar que Jesus é o Cristo: “Todavia, Saulo se fortalecia cada vez mais e confundia os judeus que viviam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo”. (Atos 9:22)

O mundo em que o apóstolo Paulo viveu e morreu era um mundo dominado pela aplicação da pena de morte, sem muitas consequências para o assassino. Assim, ele escapou de ser morto, de forma milagrosa, como todos os pregadores do Evangelho daquela época: “mas Saulo ficou sabendo do plano deles. Dia e noite eles vigiavam as portas da cidade a fim de matá-lo. Mas os seus discípulos o levaram de noite e o fizeram descer num cesto, através de uma abertura na muralha”. (Atos 9:24-25)

Paulo inicia seu ministério de pregador itinerante

Ao se apresentar aos demais discípulos de Jesus Cristo, em Jerusalém, o apóstolo Paulo encontrou resistência, por parte dos demais discípulos: “Quando chegou a Jerusalém, tentou reunir-se aos discípulos, mas todos estavam com medo dele, não acreditando que fosse realmente um discípulo” (Atos 9:26). Isso evidencia que Saulo não era conhecido de ninguém, três anos após sua conversão, morando em Damasco, a cerca de trezentos quilômetros de Jerusalém. Em outras palavras: Saulo era um ilustre desconhecido e não aquela figura destacada, descrita nas cartas atribuídas a ele.

Barnabé, certamente, se interessou pela história do apóstolo Paulo e procurou dissipar a atmosfera de terror que pairava sobre a presença do recém-convertido: “Então Barnabé o levou aos apóstolos e lhes contou como, no caminho, Saulo vira o Senhor, que lhe falara, e como em Damasco ele havia pregado corajosamente em nome de Jesus”. (Atos 9:27)

Infelizmente, pregadores, teólogos e escritores cristãos, ao se referirem ao apóstolo Paulo, dão tanta ênfase ao personagem que mais parece que o importante seja ele e não o Poder que há por trás de tudo o que aconteceu na vida dele. Tudo isso se deve à atmosfera de partidarismo presente nas cartas atribuídas a ele, em que fica fácil perceber um partido paulino e um partido petrino, o que não se verifica no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35).

Dado o pouco tempo decorrido desde o encontro de Saulo com Jesus glorificado, no caminho de Damasco, nem mesmo os judeus se davam conta de que o apóstolo Paulo estivesse do lado dos cristãos. O que sugere que o apóstolo Paulo não fosse um dos principais judeus de sua época, como se vê nas cartas atribuídas a ele: “Assim, Saulo ficou com eles, e andava com liberdade em Jerusalém, pregando corajosamente em nome do Senhor”. (Atos 9:28)

A julgar pelos primeiros problemas encontrados pelo apóstolo Paulo, em Jerusalém, tudo indica que ele fosse mais conhecido entre os judeus de fala grega, logo, uma classe mais educada. O que evidencia que ele não fosse bastante conhecido entre os judeus representantes dos principais partidos religiosos: “Sabendo disso, os irmãos o levaram para Cesaréia e o enviaram para Tarso”. (Atos 9:30)

Damasco, Jerusalém, Tarso e Antioquia foram os primeiros destinos seguidos pelo apóstolo Paulo, sempre acompanhado de Barnabé, o que sugere que Barnabé tenha sido o principal discipulador de Paulo: “Então Barnabé foi a Tarso procurar Saulo e, quando o encontrou, levou-o para Antioquia. Assim, durante um ano inteiro Barnabé e Saulo se reuniram com a igreja e ensinaram a muitos. Em Antioquia, os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos” (Atos 11:25-26). A isso pregadores, teólogos e escritores cristãos chamam de primeira viagem missionária do apóstolo Paulo; as outras duas nunca aconteceram.

Em Pafos, a comitiva na qual se incluía o apóstolo Paulo, se encontrou com um falso profeta. O que evidencia ser o falso profeta um personagem bem conhecido e documentado na Bíblia: “Viajaram por toda a ilha, até que chegaram a Pafos. Ali encontraram um judeu, chamado Barjesus, que praticava magia e era falso profeta”. (Atos 13:6)

Neste ponto da narrativa de Lucas, tudo indica que já havia uma grande quantidade gentios convertidos ao cristianismo, o que levou os pregadores itinerantes a submeterem à igreja de Jerusalém os problemas mais recorrentes, presentes nas congregações, predominantemente gentias. Por ser o cristianismo uma seita judaica, a observância dos Dez Mandamentos era o ponto de partida: “Pois, desde os tempos antigos, Moisés é pregado em todas as cidades, sendo lido nas sinagogas todos os sábados”. (Atos 15:21)

A decisão dos apóstolos e presbíteros em Jerusalém, está de pleno acordo com o mandamento de Jesus Cristo às igrejas representadas no livro de Apocalipse, de se guardarem dos impostores e da imoralidade sexual. A humildade do apóstolo Paulo, retratado no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35) em nada condiz com o autor das cartas atribuídas a ele, mas distorcidas, pelo abominável da desolação, para transformá-lo no maior impostor do cristianismo. Os efeitos da distorção foram tais que no início do segundo século da era cristã, a igreja gentia foi totalmente destruída, conforme o livro “Pais apostólicos”, de vários autores, cuja introdução foi escrita pelo reverendo Alderi Souza de Matos (2013, pg.7):

... a tendência para o declínio dos padrões éticos na vida de muitos cristãos e o perigo sempre presente da apostasia fazem com que muitos desses escritos, em especial O Pastor de Hermas, adotem uma postura rigorosa com respeito à moralidade e à disciplina. Em contraste com a ênfase paulina na graça e na fé, a salvação passa a ser entendida em termos de obediência a uma nova lei. Ela não mais é vista como uma dádiva graciosa de Deus, mas como fruto do esforço e da obediência dos cristãos, refletindo um entendimento legalista ou moralista da vida cristã.”

Tal fato evidencia que nos onze primeiros capítulos da carta aos Romanos, há um manual de ateísmo e de anomia. Se considerarmos as cartas I e II aos Coríntios e aos Gálatas, percebemos que nelas há partidarismo, vitimização, maldição a qualquer outro Evangelho, além de sentença de morte para pecadores: um espírito assassino condizente com o abominável da desolação.

A forma de cristianismo que resultou das cartas atribuídas ao apóstolo Paulo é fria e impede os cristãos de buscarem a Deus em Espírito e em verdade. Assim, em todas as tentativas de os cristãos se aproximarem de Deus, como fez Jacó, são taxados de místicos, como se ser místico fosse pecado.

A forma de cristianismo resultante das cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, apresenta a Bíblia aos cristãos e os ensina que ali está a única forma de eles se comunicarem com Deus. Por isto, pregadores, teólogos e escritores cristãos dizem que a Bíblia está fechada e que não há mais nada da parte de Deus para os cristãos além do que está na Bíblia.

O apóstolo Paulo, que era um pregador itinerante, não ensinava em seu trabalho “coisas difíceis de entender”, como as que estão presentes nas cartas atribuídas a ele, denunciadas pelo apóstolo Pedro, como tendo sido distorcidas. Por isso ele pregava o Evangelho de Jesus Cristo, e era indistinguível, entre os demais pregadores itinerantes.

Todos os pregadores, teólogos e escritores cristãos se sentem filhos espirituais do apóstolo Paulo descrito nas cartas atribuídas a ele, porque o consideram o apóstolo designado por Deus para iniciar a redenção dos gentios. Mas não é isto que se vê nos registros feitos por Lucas no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35).

Contrariamente ao que encontramos nas cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35), não encontramos partidarismo, como também não encontramos doutrinas absurdas ou quaisquer registros que possam depor contra a imagem do apóstolo. E por incrível que pareça, quando os pregadores, teólogos e escritores cristãos fazem apologia à pessoa do apóstolo Paulo, contribuem para transformá-lo em um impostor, com a magnitude de um abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do Maligno.

A CARTA AOS ROMANOS

Com o iluminismo veio a premissa de que tudo deve ser questionado. Foi com esse espírito que o teólogo alemão Ferdinand Christian Baur fez uma releitura da Bíblia.

Como na idade média e em parte da idade moderna não havia liberdade religiosa, cada cidadão seguia a religião do estado em que vivia. A meu ver, o principal mérito do questionamento feito por Baur foi a investigação sobre as incongruências existente entre as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo e os relatos sobre o apóstolo Paulo contidos no livro de Atos dos Apóstolos.

Eu não acompanho Baur em todas as suas conclusões sobre o apóstolo Paulo, sobretudo quando ele sugere que alguns episódios vividos por ele, registrados no livro de Atos dos Apóstolos, tenham sido copiados dos episódios vivenciados pelo apóstolo Pedro. O que é verdade, mas ele não recebeu revelação divina para ir além das suas impressões pessoais.

Eu considero que a conclusão mais importante de Baur é que somente as cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas são de fato do apóstolo Paulo, e que as demais foram escritas por filósofos sofistas sob encomenda ao Império Romano. De fato, Nero e seus assessores e sucessores, em setenta anos de perseguição aos cristãos, do ano 64 ao ano 135 da era cristã adulteraram todas as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo.

Eu considero que o maior privilégio do cristianismo também seja o seu maior problema: é o fato de ele ser uma religião messiânica. Pelo cristianismo paulino, o messianismo de Jesus Cristo tem conferido muita autoridade aos apóstolos, aos impostores e à igreja; e nenhuma a Jesus Cristo. Por isto, precisamos sempre levar em conta a relação existente entre Jesus Cristo e Deus. Mas com o fechamento da Bíblia a um melhor entendimento da relação existente entre Jesus Cristo e Deus, o cristianismo de Jesus Cristo sequer teve chance de se pronunciar sobre um assunto tão importante. Perceba que desde a antiguidade a igreja não é mais cristã e sim apostólica. Os apóstolos são a boca de Deus falando, ainda que o conteúdo tenha sido distorcido pelo abominável da desolação. Por isso, a igreja cresceu em poder temporal com base no ensino de apóstolos e de impostores, se esquecendo de que sua missão é espiritual, tendo por base o ensino de Jesus Cristo.

Para que possamos pensar nas causas do fracasso do cristianismo paulino, em um ambiente de liberdade religiosa, primeiramente, temos que pensar sobre o papel de Deus em uma religião qualquer. No cristianismo paulino, pregadores, teólogos e escritores cristãos não se importam com a imagem que as pessoas possam perceber de Deus. Porque o cristianismo é apresentado como sendo monoteísta, mas Deus é apresentado como três pessoas distintas ou iguais, dependendo da ortodoxia cristã adotada.

Também, pregadores, teólogos e escritores cristãos ensinam que tudo o que estiver escrito na Bíblia é Deus falando, sem fazer juízo de valor da forma como o apóstolo Paulo trata a Lei de Deus que são os Dez Mandamentos. Eu sugiro que o conceito de Deus cristão seja mudado para que o cristianismo volte à condição de uma religião derivada do judaísmo, como era nos tempos apostólicos, porque a imagem que temos hoje do cristianismo é que ele é uma forma de paganismo politeísta.

Por haver sido curado de câncer, insuficiência cardíaca e cegueira, por anjos do Senhor, eu considero que devo levar Deus a sério. Assim, se as manifestações de Deus

para me curar foram verdadeiras, então as outras manifestações também foram. Por isso eu não vou esperar que alguém esteja disposto a crer nas minhas experiências com Deus para que eu adote o meu posicionamento em relação a elas, para que conceba a pessoa de Deus como Um.

Por isso, eu não venho apenas com as conclusões dos teólogos e historiadores iluministas que afirmam que as Escrituras e a revelação divina são coisas distintas. Também não me apoio somente nas conclusões de Baur sobre as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, para dizer que elas foram distorcidas. Eu também me apoio no relato do apóstolo Pedro, que afirma:

... o nosso amado irmão Paulo lhes escreveu, com a sabedoria que Deus lhe deu. Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles. Portanto, amados, sabendo disso, guardem-se para que não sejam levados pelo erro dos que não têm princípios morais, nem percam a sua firmeza e caiam. Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. (2 Pe 3:15-18)

Mas os pregadores, teólogos e escritores cristãos afirmam que o apóstolo Pedro está recomendando as cartas do apóstolo Paulo. A minha firmeza em afirmar que as cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas são prejudiciais ao cristianismo de Jesus Cristo se deve ao fato de um anjo do Senhor haver me aparecido e me mostrado que elas foram distorcidas por alguém que vem a ser o abominável da desolação referido pelo profeta Daniel e por Jesus Cristo.

O abominável da desolação é um anticristo, o que não significa que todos os anticristos sejam abomináveis da desolação. Tanto o abominável da desolação quanto o anticristo podem ser representados por pessoa ou instituição. As profecias contidas no livro do profeta Daniel falam de abomináveis da desolação que viriam antes e depois do nascimento do Messias ou Ungido.

Neste trabalho eu vou identificar apenas o abominável da desolação que se manifestou, de acordo com esta profecia contida no livro do profeta Daniel: “Depois das sessenta e duas semanas, o Ungido será morto, **e já não haverá lugar para ele**; a cidade

e o Lugar Santo serão destruídos pelo povo do governante que virá. O fim virá como uma inundação: guerras continuarão até o fim, e desolações foram decretadas” (Dn 9:26 – grifo do autor). Eu leio esta profecia como a linha do tempo que vai desde os dias do profeta Daniel até a consumação dos séculos.

A revelação que me foi dada sobre o abominável da desolação

Muitas manifestações sobrenaturais me ocorreram nos últimos 25 anos: em 28.12.1998, me apareceu um anjo do Senhor e me curou de câncer; em 11.05.2007, me apareceu um anjo do Senhor e me curou de insuficiência cardíaca; em 21.01.2019 me apareceu um anjo do Senhor e me disse que o livro de Apocalipse foi editado; em 08.05.2022, me apareceu um anjo do Senhor e me explicou a única profecia contida no livro de Apocalipse, após ser retirada a parte editada; em 10.09.2022 me apareceu um anjo do Senhor e me revelou a identidade do abominável da desolação que distorceu as cartas do apóstolo Paulo, e em 11.10.2022, me apareceu um anjo do Senhor e me curou de cegueira.

A lista de manifestações sobrenaturais de Deus em minha vida, como as relacionadas acima é extensa. Mas eu considero que estas manifestações sobrenaturais de Deus em minha vida sejam suficientes para justificar o meu interesse pela autoridade da Bíblia e pela autoridade de Jesus Cristo. Eu não sou teólogo nem profissional da religião; sou um trabalhador comum, como milhões de outros trabalhadores brasileiros.

Eu não sou um praticante de religiões esotéricas, do espiritismo ou de qualquer seita pentecostal. Eu congrego em uma igreja reformada histórica há cerca de quarenta anos. O que eu faço para justificar a minha devoção a Jesus Cristo, não faço em nome da igreja em que congrego; faço em meu próprio nome. Não tenho problemas mentais nem conheço qualquer pessoa da minha família, em qualquer grau de parentesco, que tenha ou tenha tido problemas mentais.

Em 10.09.2022, eu estava me preparando para divulgar nas redes sociais a teologia que atribui toda autoridade divina a Jesus Cristo, mas estava em conflito sobre como abordar as distorções que eu via nas cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas. Eu orava a Deus para que Ele me esclarecesse esta dúvida que não poderia ser resolvida pela inteligência humana.

Ao orar a Deus sobre o meu conflito, Ele me mostrou que “as cartas do apóstolo Paulo são um obstáculo para evitar que os seres humanos cheguem ao verdadeiro cristianismo de Jesus Cristo”. Sem me importar com o conteúdo do livro do profeta Daniel eu tive a certeza de que precisava para retirar as cartas do apóstolo Paulo, a parte editada do livro do Apocalipse, e a parte editada do livro de Atos dos Apóstolos da Bíblia.

Newton me levou ao profeta Daniel

Eu sempre achei as profecias sobre o fim do mundo, um verdadeiro absurdo. O que eu não sabia era que, sem a menor intenção, de uma hora para outra, eu me encontraria entre os que se interessam por tais profecias. Em uma busca na Internet para ver quem já havia se interessado pelo assunto, fiquei surpreso quando vi que Isaac Newton previu que o mundo acabará, certamente em 2374; ele cometeu um equívoco tão grande que de tão grande eu o chamo de equívoco newtoniano.

Isaac Newton dedicou mais de cinco décadas da sua vida para calcular a data certa do fim do mundo. Depois de muitos cálculos ele desistiu do plano e a sua aventura escatológica, muito sabiamente se reduziu a: “Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso, ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá”. (Mt 24:43-44)

Quando eu li o livro do profeta Daniel lá estava tudo o que eu procurava para completar a escatologia cristã. O texto que mais me impressionou foi: “Depois das sessenta e duas semanas, o Ungido será morto, **e já não haverá lugar para ele**; a cidade e o Lugar Santo serão destruídos pelo povo do governante que virá. O fim virá como uma inundação: guerras continuarão até o fim, e desolações foram decretadas”. (Dn 9:26 – grifo do autor)

Ao considerar o texto lido eu me ative a estes três eventos: “... o Ungido será morto, e já não haverá lugar para ele; a cidade e o Lugar Santo serão destruídos pelo povo do governante que virá ...”: a morte de Jesus Cristo, a distorção das cartas do apóstolo Paulo e a destruição de Jerusalém. Vamos associar esses três eventos a três datas, em décadas redondas: ano 30, ano 60 e ano 70 da era cristã.

Considerando que as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas começaram a circular em torno do ano 58; e que tanto o apóstolo Pedro quanto o apóstolo Tiago se insurgiram contra a distorção, elas não demoraram muito a serem distribuídas e produzirem efeitos danosos ao cristianismo de Jesus Cristo.

Jesus Cristo foi bem preciso quanto à data dos três eventos: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), (Mt 24:15); Ele estava se referindo à ação do Império Romanos contra os judeus e contra o cristianismo, que claramente aconteceu pela distorção das cartas do apóstolo Paulo e pela destruição de Jerusalém. A interpretação clássica para os fatos históricos contidos no livro do profeta Daniel envolvendo o rei da Grécia, conforme o texto menciona; os quatro reis que o sucederam, após a morte de Alexandre Magno, que tiveram curta duração, e a ascensão do Império Romano é inequívoca:

“mas o bode peludo é o rei da Grécia; o chifre grande entre os olhos é o primeiro rei o ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão deste povo, mas não com força igual à que ele tinha. Mas, no fim do seu reinado, quando os prevaricadores acabarem, levantar-se-á um rei de feroz catadura e especialista em intrigas. (Dn 8:21-23)

Os especialistas em cristianismo reformado costumam afirmar que o poder do Império Romano se instalou na igreja com a romanização da igreja a partir do século IV. Isto não é verdade, porque a romanização da igreja começou ainda no primeiro século da era cristã, com a distorção das cartas do apóstolo Paulo denunciada e combatida pelos apóstolos Pedro, João, Tiago e Judas.

O apóstolo Pedro não somente denunciou as distorções como também apontou a solução para o problema, uma solução óbvia, que pregadores, teólogos e escritores cristãos não aceitam: “Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”:

... o nosso amado irmão Paulo lhes escreveu, com a sabedoria que Deus lhe deu. Ele escreve da mesma forma em todas as suas cartas, falando nelas destes assuntos. Suas cartas contêm algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e instáveis torcem, como também o fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles. Portanto, amados, sabendo disso, guardem-se para que não sejam levados pelo

erro dos que não têm princípios morais, nem percam a sua firmeza e caiam. Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. (2 Pe 3:15-18)

Paradoxalmente, os pregadores, teólogos e escritores cristãos ensinam que o apóstolo Pedro está recomendando as cartas do apóstolo Paulo, e que qualquer violação à recomendação feita pelo apóstolo Pedro é punida com o fogo do inferno. Daí à conclusão de que as doutrinas do apóstolo Paulo estão arraigadas nas almas de pregadores, teólogos e escritores cristãos e impedem que os seres humanos cheguem ao verdadeiro cristianismo de Jesus Cristo.

O apóstolo Tiago chegou mesmo a fazer um texto paralelo à carta do apóstolo Paulo aos Romanos, para contestar a justificação antecipada somente pela graça mediante a fé e as distorções na interpretação dada pelo abominável da desolação aos textos tomados do Antigo Testamento:

Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta. Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé. Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios creem e tremem. Queres, pois, ficar certo, ó homem insensato, de que a fé sem as obras é inoperante? Não foi por obras que Abraão, o nosso pai, foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque? Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou, e se cumpriu a Escritura, a qual diz: Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça; e: Foi chamado amigo de Deus. Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente. De igual modo, não foi também justificada por obras a meretriz Raabe, quando acolheu os emissários e os fez partir por outro caminho? Porque, assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta. (Tg 2:14-26)

Ao mensurar o poder do abominável da desolação precisamos levar em conta a procedência desse poder, bem como a procedência do único poder capaz de detê-lo:

Grande é o seu poder, mas não por sua própria força; causará estupendas destruições, prosperará e fará o que lhe aprouver; destruirá os poderosos e o povo santo. Por sua astúcia nos seus empreendimentos, fará prosperar o engano, no seu coração se engrandecerá e destruirá a muitos que vivem despreocupadamente; levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrado sem esforço de mãos humanas. (Dn 8:24-25)

Para que possamos mensurar a magnitude das destruições causada pelo Império Romano ao “povo santo”, precisamos considerar que ele ainda não caiu para o “povo santo”; ele continua a causar “estupendas destruições” ao povo santo: “Grande é o seu poder, mas não por sua própria força; causará estupendas destruições, prosperará e fará o que lhe aprouver; destruirá os poderosos e o povo santo.”

Quando a antiga serpente é qualificada, uma das suas ferramentas para lidar com o despreocupado ser humano é a “astúcia”, com a qual “faz prosperar o engano”, com o objetivo de destruir “a muitos que vivem despreocupadamente”, como os nossos pais no jardim do Éden: “Por sua astúcia nos seus empreendimentos, fará prosperar o engano, no seu coração se engrandecerá e destruirá a muitos que vivem despreocupadamente”.

Eu nunca ouvi falar de qualquer cristão que, nos últimos vinte séculos, tenha dito que recebeu revelação divina com o objetivo de identificar o abominável da desolação que se levantou “contra o Príncipe dos príncipes”. Aqui estou eu descrevendo a revelação que me foi dada e a interpretando à luz das profecias do profeta Daniel e do ensino de Jesus Cristo, para concluir que o abominável da desolação: “levantar-se-á contra o Príncipe dos príncipes, mas será quebrado sem esforço de mãos humanas”.

A maior desolação causada ao “povo santo” se deve ao fato de que o abominável da desolação “... deitou por terra a verdade...” (Dn 8:12). O que foi anunciado por Jesus Cristo com absoluta precisão: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), (Mt 24:15). Tal abominação vem ocorrendo há dois mil anos, sempre que se ensina o “Evangelho do apóstolo Paulo” como se ele fosse o “Evangelho de Jesus Cristo”; isso é um estelionato praticado contra o Príncipe dos príncipes.

Jesus Cristo nos adverte contra a astúcia do abominável da desolação, ao afirmar: “(quem lê entenda)”, certamente se referindo à profecia de Daniel: “Depois das sessenta

e duas semanas, o Ungido será morto, e já não haverá lugar para ele; a cidade e o Lugar Santo serão destruídos pelo povo do governante que virá. O fim virá como uma inundação: guerras continuarão até o fim, e desolações foram decretadas” (Dn 9:26).

Ao interpretar a única profecia contida no livro de Apocalipse após ser retirada a edição, ficou evidente que “o fim virá como uma inundação”. É justamente a grande tribulação trazida pela grande inundação que levará os seres humanos à extinção da face da Terra. Em seguida virá a aplicação da pena aos iníquos, conforme descreve o profeta Daniel:

Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias se assentou; sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e miríades de miríades estavam diante dele; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros. Então, estive olhando, por causa da voz das insolentes palavras que o chifre proferia; estive olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado. (Dn 7:9-11)

A carta aos Romanos guarda traços de quem um dia foi escrita pelo apóstolo Paulo. No texto a seguir ela ensina o que o profeta Daniel expôs no texto acima para caracterizar a ira de Deus sendo aplicada como pena contra o reino do Mal. Então vejamos como o apóstolo Paulo descreve o dia da ira de Deus:

Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade, mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça. Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego glória, porém, e honra, e paz a todo aquele que pratica o bem, ao judeu primeiro e também ao grego. Porque para com Deus não há acepção de pessoas. (Rm 2:5-11)

Se o apóstolo Paulo não tivesse feito mais nada, no sentido de ensinar seus paroquianos que estavam em Roma, ou em qualquer outra parte do mundo, ele teria feito um grande trabalho pelo Evangelho de Jesus Cristo. Seria possível seus leitores concluírem que ele era um ávido leitor do profeta Daniel, como foi Isaac Newton.

A justificação antecipada, somente pela graça, mediante a fé

A justificação antecipada, somente pela graça, mediante a fé é a principal doutrina que divide os cristãos, desde o ministério dos apóstolos, se considerarmos que foi realmente o apóstolo Paulo que escreveu todas as suas cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas. Eu acabei de demonstrar que o profeta Daniel e Jesus Cristo anunciaram a ação do abominável da desolação para destruir o “povo santo”.

Se algum pregador, teólogo ou escritor cristão não concordar com a interpretação que eu dou, com base em revelações divinas, ao Evangelho de Jesus Cristo, ao livro de Apocalipse e ao livro do profeta Daniel, com respeito ao julgamento e destruição dos iníquos, é porque entende que a destruição do “povo santo” que eu atribuo ao abominável da desolação, na verdade, foi praticada pelo apóstolo Paulo, que em nada condiz com o texto a seguir:

Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade, mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça. Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego glória, porém, e honra, e paz a todo aquele que pratica o bem, ao judeu primeiro e também ao grego. Porque para com Deus não há aceção de pessoas. (Rm 2:5-11)

Eu peço que os pregadores, teólogos e escritores cristãos considerem que o apóstolo Paulo não poderia ir além do que ele escreveu no texto acima. Isso porque esse ensino tem como base a profecia de Daniel e uma profecia escatológica de Jesus Cristo. Eu diria que este ensino resume todo o propósito de Deus em ensinar os seres humanos: “Está escrito nos Profetas: ‘Todos serão ensinados por Deus’. Todos os que ouvem o Pai e dele aprendem vêm a mim” (Jo 6:45).

Se considerarmos que a palavra “procedimento” significa a prática de obras; e que perseverar em “fazer o bem” é uma ação humana, bem como procurar glória, honra e incorruptibilidade junto a Deus, conforme se lê: “que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade, mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à

verdade e obedecem à injustiça. Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal”, então, a doutrina da justificação antecipada, somente pela graça, mediante a fé somente, não se sustenta, porque no ensino do texto considerado tudo é obra, tudo é obediência à Lei de Deus e tudo é mérito diante de Deus.

Sendo assim, não se sustentando a doutrina da justificação antecipada, somente pela graça, mediante a fé, eu creio que pregadores, teólogos e escritores cristãos estejam autorizados a pegar uma tesoura e remover as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo de suas Bíblias.

O Senhor já fez a sua parte, e você o que vai fazer?

Se as revelações que me foram dadas por Deus são verdadeiras, então, a parte editada dos livros de Apocalipse e de Atos dos Apóstolos e as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo não devem permanecer na Bíblia. Eu não faço comentários sobre o conteúdo do livro de Apocalipse que eu considero edição; apenas aceito a interpretação de pregadores, teólogos e escritores cristãos, que veem no texto seis camadas adicionais de tribulação.

Contrariamente, as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, como a serpente, contraindicam a lei de Deus, que são os Dez Mandamentos e transformam a graça de Deus em libertinagem e “... deitam por terra a verdade...” (Dn 8:12). Por isso, algumas considerações precisam ser feitas sobre as cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas e quase nada será dito sobre as outras dez cartas que são igualmente adulteradas, apenas mostro que elas empoderam o apóstolo Paulo como o apóstolo dos gentios; afinal de contas, se o profeta Daniel estiver certo, alguém haveria de ocupar o lugar de Jesus Cristo.

Um dos pontos a serem considerados no cristianismo é que muitos cristãos se encontram cegos pelos dogmas paulinos e só enxergam as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, como conteúdo doutrinário para o cristianismo. Como resultado de tal cegueira, muitas pessoas não conseguem perceber que o cristianismo está se acabando na Europa e nos Estados Unidos, e há evidências históricas de que o cristianismo paulino se destina a acabar com qualquer forma de cristianismo, principalmente, o próprio cristianismo paulino, conforme o livro “Pais apostólicos”, de vários autores, cuja introdução foi escrita pelo reverendo Alderi Souza de Matos (2013, pg.7):

... a tendência para o declínio dos padrões éticos na vida de muitos cristãos e o perigo sempre presente da apostasia fazem com que muitos desses escritos, em especial O Pastor de Hermas, adotem uma postura rigorosa com respeito à moralidade e à disciplina. Em contraste com a ênfase paulina na graça e na fé, a salvação passa a ser entendida em termos de obediência a uma nova lei. Ela não mais é vista como uma dádiva graciosa de Deus, mas como fruto do esforço e da obediência dos cristãos, refletindo um entendimento legalista ou moralista da vida cristã.

No início do II século da era cristã, surgiram as dez cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, de aos Efésios a aos Hebreus. Algumas delas funcionaram como manuais de organização de igrejas, com base em doutrinas que têm como fundamento a perfeição do apóstolo Paulo. Tal perfeição começou a ser descrita no livro de Atos dos Apóstolos a partir do versículo (Atos 15:36). Ao chegar o início do IV século da era cristã, em um clima de liberdade a igreja mostrou que foi realmente liberta da lei de Deus que são os Dez Mandamentos, de acordo com Schaff (1890 pg. 969):

Repouso temporário (260-303 d.C.) – O imperador Galeno (260-268) deu paz à igreja mais uma vez e até reconheceu o cristianismo como uma religião lícita. E essa calma continuou por quarenta anos; pois o édito de perseguição, emitido pelo enérgico e guerreiro Aureliano (270-275), foi anulado por seu assassinato; e os seis imperadores que se seguiram rapidamente, de 275 a 284, deixaram os cristãos em paz. ... Durante esse longo período de paz, a igreja cresceu rapidamente em número e em prosperidade externa. **Grandes e até esplêndidos templos foram erguidos nas principais cidades e providas de coleções de livros sagrados e vasos de ouro e prata para a administração dos sacramentos. Mas na mesma proporção a disciplina relaxou, as brigas, as intrigas e as facções aumentaram e o mundanismo invadiu a igreja como uma inundação.**

Então, veio a pior de todas as perseguições já sofridas pela igreja, e em seguida a igreja tornou-se a religião oficial do Império Romano, ou o abominável da desolação.

A outra ocasião que vale ressaltar, em que as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, principalmente a carta aos Romanos, preferida de Martinho Lutero, se mostraram danosas ao cristianismo, foi justamente durante os primeiros dias da reforma protestante, de acordo com Lindberg, (1990, p. 287-90):

Lutero estava convencido de que a Igreja devia levar a sério suas responsabilidades educacionais e morais se quisesse ter qualquer credibilidade. Já reparamos que ele foi motivado a escrever catecismos depois do impacto que teve e de seu desapontamento quanto ao baixo nível da vida cristã que testemunhou após visitar algumas paróquias. Wittenberg, contudo também o estava desapontado: o povo deixou de contribuir regularmente com o fundo comum e apoiar financeiramente o clero e as escolas. Lutero passou a vociferar em sermões que as pessoas eram “bestas ingratas, indignas do evangelho”, e, ameaçando-as chegou a dizer: “Se não se arrependerem deixarei de pregar a vocês!” A pregação evangélica não estava produzindo o fruto desejado. Muitos abusavam da liberdade cristã, e Lutero não queria mais ser “pastor de tais porcos”, chegando mesmo a fazer, por um tempo, uma “greve” de mensagens. Visitas que fez a outras paróquias indicavam problemas semelhantes.

Todos os revezes trazidos ao cristianismo pelas cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, somente podem ser considerados normais e até mesmo desejáveis, se aceitarmos que devemos continuar vivendo sob o domínio opressor do abominável da desolação, mesmo depois de o Senhor haver se manifestado para destruir o poder dele, com a sua poderosa mão.

Textos que revelam a arrogância do abominável da desolação

O abominável da desolação é uma instituição muito má; é o Império Romano. Ele se defende, preventivamente, contra qualquer suspeita de que estivesse fazendo da carta aos Romanos, nos seus primeiros onze capítulos, um manual de ateísmo e de anomia. “Por que não dizer como alguns caluniosamente afirmam que dizemos: “Façamos o mal, para que nos venha o bem”? A condenação dos tais é merecida”. (Rm 3:8)

Para se ter uma ideia do quanto o dogma, que considera cada palavra escrita na Bíblia como palavra de Deus, é prejudicial à interpretação do texto bíblico, considere os inúmeros doutores em teologia que leram a carta do apóstolo Paulo aos Romanos, com o objetivo de comentá-la, nem desconfiaram de que as referências trazidas da Bíblia hebraica estavam fora de contexto. Os xingamentos eram dirigidos a pessoas muito cruéis, como nos casos dos opressores de Davi, referidos nos Salmos:

“... não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, não há nem um

sequer". "Suas gargantas são um túmulo aberto; com suas línguas enganam". "Veneno de serpentes está em seus lábios". "Suas bocas estão cheias de maldição e amargura". "Seus pés são ágeis para derramar sangue; ruína e desgraça marcam os seus caminhos, e não conhecem o caminho da paz". "Aos seus olhos é inútil temer a Deus". (Rm 3:11-18)

Considerando que a lei de Deus para toda a humanidade são os Dez Mandamentos, temos aqui a figura do abominável da desolação dispensando os cristãos de observarem a lei de Deus: "Pois sustentamos que o homem é justificado pela fé, independente da obediência à lei." (Rm 3:28). Mas em vez de rechaçar o abominável da desolação, os pregadores, teólogos e escritores cristãos o transformaram na santa boca de Deus.

Com o abominável da desolação transformado na santa boca de Deus, a lógica e o livre pensamento foram proibidos. Vejamos como a lei não deve ser obedecida, mas a fé confirma a obediência à lei: "Anulamos então a lei pela fé? De maneira nenhuma! Pelo contrário, confirmamos a lei" (Rm 3:31). Por favor, considere que a lei de Deus, representada pelos Dez Mandamentos, são o umbigo do processo civilizatório da humanidade.

Sem a lei de Deus só temos a anomia. Anomia significa a ausência de lei ou regra. E na Bíblia, só encontramos dois grandes pregadores de anomia: a serpente, que seduziu nossos pais, negando a validade do decreto de Deus, e o abominável da desolação que distorceu as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas. Veja como as contradições deles são gritantes: "a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à lei de Deus, nem pode fazê-lo" (Rm 8:7). Esta afirmação é contraditória porque ela está certa, está dando relevância à lei, quando o principal argumento do abominável da desolação é que lei produz o pecado. Esta contradição evidencia participação do verdadeiro apóstolo Paulo na carta aos Romanos.

A salvação é pela graça, mediante a fé e verdadeira disposição de se viver diante de Deus em oração e no exercício da compaixão. Mas por quatorze séculos, do século V ao século XVIII, a aquisição da salvação foi responsável pelo maior orçamento anual já executado pela civilização ocidental. E o responsável por tamanha confusão foi o abominável da desolação, que distorceu as cartas do apóstolo Paulo e os livros de Apocalipse e Atos dos Apóstolos. Por isso eu considero a remoção da Bíblia, das cartas

atribuídas ao apóstolo Paulo, e a parte editada dos livros de Apocalipse e Atos dos Apóstolos, um feito de Deus somente comparável à saída do povo de Israel do Egito.

O abominável da desolação usa de sutileza contra a lei de Deus, na medida em que toma situações do dia a dia para confundir as pessoas: “Ora, o salário do homem que trabalha não é considerado como favor, mas como dívida. Todavia, àquele que não trabalha, mas confia em Deus que justifica o ímpio, sua fé lhe é creditada como justiça” (Rm 4:4-5). Com ensinamentos assim, ele incentiva os seres humanos a uma vida de total irresponsabilidade perante Deus e perante os seres humanos.

É constrangedor, mas o abominável da desolação pisa a lei de Deus sem que pregadores, teólogos e escritores cristãos percebam: “... porque a lei produz a ira. E onde não há lei, não há transgressão” (Rm 4:15). É por causa da fé dos pregadores, teólogos e escritores cristãos em ensino como este que a pregação do “evangelho da graça” atribuído ao apóstolo Paulo se torna tão difícil de entender.

Qualquer criança sabe que todos os seres humanos são pecadores: “Mas Deus demonstra seu amor por nós: Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores” (Rm 5:8). As crianças sabem que todos os seres humanos são pecadores porque seus pais e seus avós as ensinaram. Bem-aventurada a criança que crescer com a consciência de que o veneno da serpente lhe faz muito mal.

Qualquer pessoa com o entendimento livre do dogma que afirma que cada palavra escrita na Bíblia é palavra de Deus percebe que o abominável da desolação enganou os cristãos pregando uma montanha de bobagens: “Que diremos então? Continuaremos pecando para que a graça aumente? De maneira nenhuma! Nós, os que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele?”. (Rm 6:1-2)

O abominável da desolação ensina rudimentos que barateiam a graça, o que leva as pessoas honestas à apostasia e as desonestas ao mundo do crime, em nome de Deus: “Pois sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e não mais sejamos escravos do pecado; pois quem morreu, foi justificado do pecado” (Rm 6:6-7). Se você não concorda com meus argumentos me diga onde fica uma igreja em que as pessoas não pecam.

Às vezes eu penso que o dogma que considera cada palavra contida na Bíblia como sendo a palavra de Deus é responsável por ninguém desconfiar de que o abominável da desolação distorceu as cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas: “Porque morrendo, ele morreu para o pecado uma vez por todas; mas vivendo, vive para Deus” (Rm 6:10). Todos sabemos que Jesus Cristo nunca viveu nem morreu para o pecado, porque, tendo Ele um espírito divino, Jesus Cristo não pecava.

O abominável da desolação usava a graça de Deus para enganar os cristãos, garantindo que os cristãos estariam livres do pecado por não estarem mais debaixo da lei: “Pois o pecado não os dominará, porque vocês não estão debaixo da lei, mas debaixo da graça.” (Rm 6:14). A lei de Deus nunca se propôs a salvar os seres humanos, ela foi dada por Deus para que possamos nos colocar diante dele e enxergar os nossos pecados e tomar conhecimento do que é lícito fazer e do que não é.

Eu peço que você considere quanta dificuldade há nos onze primeiros capítulos da carta aos Romanos: “E então? Vamos pecar porque não estamos debaixo da lei, mas debaixo da graça? De maneira nenhuma!” (Rm 6:15). A impressão que se tem é que o abominável da desolação se apresenta como um libertador do ser humano contra a opressão produzida pela lei de Deus. Foi assim que a serpente se apresentou a nossos pais.

Pode até ser que em uma religião seja cabível a figura de um libertador, mas se ela se destinar a enganar as pessoas é preciso que se tenha cuidado para o tipo de liberdade que é oferecida: “Quando vocês eram escravos do pecado, estavam livres da justiça.” (Rm 6:20). Com base neste texto, percebe-se que, o ser humano pode escolher entre se encontrar ou não com Deus no último dia da sua vida.

O abominável da desolação usa em seus argumentos, aspectos comuns do dia a dia para desqualificar a lei de Deus. É por isso que a anomia sempre ocorre quando se tenta restaurar o cristianismo com base nas doutrinas contidas nas cartas do apóstolo Paulo aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, mas distorcidas pelo abominável da desolação. Isto reforça a ideia de que o cristianismo paulino e o cristianismo petrino, que é o cristianismo de Jesus Cristo representam teses opostas.

Se o cristianismo paulino fosse apenas uma forma de cristianismo diferente do cristianismo petrino e fosse sustentável, a escolha entre o cristianismo paulino e o

cristianismo petrino seria apenas uma questão de consciência. Mas o cristianismo paulino foi concebido com o objetivo de produzir anomia e destruição não somente ao cristianismo de Jesus Cristo, mas também à sociedade.

Que fique claro que o apóstolo Paulo descrito no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35) nada tem a ver com o apóstolo Paulo descrito nas cartas atribuídas a ele. O apóstolo Paulo descrito no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35) não é um inventor de doutrinas como o apóstolo Paulo descrito nas cartas atribuídas a ele:

Meus irmãos, falo a vocês como a pessoas que conhecem a lei. Acaso vocês não sabem que a lei tem autoridade sobre alguém apenas enquanto ele vive? Por exemplo, pela lei a mulher casada está ligada a seu marido enquanto ele estiver vivo; mas, se o marido morrer, ela estará livre da lei do casamento. Por isso, se ela se casar com outro homem enquanto seu marido ainda estiver vivo, será considerada adúltera. Mas se o marido morrer, ela estará livre daquela lei, e mesmo que venha a se casar com outro homem, não será adúltera. Assim, meus irmãos, vocês também morreram para a lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerem a outro, àquele que ressuscitou dos mortos, a fim de que venhamos a dar fruto para Deus”. (Rm 7:1-4)

Os meus argumentos são sempre no sentido de que sem a lei de Deus o ser humano entra em processo de anomia. Felizmente, a partir da idade moderna, o estado moderno assumiu as funções de estado que eram exercidos pela igreja. Esse processo foi consolidado na idade contemporânea, com a implantação do estado moderno de direito, que pacificou o poder de aplicar o direito em todos os atos da vida civil.

Não adianta pregadores, teólogos e escritores cristãos pregarem contra a lei de Deus. As pregações deles não terão o menor efeito, quanto a produzir um estado de anomia, porque o estado moderno de direito já contempla sete dos Dez Mandamentos, restando apenas os três primeiros, por serem reservados à consciência. Imagine um missionário cristão convidando os não cristãos para se insurgirem contra a lei de Deus. Ao chegar ao local de pregação o cristianismo é apresentado como uma religião que contém doutrinas como esta: “... entreguem esse homem a Satanás, para que o corpo seja destruído, e seu espírito seja salvo no dia do Senhor”. (1 Co 5:5)

Mas os pregadores, teólogos e escritores cristãos sabem que não podem começar sua pregação assim. Eles deixam as doutrinas principais para depois. Normalmente, eles

começam ensinando sobre o Pão da Vida, contido no Evangelho de Jesus Cristo, segundo João. Eles dizem que se deve começar a ensinar oferecendo um leitinho fraco e só depois apresentar aos novos convertidos a comida sólida. Como é possível observar, eles se referem ao pão que o diabo amassou com as mãos do abominável da desolação, que tem o corpo do Império Romano, o rosto do apóstolo Paulo e o espírito do próprio diabo.

Alguém pode até perguntar: o Novo Testamento não tem nada melhor para ensinar? Tem o Evangelho de Jesus Cristo, mas os pregadores, teólogos e escritores cristãos foram ensinados que somente as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo são doutrinárias. É por isso que eu estou convidando o leitor a considerar as vantagens de crer que somente Jesus Cristo tem autoridade divina.

Considere que o apóstolo Pedro era um homem iletrado, que foi usado por Deus para ensinar os fundamentos do cristianismo de Jesus Cristo. Ele percebeu que as cartas do apóstolo Paulo continham “coisas difíceis de entender”, e que teriam sido distorcidas. Então vejamos, se o pescador tinha ou não razão:

Pois quando éramos controlados pela carne, as paixões pecaminosas despertadas pela lei atuavam em nossos corpos, de forma que dávamos fruto para a morte. Mas agora, morrendo para aquilo que antes nos prendia, fomos libertados da lei, para que sirvamos conforme o novo modo do Espírito, e não segundo a velha forma da lei escrita. Que diremos então? A lei é pecado? De maneira nenhuma! De fato, eu não saberia o que é pecado, a não ser por meio da lei. Pois, na realidade, eu não saberia o que é cobiça, se a lei não dissesse: "Não cobiçarás". (Rm 7:5-7)

Eu tenho mandato da parte de Deus para ensinar que as cartas do apóstolo Paulo são “um obstáculo para evitar que os seres humanos cheguem ao verdadeiro cristianismo de Jesus Cristo”, aquele formado a partir dos ensinamentos de Jesus Cristo. E os meus principais argumentos são a favor de uma sociedade em que as pessoas sejam guiadas pela lei de Deus para evitarem o pecado e as práticas criminosas.

O lado mais cruel da distorção das cartas do apóstolo Paulo é a atribuição a ele de doutrinas absurdas, a Jesus Cristo e em última análise, a Deus:

Mas o pecado, aproveitando a oportunidade dada pelo mandamento, produziu em mim todo tipo de desejo cobiçoso. Pois, sem a lei, o pecado está morto. Antes, eu

vivia sem a lei, mas quando o mandamento veio, o pecado reviveu, e eu morri. Descobri que o próprio mandamento, destinado a produzir vida, na verdade produziu morte. Pois o pecado, aproveitando a oportunidade dada pelo mandamento, enganou-me e por meio do mandamento me matou.” (Rm 7:8-11)

Conforme já foi dito, a lei de Deus não se propunha a salvar o ser humano. Mas o abominável da desolação não poderia ser mais cruel em colocar a lei de Deus contra a graça. Agora imagine a lei de Deus incapacitada ou enfraquecida:

Porque, aquilo que a lei fora incapaz de fazer por estar enfraquecida pela carne, Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne, a fim de que as justas exigências da lei fossem plenamente satisfeitas em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm 8:3-4)

O que precisamos ter em mente é que a lei de Deus é perfeita e nada nem ninguém a incapacita ou a enfraquece. Este tipo de discurso, que contém verdades irrefutáveis, mas esconde uma terrível maldade tende a levar o leitor a aceitar todo o discurso do abominável da desolação como se fosse verdadeiro. É por isso que ele tem sobrevivido até os nossos dias. Eu creio que ele somente será desalojado da Bíblia quando Deus o fizer; pelo menos, é o que diz o profeta Daniel.

A carta aos Romanos, nos seus onze primeiros capítulos representa um manual de ateísmo e de anomia. Um manual cheio de doutrinas prontas para enganar os cristãos. Então vejamos uma das doutrinas mais odiadas pelas pessoas livres pensantes:

Pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, também chamou; aos que chamou, também justificou; aos que justificou, também glorificou”. (Rm 8:29-30)

É com esta doutrina que surgem as divergências entre aqueles pregadores, teólogos e escritores cristãos que receberam o abominável da desolação como Deus sem nenhuma restrição e os que o recebem como Deus com alguma restrição. Daí nascem os aliancistas e os dispensacionalistas, que agora estão deserdados das dificuldades intransponíveis presentes no livro de Apocalipse, porque a parte do livro de Apocalipse em que eles se apoiavam para se declarar aliancistas ou dispensacionalistas era editada.

A outra grande desolação praticada contra o povo santo ocorre quando o abominável da desolação "... deita por terra a verdade..." (Dn 8:12), para praticar o antissemitismo da forma mais descarada, sem que nem mesmo a justiça comum perceba. Tal abominação vem ocorrendo há mais de dezesseis séculos, sempre que os judeus são perseguidos por motivos religiosos.

O versículo a seguir é um atestado de arrogância do abominável da desolação. Então, vejamos o nível de temor a Deus de quem faz tal declaração: "Pois eu até desejaria ser amaldiçoado e separado de Cristo por amor de meus irmãos, os de minha raça, ..." (Rm 9:3). Como alguém consegue crer que tal absurdo foi escrito pelo apóstolo Paulo? Aquele descrito no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35) que era um excelente pregador itinerante temente a Deus.

Todos sabemos que Abraão, Isaque e Jacó foram personagens dos mitos sagrados sumérios que foram tomados para a formação do mito fundador da nação de Israel e que os versículos a seguir somente se referem à promessa da terra que seria dada aos filhos de Jacó, que mais tarde se chamaria Israel, mas eles não foram poupados pelo abominável da desolação:

Todavia, antes que os gêmeos nascessem ou fizessem qualquer coisa boa ou má - a fim de que o propósito de Deus conforme a eleição permanecesse, não por obras, mas por aquele que chama - foi dito a ela: "O mais velho servirá ao mais novo". Como está escrito: "Amei Jacó, mas rejeitei Esáú". (Rm 9:11-13)

O capítulo nove da carta aos Romanos é considerado por pregadores, teólogos e escritores cristãos, o capítulo da soberania de Deus, por isso, um dos capítulos mais importantes do livro mais importante de toda a Bíblia. Por isso, sem ele o cristianismo paulino não faria sentido. Vejamos como o abominável da desolação apresenta um Deus que não passa de um monstro esmagador: "Portanto, Deus tem misericórdia de quem ele quer, e endurece a quem ele quer." (Rm 9:18)

Por incrível que pareça, a referência bíblica na qual o abominável da desolação se apoiou representa o mais belo diálogo de Deus com um ser humano. Considere, então, estas declarações feitas por Deus a Moisés:

O Senhor disse a Moisés: "Farei o que me pede, porque tenho me agradado de você e o conheço pelo nome". Então disse Moisés: "Peço-te que me mostres a tua glória". E Deus respondeu: "Diante de você farei passar toda a minha bondade, e diante de você proclamarei o meu nome: o Senhor. Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia, e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão". E acrescentou: "Você não poderá ver a minha face, porque ninguém poderá ver-me e continuar vivo". E prosseguiu o Senhor: "Há aqui um lugar perto de mim, onde você ficará, em cima de uma rocha. Quando a minha glória passar, eu o colocarei numa fenda da rocha e o cobrirei com a minha mão até que eu tenha acabado de passar. Então tirarei a minha mão e você verá as minhas costas; mas a minha face ninguém poderá ver". (Êx 33:17-23)

Deus respondeu a Moisés, de uma forma infinitamente misericordiosa, porque esta é a sua natureza. Deus é maravilhoso, Ele quer nos surpreender como surpreendeu a Moisés com esta declaração. Portanto, somente podemos perceber tantas barreiras impostas ao ser humano para que ele não se aproxime de Deus, como obra do abominável da desolação que é infinitamente cruel. Mas Deus está removendo todas as dificuldades postas no texto bíblico, para que, como Moisés, todos os seres humanos que quiserem possam ver a sua glória.

O abominável da desolação nos apresenta um Deus que se diverte fazendo vasos para admirar e vasos para quebrar: "E se Deus, querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder, suportou com grande paciência os vasos de sua ira, preparados para destruição? (Rm 9:22). Como se pode ver, no caso das cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, a religião é usada como forma de intimidação, rejeitada por qualquer ser humano racional.

Para o abominável da desolação não bastava destruir a nova seita judaica que se espalhava pelo mundo com graça e verdade. Era preciso colocar o cristianismo contra o judaísmo. Assim nasceu uma forma de cristianismo antisemita: "Que diremos, então? Os gentios, que não buscavam justiça, a obtiveram, uma justiça que vem da fé; mas Israel, que buscava uma lei que trouxesse justiça, não a alcançou". (Rm 9:30-31)

O uso do termo "graça" foi feito pelo abominável da desolação para enganar a todas as pessoas que lessem as cartas do apóstolo Paulo. Veja como isto acontece, em um

contexto em que a salvação se torna praticamente impossível a todos os seres humanos, uma vez que ele inventou um remanescente escolhido pela graça:

“Assim, hoje também há um remanescente escolhido pela graça. E se é pela graça, já não é mais pelas obras; se fosse, a graça já não seria graça. Que dizer então? Israel não conseguiu aquilo que tanto buscava, mas os eleitos o obtiveram. Os demais foram endurecidos, como está escrito: "Deus lhes deu um espírito de atordoamento, olhos para não ver e ouvidos para não ouvir, até o dia de hoje". E Davi diz: "Que a mesa deles se transforme em laço e armadilha, pedra de tropeço e retribuição para eles. Escureçam-se os seus olhos, para que não consigam ver, e suas costas fiquem encurvadas para sempre". (Rm 11:5-10)

Ao analisar o texto acima percebe-se que o abominável da desolação misturou predestinação com crueldade divina, que somente não percebem os enganados pelos dogmas paulinos irracionais. Por isso, há quase dois mil anos a humanidade é enganada. Assim, diante de um cristianismo tão cruel, não há como não considerar que seja coerente que ele se acabe e em seu lugar fique apenas o ressentimento, por parte de uma sociedade atônita, que não sabe o que fazer da vida.

Consideremos o quão pequeno o abominável da desolação nos apresenta Deus. Para que Ele pudesse salvar os gentios Ele precisaria interromper suas relações com os judeus e mandá-los para o inferno: “Mas se a transgressão deles significa riqueza para o mundo, e o seu fracasso, riqueza para os gentios, quanto mais significará a sua plenitude!” (Rm 11:12)

Se você crê que os onze primeiros capítulos da carta aos Romanos são totalmente inspirados por Deus, eu faço um apelo: pelo amor de Deus! em suas orações, peça a Ele que lhe devolva seu cérebro, capturado pelo abominável da desolação, veja então esta doutrina:

“Estou falando a vocês, gentios. Visto que sou apóstolo para os gentios, exalto o meu ministério, na esperança de que de alguma forma possa provocar ciúme em meu próprio povo e salvar alguns deles. Pois se a rejeição deles é a reconciliação do mundo, o que será a sua aceitação, senão vida dentre os mortos?” (Rm 11:13-15)

Pasmem, mas os pregadores, teólogos e escritores cristãos se gloriam por serem inteligentes o bastante para entender o conteúdo dos onze primeiros capítulos da carta aos

Romanos. Ela é a carta predileta para fazerem comentários de todos os seus versículos. Por isso eles se consideram privilegiados por transformar os insultos do abominável da desolação em palavra de Deus.

Nos versículos seguintes o abominável da desolação dá uma aula de botânica, do mais alto nível, para os tempos em que ela foi dada, com o objetivo de destruir o cristianismo de Jesus Cristo. Os argumentos dele têm por objetivo colocar cristãos contra judeus, alimentando o antissemitismo:

Se alguns ramos foram cortados, e você, sendo oliveira brava, foi enxertado entre os outros e agora participa da seiva que vem da raiz da oliveira, não se glorie contra esses ramos. Se o fizer, saiba que não é você quem sustenta a raiz, mas a raiz a você. Então você dirá: "Os ramos foram cortados, para que eu fosse enxertado". Está certo. Eles, porém, foram cortados devido à incredulidade, e você permanece pela fé. Não se orgulhe, mas tema". (Rm 11:17-20)

Usando de sutilezas, o abominável da desolação abarrotou as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo de mistérios, os quais somente foram revelados a ele: "Irmãos, não quero que ignorem este mistério, para que não se tornem presunçosos: Israel experimentou um endurecimento em parte, até que chegasse a plenitude dos gentios" (Rm 11:25). Por isso, há uma multidão de pregadores, teólogos e escritores cristãos se perguntando: o que significa plenitude dos gentios?

Eu peço aos pregadores, teólogos e escritores cristãos que pensem o quanto os judeus foram massacrados nos últimos dezesseis séculos. Que se voltem para a história e vejam o quanto o holocausto foi cruel para os judeus e vergonhoso para os cristãos; o holocausto representou um marco para o fim do cristianismo paulino na Europa e nos Estados Unidos.

Eu espero que pregadores, teólogos e escritores cristãos possam perceber que a sua tolerância para com o abominável da desolação já encheu a medida de Deus. E não adianta argumentar que o que acontece ao povo santo foi uma desolação decretada; é preciso considerar que o desvendamento das profecias do profeta Daniel representam uma forma de Deus destruir o poder do Império Romano que ainda causa tanta desolação:

Assim como vocês, que antes eram desobedientes a Deus, mas agora receberam misericórdia, graças à desobediência deles, assim também agora eles se tornaram desobedientes, a fim de que também recebam agora misericórdia, graças à misericórdia de Deus para com vocês”. (Rm 11:30-31)

Eu quero alertar aos pregadores, teólogos e escritores cristãos para o fato de o abominável da desolação haver poupado cinco capítulos da carta aos Romanos; os cinco últimos. Eu penso que se compararmos os cinco últimos capítulos da carta aos Romanos, com os onze primeiros capítulos, veremos nos onze primeiros capítulos um manual de ateísmo e de anomia.

A CARTA IAOS COTÍNTIOS

Estranhas sãs doutrinas

Não é toda religião que carrega consigo a pena de morte. Para o Império Romano, que vem a emprestar o corpo ao abominável da desolação, e para a igreja medieval que o sucedeu, a pena de morte contida no cristianismo paulino representou a cereja do bolo, da festa de união da igreja com o estado. Veja como a pena de morte aparece no cristianismo paulino:

Quando vocês estiverem reunidos em nome de nosso Senhor Jesus, estando eu com vocês em espírito, estando presente também o poder de nosso Senhor Jesus Cristo, entreguem esse homem a Satanás, para que o corpo seja destruído, e seu espírito seja salvo no dia do Senhor”. (1 Co 5:4-5)

Esta doutrina é muito cara ao calvinismo, uma vez que Calvino ensina: “Como Paulo escreve, ele entregou um homem a Satanás, à morte física, a fim de que seu espírito fosse salvo no dia do Senhor (1 Co 5.5). Ou seja (como interpreto), ele o consignou à condenação temporal, para que, na eternidade, continuasse salvo”.

Quando eu afirmo que esta doutrina é cara ao calvinismo, eu me baseio no seu emprego por Calvino para condenar à morte Miguel Servet, no ano de 1553, acusado de prática de heresia, por considerar que não há três pessoas na Divindade cristã. Eu espero que percebam que eu estou tecendo comentários sobre uma doutrina que pregadores, teólogos e escritores cristãos podem alegar que está no papel, mas nunca foi empregada.

Por favor, observe o conteúdo da doutrina dos versículos a seguir. Ela não tem a mesma gravidade da anterior, mas como todas as outras, inventadas pelo abominável da desolação, tem por objetivo fazer com que as pregações que têm por base as cartas do apóstolo Paulo mais se pareçam com histórias contadas por idiotas: “Pois o marido descrente é santificado por meio da mulher, e a mulher descrente é santificada por meio do marido. Se assim não fosse, seus filhos seriam impuros, mas agora são santos”. (1 Co 7:14)

A doutrina contida no versículo a seguir é uma das mais pregadas nas igrejas atualmente. Quando o pregador percebe que sua pregação não está agradando aos ouvintes, ele os ensina a imitarem a Jesus Cristo: “Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1 Co 11:1). Com isto eles pensam que estão fazendo uma afirmação que é sempre verdadeira e santa.

Mas Jesus Cristo não mandou que O imitássemos, Ele mandou que guardássemos os seus mandamentos. Com base na possibilidade de alguém poder imitar a Jesus Cristo, pregadores, teólogos e escritores cristãos afirmam que Jesus teve “uma alma racional”, logo, um espírito humano. Isto não é verdade, não é esse o entendimento do Concílio de Niceia (325), que ratificou o credo que vinha sendo usado como símbolo da fé cristã: o Credo Niceno.

Nesta carta aos Coríntios o apóstolo Paulo trata de assuntos importantes, mas o abominável da desolação a distorceu, introduzindo bobagens como: “Quero, porém, que entendam que o cabeça de todo homem é Cristo, e o cabeça da mulher é o homem, e o cabeça de Cristo é Deus” (1 Co 11:3); ... “O homem não deve cobrir a cabeça, visto que ele é imagem e glória de Deus; mas a mulher é glória do homem” (1 Co 11:7); ... “Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz. Como em todas as congregações dos santos, permaneçam as mulheres em silêncio nas igrejas, pois não lhes é permitido falar; antes permaneçam em submissão, como diz a lei. Se quiserem aprender alguma coisa, que perguntem a seus maridos em casa; pois é vergonhoso uma mulher falar na igreja”. (1 Co 14:33-35)

A ênfase do abominável da desolação sobre a pouca importância da mulher na religião tinha como objetivo enfraquecer o cristianismo. Ele sabia muito bem a importância do elemento feminino para a religião. Para que se tenha uma ideia da

importância da mulher na igreja primitiva, os críticos do cristianismo diziam que o cristianismo não tinha a menor importância porque era formado, principalmente, por mulheres, escravos e crianças. Vale lembrar que os escravos eram os serviçais e as crianças os filhos, ambos eram ensinados pelas mulheres.

Devido às loucuras ensinadas pelo abominável da desolação que distorceu as cartas do apóstolo Paulo, aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, cerca de vinte séculos depois, as mulheres continuam tendo um papel subalterno dentro da igreja, em um cristianismo paulino que, felizmente, está chegando ao fim. Precisamos nos lembrar de que a notícia que se espalhou sobre a transformação do corpo de Jesus Cristo em uma teofania, por um anjo foi testemunhada por mulheres: “Algumas das mulheres entre nós nos deram um susto hoje. Foram de manhã bem cedo ao sepulcro e não acharam o corpo dele. Voltaram e nos contaram que tinham tido uma visão de anjos, que disseram que ele está vivo”. (Lc 24:22-23)

Um dos mais belos e elucidantes trechos das cartas escritas pelo apóstolo Paulo é este:

“Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Porque ele "tudo sujeitou debaixo de seus pés". Ora, quando se diz que "tudo" lhe foi sujeito, fica claro que isso não inclui o próprio Deus, que tudo submeteu a Cristo. Quando, porém, tudo lhe estiver sujeito, então o próprio Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, a fim de que Deus seja tudo em todos”. (1 Co 15:25-28)

Infelizmente ele foi distorcido pelo abominável da desolação para negar que a morte tenha sido destruída. A morte foi destruída no Calvário. Também a submissão do Filho ao Pai foi posta para o futuro. Mas Jesus Cristo, ao ser morto entregou o seu Espírito para voltar a ser Um com o Pai. Assim, o Filho encontra-se no seio do Pai, indistinguível, onipresente, onisciente e onipotente. Considerando que Jesus Cristo foi gerado do Espírito Santo, logo o Espírito Santo é o Pai e é Um com o Filho. Portanto, não há o que se falar em três pessoas em Deus.

Um aspecto muito importante da descrição do apóstolo Paulo, feita por Lucas no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35), é que ele não fazia reivindicação do título de apóstolo, não se vitimizava, não era partidário. Vejamos, então como o impostor

reivindica o título de apóstolo: “Não sou livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus, nosso Senhor? Não são vocês resultado do meu trabalho no Senhor? Ainda que eu não seja apóstolo para outros, certamente o sou para vocês! Pois vocês são o selo do meu apostolado no Senhor”. (1 Co 9:1-2)

A encarnação de uma porção do Espírito Santo, a essência de Deus em um ser humano, com poder suficiente para nos trazer a graça, a verdade e confirmar a lei foi um fenômeno escatológico, na medida em que, a partir de então, o Reino de Deus começou a ser pregado. O Reino de Deus começou a ser estabelecido com a ida de Jesus glorificado ao Seio de Abraão e levado ao Céu as almas ou espírito dos mortos que em vida foram ensinados por Deus e aprenderam, ensina o apóstolo Pedro: “Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão”. (1 Pe 3:18-19)

A igreja primitiva era muito simples. O ensino era dado por presbíteros, que transmitiam os ensinamentos dos apóstolos, que tinham sido testemunhas oculares do ministério terreno de Jesus Cristo. Nos versículos descritos abaixo, percebe-se que o impostor usa especialização, como se os que ministram curas não pudessem também socorrer aos necessitados:

Assim, na igreja, Deus estabeleceu primeiramente apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois os que realizam milagres, os que têm dom de curar, os que têm dom de prestar ajuda, os que têm dons de administração e os que falam diversas línguas”. (1 Co 12:28)

Durante o seu ministério terreno, Jesus Cristo não nos mandou que profetizássemos, e as profecias e os dons de língua que seguiram os seus apóstolos e os seus discípulos foram instrumentais, em situações que não poderiam ser resolvidas pelos seres humanos. Por isso, não podemos considerar a glossolalia um dom de língua e devemos verificar a procedência das profecias. O que não se aplica à prestação de ajuda nem à ministração de curas: “... principalmente o dom de profecia” (1 Co 14:1). Eu penso que o que é autenticamente do apóstolo Paulo, é o cuidado que precisamos ter com os faladores de línguas e os profetas.

Uma das doutrinas mais importantes do cristianismo é a ressurreição de Jesus Cristo, e conseqüentemente, a ressurreição do ser humano em uma teofania. Essa doutrina é ensinada pelo apóstolo Paulo, e nem mesmo o abominável da desolação foi capaz de ensinar que Jesus Cristo e os seres humanos ressuscitariam em carne e osso. Eu não sei de onde os pregadores, teólogos e escritores cristãos tiraram tal absurdo, porque o apóstolo Paulo ensina: “Irmãos, eu lhes declaro que carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem o que é perecível pode herdar o imperecível” (1 Co 15:50). Pelos meus escritos, você deve ter percebido que eu não tenho nada contra o apóstolo Paulo, mas contra o abominável da desolação que distorceu suas cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas, e ainda usou o nome dele para escrever dez cartas que o colocasse no lugar de Jesus Cristo, como o apóstolo dos gentios.

No final da carta I aos Coríntios o abominável da desolação imprime a sua assinatura, se colocando contra a lei de Deus: “O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei” (1 Co 15:56). Ele também dirige uma saudação fanática: “Se alguém não ama o Senhor, seja amaldiçoado. Vem, Senhor!” (1 Co 16:22)

A CARTA II AOS CORÍNTIOS

A lei de Deus que trouxe a morte

Felizmente, Deus tem controle sobre a Bíblia, ainda assim o abominável da desolação foi claro nas suas pretensões de enganar os cristãos: “O ministério que trouxe a morte foi gravado com letras em pedras; mas esse ministério veio com tal glória que os israelitas não podiam fixar os olhos na face de Moisés por causa do resplendor do seu rosto, ainda que desvanecente”. (2 Co 3:7)

Eu não sei como os pregadores, teólogos e escritores cristãos se deixaram enganar por tanto tempo, ou seja, por quase vinte séculos: “Se era glorioso o ministério que trouxe condenação, quanto mais glorioso será o ministério que produz justiça!” (2 Co 3:9). Como alguém consegue crer que existe um libertador para o ser humano, que não Jesus Cristo? Jesus Cristo é o libertador que nos liberta do pecado e não da lei que nos santifica.

Às vezes eu vejo um certo censo de humor sarcástico por parte do abominável da desolação, como neste versículo: “Não somos como Moisés, que colocava um véu sobre a face para que os israelitas não contemplassem o resplendor que se desvanecia” (2 Co

3:13). Temos que considerar que nós seres humanos não podemos nos considerar superiores aos personagens do mito sagrado porque eles foram esculpido pelo dedo de Deus para nos revelar como Ele é, isto é, a sua natureza, e como devemos ser.

Mantendo-se coerente em rebaixar o significado das relações de Moisés com Deus, o abominável da desolação está rebaixando a lei de Deus, e conseqüentemente, rebaixando a Deus, o que somente é aceitável para alguém que não crê em Jesus Cristo. Eu espero que você, leitor, seja temente a Deus o suficiente para considerar que a lei de Deus não pode ser pisada por ninguém.

As intrigas entre os apóstolos

Eu penso que o objetivo do abominável da desolação era atingir, primeiramente o apóstolo Paulo. Ele descreve um apóstolo Paulo bem diferente daquele descrito por Lucas, no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35):

Pois mesmo que eu tenha me orgulhado um pouco mais da autoridade que o Senhor nos deu, não me envergonho disso, pois essa autoridade é para edificá-los, e não para destruí-los. Não quero que pareça que estou tentando amedrontá-los com as minhas cartas. Pois alguns dizem: "As cartas dele são duras e fortes, mas ele pessoalmente não impressiona, e a sua palavra é desprezível". (2 Co 10:8-10)

Agora eu peço que o leitor considere o versículo a seguir: "Todavia, não me julgo nem um pouco inferior a esses "super-apóstolos" (2 Co 11:5). Perceba que o objetivo do abominável da desolação era criar intrigas e rebaixar os apóstolos, que foram testemunhas oculares do ministério terreno de Jesus Cristo, principalmente, pelo fato de eles serem iletrados. O apóstolo Paulo descrito por Lucas no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35) nunca faria isso.

O abominável da desolação conseguiu criar um clima de relacionamentos tóxicos nesta carta. Infelizmente, pregadores, teólogos e escritores cristãos somente conseguem ver nela a santa boca de Deus: "São eles hebreus? Eu também. São israelitas? Eu também. São descendentes de Abraão? Eu também". (2 Co 11:22)

Vitimização imprópria aos discípulos de Jesus

É impressionante como o abominável da desolação considerou que o que estava fazendo era muito cruel, porque ele afirma: “estou fora de mim para falar desta forma”. Isto é uma maneira de capturar a simpatia de pregadores, teólogos e escritores cristãos, sem ao menos desconfiar que ele está prejudicando a imagem do apóstolo Paulo, a quem eles fazem forte apologia:

São eles servos de Cristo? - estou fora de mim para falar desta forma - eu ainda mais: trabalhei muito mais, fui encarcerado mais vezes, fui açoitado mais severamente e exposto à morte repetidas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus trinta e nove açoites. Três vezes fui golpeado com varas, uma vez apedrejado, três vezes sofri naufrágio, passei uma noite e um dia exposto à fúria do mar. Estive continuamente viajando de uma parte a outra, enfrentei perigos nos rios, perigos de assaltantes, perigos dos meus compatriotas, perigos dos gentios; perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, e perigos dos falsos irmãos. Trabalhei arduamente; muitas vezes fiquei sem dormir, passei fome e sede, e muitas vezes fiquei em jejum; suportei frio e nudez”. (2 Co 11:23-27)

Veja que o abominável da desolação está tomando um episódio citado por Lucas no livro de Atos dos Apóstolos. Um episódio, que ocorreu no início do ministério de pregador itinerante do apóstolo Paulo, que pareceu até engraçado e não um motivo de vitimização: “Em Damasco, o governador nomeado pelo rei Aretas mandou que se vigiasse a cidade para me prender. Mas de uma janela na muralha fui baixado numa cesta e escapei das mãos dele”. (2 Co 11:32-33)

Nesta carta escrita pelo apóstolo Paulo e distorcida pelo abominável da desolação, está a prova de que o cristianismo de Jesus Cristo é indestrutível. Por isso ele tem resistido a tantas intrigas, com o objetivo de destruí-lo: “Fui insensato, mas vocês me obrigaram a isso. Eu devia ser recomendado por vocês, pois em nada sou inferior aos "super-apóstolos", embora eu nada seja”. (2 Co 12:11)

A CARTA AOS GÁLATAS

A anomia segundo aos Gálatas

Ao analisar a ação do abominável da desolação que distorceu as cartas do apóstolo Paulo eu fico estarecido ao perceber que durante quase dois mil anos, nenhum pregador,

teólogo ou escritor cristãos percebeu o que o apóstolo Pedro, homem iletrado, percebeu e registrou em uma das suas cartas. Eu penso que o apóstolo Pedro percebeu por que ele é temente a Deus. Jesus disse: "Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado". (Mt 11:25-26)

Agora veja como este mandamento do abominável da desolação obstrui o caminho para o Evangelho de Jesus Cristo: "Mas ainda que nós ou um anjo do céu pregue um evangelho diferente daquele que lhes pregamos, que seja amaldiçoado!" Como já dissemos, agora repito: Se alguém lhes anuncia um evangelho diferente daquele que já receberam, que seja amaldiçoado!". (Gl 1:8-9)

De acordo com o relato sobre o encontro de Saulo com Jesus glorificado, no caminho de Damasco, percebe-se que Saulo foi encaminhado a Ananias, com quem Jesus teve uma longa conversa, até o convencer de que Saulo não representava mais uma ameaça, mas o abominável da desolação nega: "Mas Deus me separou desde o ventre materno e me chamou por sua graça. Quando lhe agradou revelar o seu Filho em mim para que eu o anunciasse entre os gentios, não consultei pessoa alguma". (Gl 1:15-16)

Como a lei de Deus é muito importante para os seres humanos, a única forma de o abominável da desolação destruir o trabalho dos apóstolos seria colocando os seres humanos contra a lei de Deus e provocando um estado de anomia capaz de destruir o processo civilizatório da humanidade: "Pois, por meio da lei eu morri para a lei, a fim de viver para Deus". (Gl 2:19)

Nesta carta, a anomia é chamada de liberdade cristã em relação à lei de Deus. Assim aconteceu com os anabatistas, no século XVI, ao iniciarem a guerra dos camponeses: "Essa questão foi levantada porque alguns falsos irmãos infiltraram-se em nosso meio para espionar a liberdade que temos em Cristo Jesus e nos reduzir à escravidão" (Gl 2:4). Perceba que o abominável da desolação considera se submeter à lei de Deus uma escravidão.

Felizmente o estado moderno de direito recepcionou sete dos Dez Mandamentos. Os humanistas perceberam que os Dez Mandamentos não contêm "princípios elementares, fracos e sem poder", e os adotaram como princípios avançados, fortes,

poderosos e libertadores: “Mas agora, conhecendo a Deus, ou melhor, sendo por ele conhecidos, como é que estão voltando àqueles mesmos princípios elementares, fracos e sem poder? Querem ser escravizados por eles outra vez?” (Gl 4:9)

O partidarismo religioso do impostor

Eu creio que seja impossível ao ser humano se santificar sem a observação da lei de Deus, representada pelos Dez Mandamentos. Mas o impostor se colocou contra a lei de Deus e ainda promoveu o partidarismo religioso entre os cristãos, principalmente contra os ensinamentos dos apóstolos, que foram testemunhas oculares do ministério terreno de Jesus Cristo:

Quanto aos que pareciam influentes - o que eram então não faz diferença para mim; Deus não julga pela aparência - tais homens influentes não me acrescentaram nada. Pelo contrário, reconheceram que a mim havia sido confiada a pregação do evangelho aos incircuncisos, assim como a Pedro, aos circuncisos. Pois Deus, que operou por meio de Pedro como apóstolo aos circuncisos, também operou por meu intermédio para com os gentios.” (Gl 2:6-8)

O abominável da desolação não teria escolhido alvo melhor do que o apóstolo Pedro, um pescador iletrado, que no Mar de Tiberíades, não demonstrou qualquer interesse em ser pescador de homens, mas Jesus glorificado o transformou no líder do cristianismo que produz seres humanos tementes a Deus:

Quando, porém, Pedro veio a Antioquia, enfrentei-o face a face, por sua atitude condenável. Pois, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios. Quando, porém, eles chegaram, afastou-se e separou-se dos gentios, temendo os que eram da circuncisão. Os demais judeus também se uniram a ele nessa hipocrisia, de modo que até Barnabé se deixou levar. Quando vi que não estavam andando de acordo com a verdade do evangelho, declarei a Pedro, diante de todos: "Você é judeu, mas vive como gentio e não como judeu. Portanto, como pode obrigar gentios a viverem como judeus? (Gl 2:11-14)

Senhores pregadores, teólogos e escritores cristãos da reforma, eu peço que deem uma olhada na história e verifiquem o quanto Martinho Lutero sofreu porque sempre repetia a mesma pergunta que o abominável da desolação: “querem agora se aperfeiçoar pelo esforço próprio?” Ou você considera que a reforma poderia ter sido melhor?

Ó gálatas insensatos! Quem os enfeitiçou? Não foi diante dos seus olhos que Jesus Cristo foi exposto como crucificado? Gostaria de saber apenas uma coisa: foi pela prática da lei que vocês receberam o Espírito, ou pela fé naquilo que ouviram? Será que vocês são tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, querem agora se aperfeiçoar pelo esforço próprio?" (Gl 3:1-3)

Há um princípio lógico que precisa ser lembrado. Se a salvação é gratuita, então porque ela requer a observância de tantos princípios, que não a lei de Deus? Princípios que não são declarados, exceto a abstinência dos cristãos em relação à lei de Deus. Senhores pregadores, teólogos e escritores cristãos, eu lhes imploro, pelo menos orem para que Deus lhes abra os olhos para que vejam o quanto a lei de Deus é importante.

A maldição da lei e o antissemitismo

O abominável da desolação procurou cercar a lei de Deus de agressões por todos os lados. Todos sabemos que Moisés foi um personagem mítico usado no mito fundador da nação de Israel, mas pregadores, teólogos e escritores cristãos insistem na historicidade do personagem, tudo isto por obediência ao abominável da desolação: "Já os que são pela prática da lei estão debaixo de maldição, pois está escrito: "Maldito todo aquele que não persiste em praticar todas as coisas escritas no livro da Lei". (Gl 3:10)

Por favor senhores pregadores, teólogos e escritores cristãos, aprendam a orar a Deus com honestidade, e se desfaçam do dogma que afirma que um apóstolo falando é Deus falando. Porque somente assim Deus lhes dará respostas à altura da honestidade das suas orações: "A lei não é baseada na fé; pelo contrário, "quem praticar estas coisas, por elas viverá" (Gl 3:12). Considerem que, de acordo com o abominável da desolação, a obediência à lei de Deus e a fé são práticas mutuamente excludentes.

O abominável da desolação encontrou na Bíblia hebraica mais um motivo para que a lei de Deus amaldiçoe os que tentarem andar por ela. Isto destrói o cristianismo e fere a religião dos judeus: "Cristo nos redimiu da maldição da lei quando se tornou maldição em nosso lugar, pois está escrito: "Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro" (Gl 3:13). Você, leitor, não crê que Deus rejeite um ser humano, pelo simples fato de ele haver sido crucificado?

Por ter sido uma instituição muito iníqua, o abominável da desolação tinha muita certeza de que Jesus Cristo não o ouvia. O mesmo eu penso dos pregadores, teólogos e escritores cristãos que seguem, cegamente, as doutrinas ensinadas por ele, como esta: “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Portanto, permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão” (Gl 5:1). Você, leitor, crê que Jesus Cristo nos libertou da observância dos Dez Mandamentos?

O ataque à lei de Deus é uma forma de antissemitismo que o abominável da desolação ensina com muito prazer. Com isso ele transforma todos os pregadores, teólogos e escritores cristãos em antissemitas. Considere este comentário enviesado sobre Hagar e sua descendência:

Digam-me vocês, os que querem estar debaixo da lei: Acaso vocês não ouvem a lei? Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre. O filho da escrava nasceu de modo natural, mas o filho da livre nasceu mediante promessa. Isso é usado aqui como uma ilustração; estas mulheres representam duas alianças. Uma aliança procede do monte Sinai e gera filhos para a escravidão: esta é Hagar. Hagar representa o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à atual cidade de Jerusalém, que está escravizada com os seus filhos”. (Gl 4:21-25)

Agora, veja como o abominável da desolação se meteu em uma briga de crianças para provocar reações antissemitas. Ele usa as Escrituras para embasar suas doutrinas absurdas:

Naquele tempo, o filho nascido de modo natural perseguia o filho nascido segundo o Espírito. O mesmo acontece agora. Mas o que diz a Escritura? "Mande embora a escrava e o seu filho, porque o filho da escrava jamais será herdeiro com o filho da livre". Portanto, irmãos, não somos filhos da escrava, mas da livre”. (Gl 4:29-31)

Precisamos adorar a Deus em espírito e em verdade se quisermos obter dele respostas coerentes com a nossa fé. Não podemos nos cercar de dogmas irracionais que visam nos prender como as redes prendem os pássaros. Veja o que todos os pregadores, teólogos e escritores cristãos ensinam sobre a Bíblia, como ela se encontra, de acordo com Calvino (2018, pg. 204): “E, assim, têm desprezado a Deus, o qual não proíbe apenas que se adicione algo à Escritura, mas também que se subtraia dela a menor partícula”. Pois eu tenho mandato de Deus para afirmar que o livro de Apocalipse foi editado e que

as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo são “um obstáculo para evitar que os seres humanos cheguem ao verdadeiro cristianismo de Jesus Cristo”.

Eu creio que na Bíblia haja três Paulos. O primeiro e autêntico é o servo de Deus descrito no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35). O segundo é o autor das cartas aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas. Creio também que tais cartas foram distorcidas pelo abominável da desolação com o objetivo de destruir ao apóstolo Paulo e ao cristianismo e os seres humanos. O terceiro é o representado pelos filósofos sofistas, que sob encomenda do Império Romano escreveram as dez cartas restantes que vão de aos Efésios até aos Hebreus.

Como as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, ou foram distorcidas ou foram escritas por filósofos sofistas, eu recomendo que somente fiquemos com o primeiro Paulo, o descrito no livro de Atos dos Apóstolos, até (Atos 15:35). Eu creio que somente nos abstendo de considerar necessárias ao cristianismo de Jesus Cristo, as cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, poderemos receber a Jesus Cristo como Deus, para crer que somente Ele tem autoridade divina para nos ensinar.

Esta minha recomendação também se deve ao fato de tais cartas apresentarem um nível de dificuldade incompatível com a simplicidade do cristianismo de Jesus Cristo. Por isso, muitos pregadores, teólogos e escritores cristãos acabam também distorcendo tais cartas, por darem a elas a interpretação que mais lhes pareça adequada, dados o nível de dificuldade e as inúmeras contradições presentes nelas. Assim, elas funcionam com cartas brancas, em que cada pregador, teólogo ou escritor cristão pode dar a sua interpretação ou seguir os passos de um dos seus pares mais experiente.

Infelizmente, nenhum pregador, teólogo ou escritor cristão ousa pensar por si mesmo sobre o que leem, porque consideram os seus cérebros muito pequenos diante da magnitude do cérebro do “deus” que distorceu as cartas do apóstolo Paulo, aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas e agiu na vida dos sofistas para que eles escrevessem as outras dez.

Eu creio que somente Deus seria capaz de abrir o entendimento dos seres humanos para perceberem as distorções contidas nas cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, aos Romanos, I e II aos Coríntios e aos Gálatas. Uma das evidências disto é que os ateus

vasculham a Bíblia toda para encontrar contradições e nada apontaram até agora sobre tais cartas. Eles já descobriram até que Deus está morto, mas não descobriram ainda quem foi o assassino.

Por considerar o cristianismo de Jesus Cristo muito importante para os seres humanos, eu peço aos leitores que desconfiem de tudo o que eu falo ou escrevo, mas leve sua desconfiança a Deus e não a pregadores, teólogos e escritores cristãos, porque eles já meditaram sobre tais cartas por bilhões de horas, durante um período de quase dois mil anos para se fortalecerem com os ensinamentos do abominável da desolação e não de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia – todas as referências Nova Versão Internacional Calvino, João, Institutas da Religião Cristã”. Ed. Fiel da Missão Evangélica Literária - Edição do Kindle. São José dos Campos, SP. 2018 Lindberg, Carter, História da Reforma; Ed. Thomas Nelson Brasil – Edição Kindle; Rio de Janeiro, RJ. 2017 Schaff, Philip. History Of The Christian Church (The Complete Eight Volumes In One) Edição do Kindle; New York, 1890 Vários Autores, Pais Apostólicos; Ed. Mundo Cristão – Edição Kindle; São Paulo, SP. 2013

SOBRE O AUTOR

Afonso Meneses

O autor tem formação em Matemática e Economia e especialização em Educação. Por haver sido curado de câncer e de insuficiência cardíaca e cegueira, por Deus, através de anjos, sente-se no privilégio de convidar todas as pessoas para a reconstrução do cristianismo de Jesus Cristo

YOUTUBE: @O_APOCALIPSE_DESVENDADO

CONTATO DO AUTOR Email: vidareta@live.com